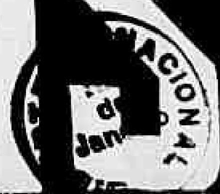
REVISTA DA SEMANA



NO TEXTO:

O TRIGO TAMBÉM TEM SEU DRAMA

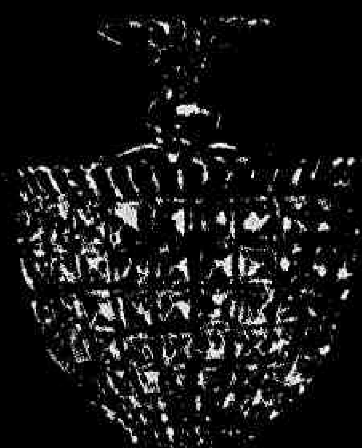
Saraivada sôbre o Rio

T-88.145

A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

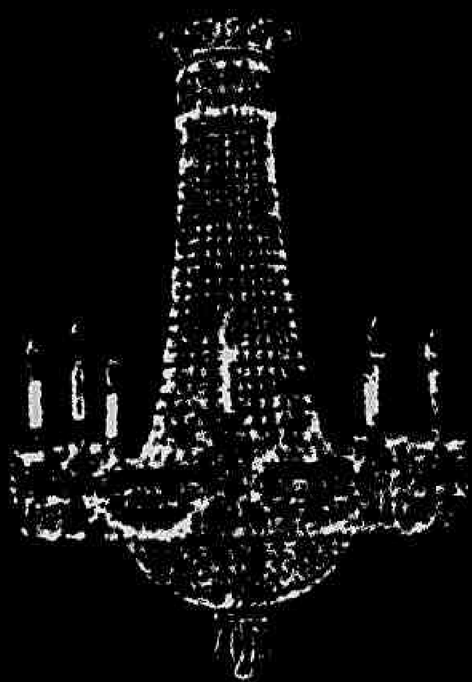
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



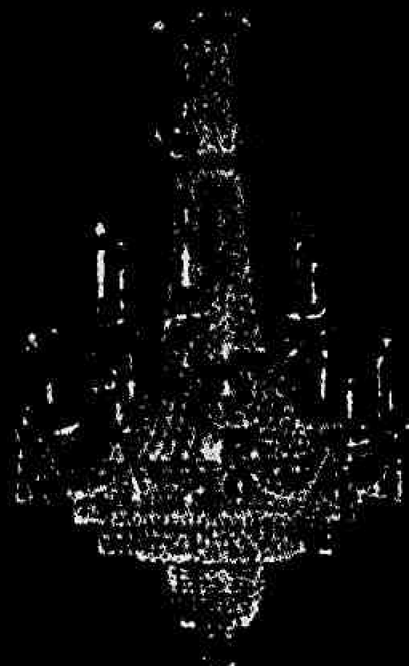




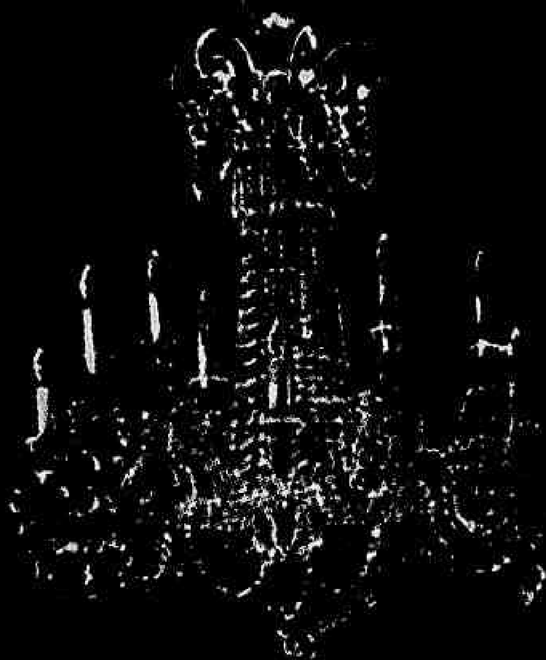
Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.

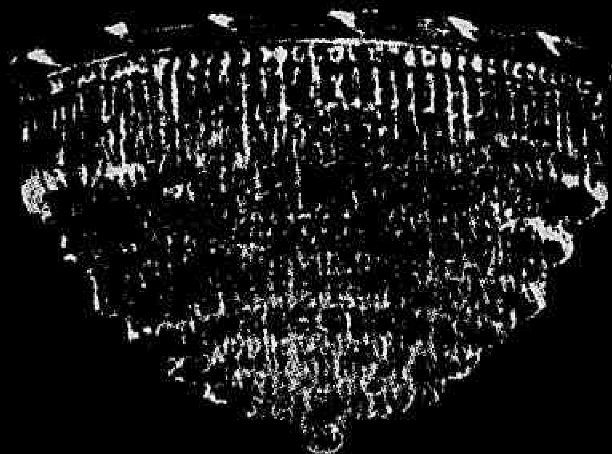






ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA

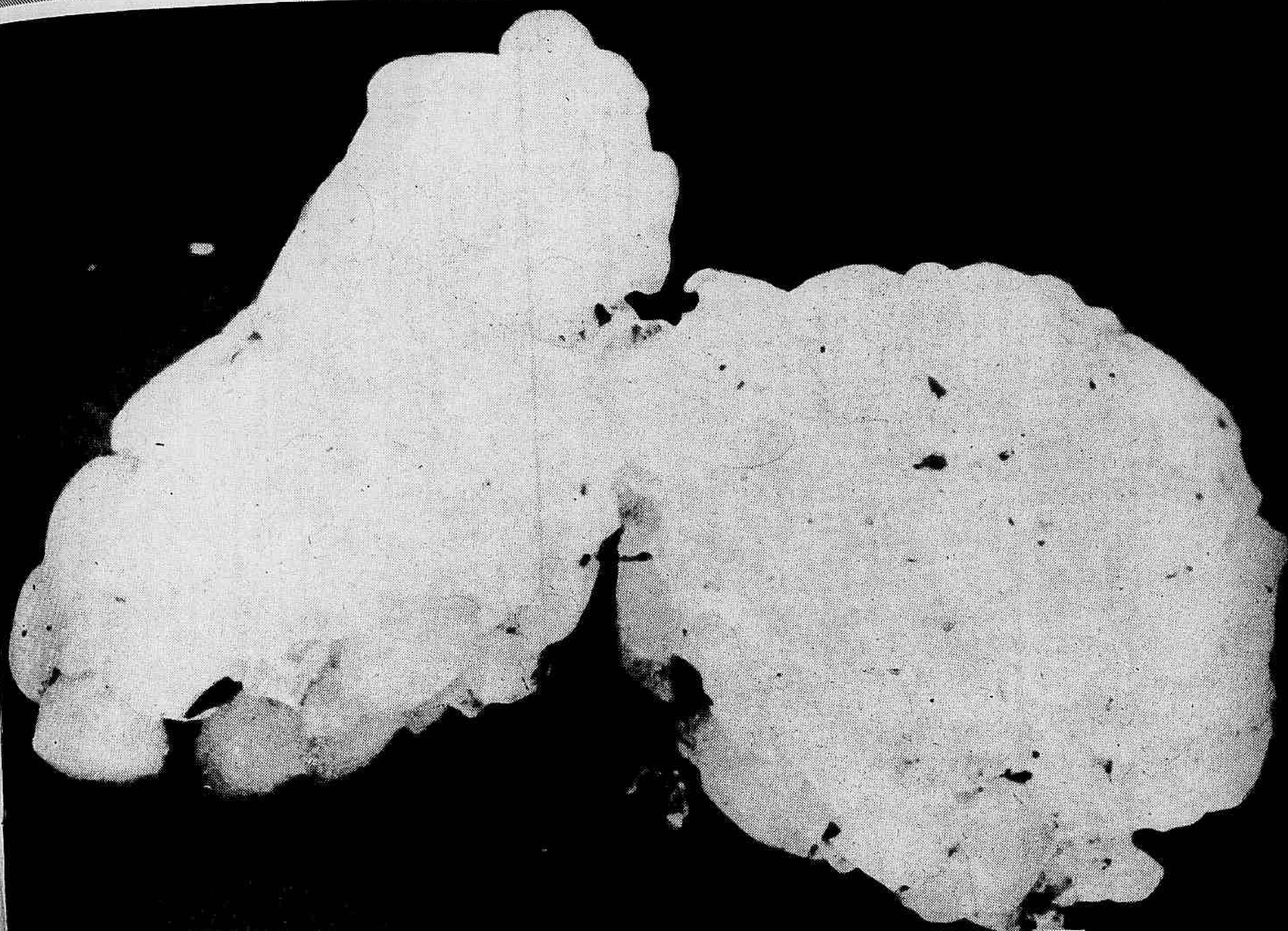






LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO

SARAIVADA SÔBRE O RIO



A maior chuva de pedras já registrada na capital da República caiu na manhã do dia seis com um ineditismo impressionante de sangue, devastação e morte. A fúria dos ventos e do granizo transformou-se numa catástrofe de proporções tremendas, enlutando lares, desabrigando famílias inteiras, causando prejuízos que sobem à casa dos cinco bilhões de cruzeiros. Uma trágica calamidade pública. O temporal de gêlo surpreendeu abrindo na história do Distrito Federal mais êsse capítulo inesquecível. A zona suburbana foi a mais cruelmente atingida por aquêle vendaval destruidor. Pedras de gêlo superiores a 40 quilos caíram sôbre a faixa suburbana de Marechal Hermes e blocos de 2 centenas de toneladas atingiram o Campo dos Afonsos. Nesta chuva avassaladora os danos foram maiores nas favelas. Pobres casebres que não dispõem de alicerces a grande maioria desapareceu no turbilhão da en-



Pedras de gêlo com estas caíram inúmeras principalmente na faixa suburbana do Rio de Janeiro. A tempestade de gêlo destruiu várias habitações e causou até muitas mortes.

Tal como nos países onde a neve cai abundante, ficou o chão completamente coberto de gêlo. Depois da chuva de granizo eram comuns cenas como esta. O prazer da novidade.

• Não acontecia desde 1940
• Jamais foi tão forte
• Granizo não é saraiva

(Fotos de "O Globo")





Passado os instantes de pavor, a criançada saiu às ruas e campos para divertir-se com as bolinhas de gêlo. Fato inédito no Rio, a chuva de pedras causou enormes

prejuizos, devo principalmente ... búrbios de M Hermes e os ... dos Afonsos. ... juntos residencia... bém foram ati...

As pedrinhas de gêlo foram recolhidas e a novidade despertou a curiosidade dos pequenos e dos grandes. As crianças queriam provar que gôsto tinham as pedras da chuva.

Êsse cidadão ... limpar o gêlo ... abundante no ... tal. Se não ... danos causa... um bom di... que nos dava... ras de mult...



astantes de
nçada saiu
mpos para
m as boli-
. Fato iné-
a chuva de
ou enormes

prejuízos, devastando principalmente os subúrbios de Marechal Hermes e os Campos dos Afonsos. Os conjuntos residenciais também foram atingidos.



ıs de gêlo fo-
das e a no-
esperlou a
dos peque-
grandes. As
eriam provar
tinham as
da chuva.

Êsse cidadão procura limpar o gêlo que caiu abundante no seu quintal. Se não fôssem os danos causados seria um bom divertimento que nos davam as chuvas de muito granizo.

SARAIVADA SÔBRE O RIO



Foi necessário, em certos pontos da cidade, verdadeira ação de conjunto para desobstruir as ruas. Os particulares tiveram que agir desta maneira, como vemos na foto.

xurrada. Os conjuntos residenciais sofreram instantes de pavor com os seus habitantes a fugirem dos efeitos desastrosos da chuva de gêlo. O conjunto residencial do IAPC de Irajá foi o mais danificado. O Parque de Aeronáutica do Campo dos Afonsos foi atingido duramente. Os enormes pedaços de gêlo aniquilaram completamente 19 aviões de treinamento, 6 aviões de treinamento adiantado e 1 "Lodstar" de 2 toneladas. No galpão da garagem foram avariados 15 carros. A impetuosidade do vento que ali alcançara a velocidade de 180 quilômetros horários produziu outros prejuízos, inclusive até mortes. Os hospitais da cidade socorreram cêrca de 900 pessoas, algumas delas em estado grave. E' avultado o número de desaparecidos. O Presidente da República e o Prefeito do Rio de Janeiro prestaram imediata assistência, ordenando as mais urgentes e oportunas providências.



As ruas ficaram completamente intransitáveis. Aqui vemos populares que se distraem apanhando gêlo nas calçadas. O trânsito ficou por muito tempo interrompido nas ruas.



Esta foto nos lembra certas regiões da Europa tal a semelhança do aspecto logo após a chuva de granizo do dia seis. As árvores e as casas ficaram cobertas de gêlo

RE
ANO L
REPORTAGENS
Saraivada sôb
A dança da
Dentro de Cin
O trigo també
Oliveira Vel
LITERATURA
O pai da cria
O pequeno c
Semana Liter
Isaura amou
chetti) ....
História de b
SEÇÕES PER
A semana e
A personagem
Puxe pelo cé
Passatempo
A Revista há
Tudo isto a
FOLHETINS
Capitão Rob
Filho, meu f
ROMANCE
A Insatisfeit
FEMININAS
Para o forte
Elegante (R
Reinado do
Conversa d
Roteiro de
Sugestões d
A saúde do
CARICATUR
Onde está
Este mundo

ASSINA
Porte simpl
Seis meses
Registrada
Seis meses
Registrada
Seis meses
CORRESPO

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 25 ★ 21-6-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Saraivada sôbre o Rio 3/6
.... 54/57
A dança da cobra 11/15
Dentro de Cinecittà (Por Danilo Ramires) . 19/21
O trigo também tem seu drama (por Nilo de Oliveira Veloso) 27/33

LITERATURA

O pai da criança (por Martins D'Alvarez) .. 7
O pequeno conto (por Geo William) 8
Semana Literária (por Edmundo Lys) 16/17
Iraura amou demais (por Arnaldo B. Marchetti) 26
História de bar (por F. Moreira) 38

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/9
A personagem da semana (Harry Truman) . 9
Puxe pelo cérebro 42
Passatempo (por Renato Cartaxo) 43
A Revista há 50 anos 39
Tudo isto aconteceu 52/53

FOLHETINS

Capitão Rob 24/25
Filho, meu filho 48/49

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 22/23

FEMININAS

Para o forte frio 35
Elegante (Ramon) 36/37
Reinado do algodão 40/41
Conversa de mulher (por Isolete) 42
Roteiro de beleza 43
Sugestões diversas 44
A saúde do bebê (Pelo Dr. Saboia Ribeiro) . 47

CARICATURA

Onde está o dinheiro (Théo) 10
Êste mundo e o outro (Darcy) 18

NA CAPA

Tonia Carreiro (Foto Columbia)

O PAI DA CRIANÇA

O ESCRIVÃO do Registro Civil grafou o nome da menina e pediu o do pai. E o prêto velho, alteando a voz, foi dizendo:

— Isaac Lourenço da Silva, êste seu criado!



O escrivão suspendeu a pena. Não era possível que aquêle negro velho, de carapinha branca, estivesse dizendo a verdade. Isaac, alcançando a dúvida que pairava no gesto do moço, procurou esclarecer:

— A filha é minha mesmo, patrão. Tenho 105 anos, mas fique certo que é. Casei três vêzes. Já enterrei duas Marias e a terceira, graças a Deus, vive ainda comigo, sem necessidade de fazer asneiras. Saiba **Vosmincê** que com essa menina completo 22 filhos legítimos. O mais velho já conta 68 anos. Por ora, essa é a mais novinha. Mas, espero não ser a última. Se Deus não mandar o contrário, ainda hei de voltar aqui para ocupar de novo **Vosmincê**.

O escrivão se desculpou, não falara por mal. E' que, realmente, admirava a sua fortaleza física e invejava a sua perfeita forma.

E Isaac aproveitou a deixa para bravatear:

— Bem!... Lá isso é verdade! Sem desfazer no patrão, não me troco por muito menino de 40 anos. Ainda sou duro no cabo da enxada... Não escolho cavalo para montar... Ceio o meu tutu de feijão e levanto todo o santo dia com o quebrar da barra, seja inverno ou verão. E não se pense que tenho levado vida folgada! Nasci escravo da família Bias Fortes, ali, em Barbacena. Engatinhei na senzala e fui crescer no eito, à vista do chicote do Feitor. Quando fiquei taludo, entrei no pesado, de verdade. Trabalhei que nem boi de carro, mas sempre arranjando umas folguinhas para as minhas danações. Depois, veio a Liberdade pela mão abençoada da Princesa Isabel. Não adiantou muito para mim, pois apenas troquei um Senhor por uma senhora — me casei. De então para cá, é como **Vosmincê** está vendo, vim rolando sem ser pipa neste pedacinho de céu de Minas Gerais que me viu nascer e onde, espero em Deus, hei de largar a ossada.

O escrivão espantado ante tão curioso macróbio, fértil até na loquacidade, tratou de ultimar o se utrabalho, pois a freguesia o esperava.

O fato acima se deu há dois anos passados, em Belo Horizonte. Hoje, na mesma cidade, Isaac Lourenço da Silva, com 107 anos de idade, reaparece, não no Registro Civil, mas sim no Serviço de Trânsito, onde foi reclamar providências sôbre o atropelamento de um dos seus filhos.

A curiosidade pública aproveitou a ocasião para indagar se a sua família já tinha aumentado.

— Não aumentou por causa da Maria. Ela pegou o luxo da gente da cidade. Não quer mais filhos!

MARTINS D'ALVAREZ

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS**

Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com meda-
lha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Gran-
des Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em
1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América
do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York
City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos,
Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena
A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º dis-
trito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Consti-
tuyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa",
Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor.
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA
está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada
pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando
não publicados. Os trabalhos assinados são de respon-
sabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

O PEQUENO CONTO

ESTRANHO LINGUAJAR

Por GEO WILLIAM



NEM sempre e nem todos os leitores sabem que há uma linguagem corrente, como moeda convencional, entre certa casta de indivíduos que vive à margem da sociedade. Volta e meia o leitor, quando um repórter se deixa levar pelo realismo das coisas, vê, entre aspas, uma ou outra frase que advinha, mas não entende. Para que se possa avaliar a profundidade dessa "língua", quase internacional no mundo da "lunfardia", daremos abaixo um diálogos entre dois malandrinhos, no aconchego de um xadrez úmido e escuro, para onde tinham sido enviados pela solerte polícia. Trancafiados e desejando atravessar as horas monótonas do "dolce far niente" de prisão, um dêles resolveu narrar a última aventura. E fê-lo da seguinte forma: — Papolei com a mina: "Tu trata de cavar a gaitolina para i ao fandango do portuga e comprar uns crivos". A mina falou: "Neca de gaita nego! Tou exuta como madeira compensada. Tá' na hora de faze' fôrça e a Justa num ta' com o ôio em riba. Va' faze' uma ventana, um escruncho, um bobo pelo menos. Os tira tão de pensamento em outra banda. Va' home! Tu nem parece que ta' na lunfardia! Os companho andam de pisante novo, aduana bacana, brilho nos dédo. Tu anda como doutô sem freguesia..." Intô arresorvi e sai prostrabaio. Logo dei com um alcaguêta que despistei. Adipois entre no loca'. Tava fazendo a ventada quando o ferreiro deu para xatear. Pulei ni pizo e vi um bobo grande. Era pra mi! Garrei, mas nisso o Estacio veio com o berro na mão. Chamou a Justa. A cana comeu...

— E a mina? — perguntou o outro.

— A mina fêz fôrça! Não tinha gaita para o alívio e juntou os trapos pra i fala' ao majorengo, la' no Gabi. "Seu doutô" — disse — meu marido é home direito! Por favô vê se solta o coitado! Eu sou muiê trabaiadeira e ele muito me ajuda..." Assim falou a mina, como gente da arta. Néca de giria. Direitinho como granfina de porão! Vai dai o majorengo, que manjou o tempo, disse pro tira: "Tome as declarações desta muiê de arake!" A mina ficou fula e pulou: "De arake seu majorengo? Então eu venho na Justa para boqueja', pra' alivia meu hôme que é cana de arrebute e vou fala' de arake? Pois é de ancun que eu falo majorengo! Num tenho grana pro' alivio pra' amolecê a cana, mas tenho coquejo pra' carça-curta e pra' majorengo, ouviu? Nem que tenha de afana' umas penosas vou arregla' os trocado e dar o piro ao Zé!"

★

— Mina boa! — admirou o ouvinte.

— Da ponta — sentenciou o gatuno — Agora ela foi empresta' o dedo do Nariguêta pra' punga de umas quinas... — (IPA).

A Semana

Não aceitam as notas



NUM dos ônibus da zona Sul, certo passageiro entrega ao trocador uma nota de vinte mil réis, estampa 16, para o respectivo trôco. O rapaz mira, remira, faz uma cara feia e a devolve com estas palavras: "Isto não presta mais". O passageiro nada responde. Retira uma nota de cinqüenta cruzeiros e consegue o necessário miúdo. Um dos redatores desta REVISTA assistiu ao episódio e achou que devia trazê-lo ao conhecimento do público, das emprêsas de ônibus e da Casa da Moeda, a fim de que haja divulgação do que está ocorrendo com as notas a recolher, ainda do padrão "mil réis". Ainda continuarão com todo o valor as de cinco, estampa 19; as de dez, estamda 17; as de 20, estampa 16 (a que o trocador recusou alegando que "não prestava mais!); as de duzentos, mesma estampa; e de quinhentos, estampa 15. Tais notas estão em recolhimento, mas com valor integral até dezembro próximo, quando, de janeiro a março terão 15% de desconto, subindo essa desvalorização até julho de 1954, quando nada mais valerão. Isto se não fôr prorrogado o prazo de recolhimento. A Casa da Moeda devia fornecer notas às emissoras de rádio e à imprensa em geral, não uma só vez, mas continuadamente, a fim de que os trocadores de ônibus não se mostrassem tão ignorantes em matéria de dinheiro. Será possível que as gerências de tais emprêsas não orientem os encarregados dêste serviço? Evitaria vexames e vontade de brigar.

À procura do credor

A VIDA tem dêstes contrastes: um cidadão devia certa importância a um outro. Mas, por inadvertência, descuido, ou qualquer outra causa, perdeu a conta que o credor lhe mandara. E o devedor ficou preocupadíssimo. Como conseguir saber o nome da firma credora? Não teve outro jeito senão ir a um dos nossos vespertinos e narrar o ocorrido. Perdera a conta. Queria pagar, mas não sabia o nome da firma nem o endereço. Então veio à público o curioso anúncio: "O Sr. Henrique Benoit Azinieres, residente no Hotel Suíço, está à disposição do seu credor para liquidar o que lhe deve, não indo fazê-lo pessoalmente porque se extraviou a conta original". Não foi mesmo assim, mas é justamente o pensamento do aflito devedor. O caso merece estudos. Normalmente uma pessoa procura a imprensa, ou a Justiça, para protestar contra cobradores. Há mesmo certas organizações cobradoras que se dedicam exclusivamente a "apertar" os que se esquecem de saldar suas continhas. Todo mundo gosta de contrair dívidas; poucos os que não são pontuais nas respectivas liquidações. Com o Sr. Azinieres se dá o contrário. Êsse se mostra aflito, preocupado, numa terrível angústia diante do credor que já nem sabe quem seja, nem onde está residindo. E vai à imprensa para divulgar seu caso íntimo, coisa que só interessa a êle e ao outro. Não há dúvida: fato singularíssimo.



Em Revista

Água para o Sertão

O DEPUTADO Osvaldo Trigueiro, da bancada paraibana, apresentou a 20 de março dêste ano, um projeto de lei da maior utilidade pública e social: Auxílio financeiro da União a municípios compreendidos no Polígono das Sêcas, para instalação de serviços públicos destinados ao abastecimento de água aos centros urbanos. As bases advogadas pelo legislador paraibano são até modestas, naturalmente para que seja exeqüível: 70% do orçamento total, mas não podendo ir o auxílio além de cinco milhões de cruzeiros. O projeto está subscrito pelo seu colega Paulo Sarasate, e se estende por sete artigos muito bem ordenados, seguidos de uma Justificação que devia ter a maior divulgação em tôda a República. Analisa com absoluto conhecimento de causa e muito equilíbrio de interpretação, as funções do D.N.O.C.S. (Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas) estritamente delimitadas na área econômica, deixando-se aos governos municipais o encargo dos problemas sociais urbanos. O deputado Trigueiro destrói literalmente esta absurda concepção, e, depois de provar a mais absoluta constitucionalidade a favor de sua tese, mostra que as verbas para tais serviços não trariam onus para o Tesouro Federal, saindo normalmente de recursos já pré-existentes. Rogamos, porém, ao operoso legislador, que não se esqueça de um aditivo ao projeto: incluir o Rio de Janeiro no Polígono das Sêcas...



Minas Industrial



VAI Belo Horizonte possuir fábricas de artigos de ferro e aço, graças à instalação da "Manesmann do Brasil", sob a direção do industrial Sr. Sigmund Weiss. A pedra fundamental acaba de ser lançada no vastíssimo terreno da Cidade Industrial, que fica em colinas suaves, entre a metrópole e o aeroporto da Pampulha, a poucos minutos do centro. Com a mudança da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, para terrenos à direita da Avenida da Pampulra, estará a futura Cidade Industrial numa posição privilegiada, dispondo de muita água, transportes ferroviários, aéreos e rodoviários. Mas, segundo as palavras do Sr. Weiss, as fábricas de sua organização se propõem a fabricar, já de 1954 a 1955, sondas perfuratrizes para a indústria do petróleo em solo brasileiro. Inicialmente, serão fabricados tubos laminados, passando-se em seguida, quando a segunda fábrica estiver pronta, a maiores produções na seara da siderurgia. Com uma produção inicial de vinte mil toneladas anuais, as novas indústrias de Belo Horizonte poderão fornecer ao mercado brasileiro, nada menos de oitenta e cinco mil toneladas per ano. Minas está de parabéns, extensivas tais felicitações ao país inteiro. Ao sair êste tópico, já estão em começos as obras da construção da primeira fábrica. Minas Gerais, vai, aos poucos, assumindo seu lugar na economia brasileira.

A PERSONAGEM DA SEMANA



Henri Truman

A energia elétrica é no mundo moderno a base sôbre a qual se estrutura a grandeza material das nações. A vida econômica e política de cada nação depende dêsse fator básico, sem o qual fenecem os governos ditos fracos ante a preponderência dos mais fortes. O Brasil, país novo, de recursos materiais invejáveis, parece haver compreendido a gravidade do problema e tenta empreender a construção do seu desenvolvimento econômico, o que lhe há de certamente assegurar autonomia política e a sua conseqüente grandeza material. Para apoiar financeiramente o programa brasileiro de expansão elétrica parte do programa geral anunciou o Banco de Exportação e Importação de Washington a abertura de um crédito especial de 41.140.000 dólares a sete emprêsas brasileiras. O crédito do Export-Import Bank foram recomendados pela Comissão Conjunta de Fomento Econômico Brasileiro-Norte-Americana. As compras de materiais e de equipamentos estão previstas para mais de 38 milhões de dólares, a fim de atender às mais urgentes necessidades da nossa expansão elétrica. O programa prevê, ainda, a edificação das geradoras, linhas transmissoras e facilidades de distribuição. Sessenta e cinco por cento das geradoras serão hidrelétricas. As sete companhias, que receberão os empréstimos, são subsidiárias da Brazilian Eletric Power Company, também subsidiária da American Foreign Power Company, de propriedade norte-americana. As companhias operadoras e as filiadas constituem o segundo grupo importante das companhias de serviço público de eletricidade que operam em vários Estados do sul e do norte do Brasil. Sendo o Eximbank um órgão do govêrno norte-americano o alcance da medida reveste-se de suma importância. Mais uma vez o govêrno de Henri Truman dá uma prova de inequívoca clarividência, ajudando desta vez o progresso dos serviços elétricos do Brasil. Cabe ao patriotismo e bom-senso dos nossos patrícios enfrentar a realidade, aplicando até ao último dólar no cumprimento exato do que se propôs. O gesto do presidente dos Estados Unidos mereceu a justa admiração e acatamento por parte dos brasileiros, que de fato amam o progresso do Brasil. Porque, em tudo isso se deve ver não só um negócio comercial mas também boas relações diplomáticas.

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* Gesteira

Onde está o dinheiro?...

Sempre se falou de INFLAÇÃO e os entendidos atribuiam à derrama o aumento dos preços.

O ministro LAFER diz, porém, que o numerário é o bastante às necessidades do país.

A dona de casa acha que a GAITA não chega, pelo menos para os seus gastos.

As classes conservadoras reclamam contra a escassez de dinheiro e de crédito.

Chico Pé de Cabra quer saber onde está a GRANA.

BARNABÉ, coitado, anda tonto com a discussão. E não é para menos...

DANÇA DAS SERPENTES



A cobra no ritual dos índios

Superstições milenárias + Em todo o mundo a serpente possui poderes de fascinação e misticismo.

Um dos sacerdotes tribo no momento exato em que ia dar o golpe a fim de pegar o seu exemplar e sair em evoluções, sem o que não poderá "falar" a Deus.

Um dos figurantes volteia em loucas evoluções a segurar seu espécime de ofídio, grande cobra que se enrosca como se quisesse participar do cerimonial.



Segurando a serpente entre os dentes, um dos sacerdotes dança ao compasso do "tam-tam" surdo e evocativo dos avoengos, que, em espírito, apreciam o cerimonial.

HÁ nos arredores da cidade de Prescott, Arizona, Estados Unidos, uma velhíssima tribo de índios, já hoje civilizados, mas que ainda conservam rituais e crendices de milênios: os Smoki. Uma de suas festas rituais de maior efeito e sensação é a chamada a "Dança das Cobras". A fixação do dia dêsses cerimoniais não é muito antigo. Data de 1923, quando os maiorais da tribo resolveram marcar a exibição na segunda sexta-feira de cada ano. As evoluções com os ofídios não é invenção arbitrária dos atuais Smoki. Vêm de séculos e séculos. Nem sonhava o homem branco com a possível existência do Novo Mundo, e já essa tribo selvagem reunia os seus elementos para a festa em homenagem à cobra. Para quê? A "Katcina Dance", como lhe chamam êles, é realizada como invocação ao Deus da Chuva e da Fertilidade. Apesar de muito antiga, a composição litúrgica não perdeu nada de seu esplendor ancestral. A tradição manda que os sacerdotes exe-



Atinge o seu "climax", o estranho ritual, quando um dos sacerdotes toma a cobra nos dentes e a morde vigorosamente, forma pela qual homenageiam ao seu Deus da Chuva e da Felicidade.

Dança das serpentes





Desde a mais remota antiguidade, que os membros desta curiosa tribo de índios da America do Norte se dirigem ao seu Deus, metidos nestas curiosas vestes.



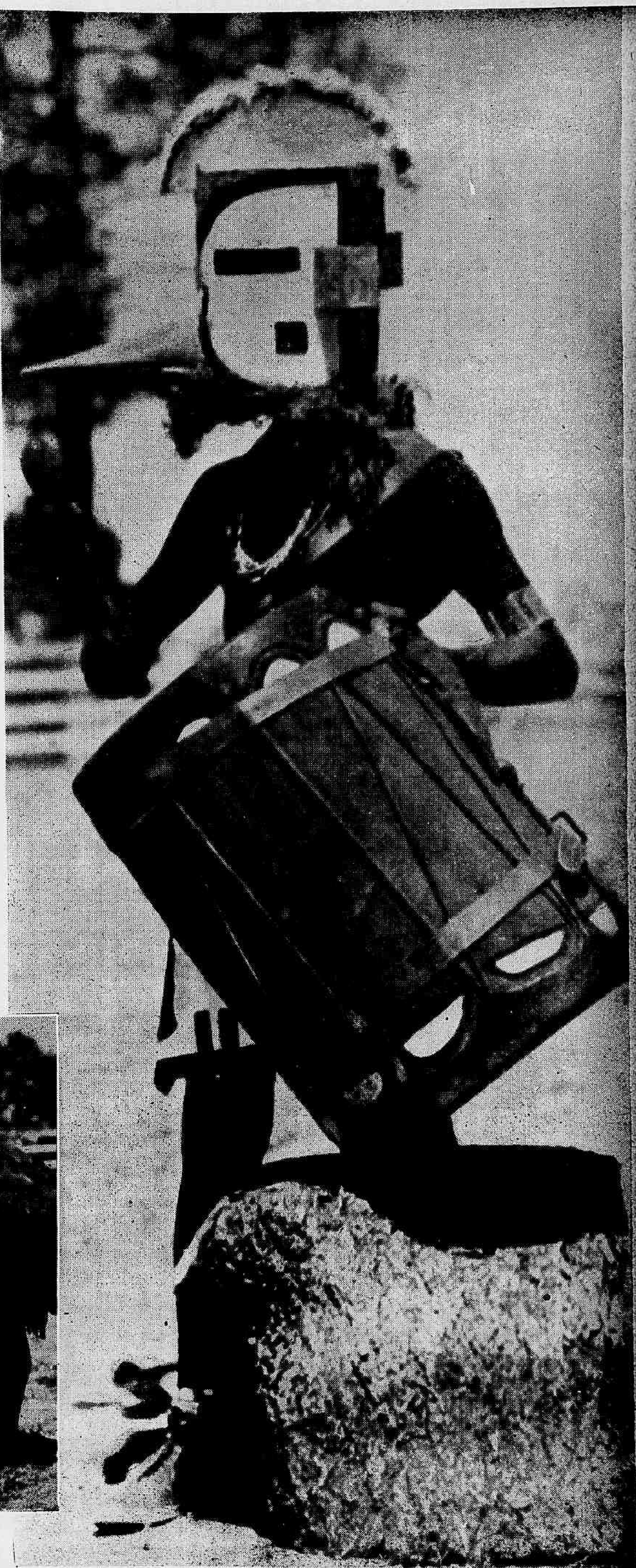
E' aqui que os "Smok" começam a dança ritual. Tudo calmo, inicialmente. A proporção que os tambores se animam os elementos da festa redobram de entusiasmo, num frenesi alucinante.

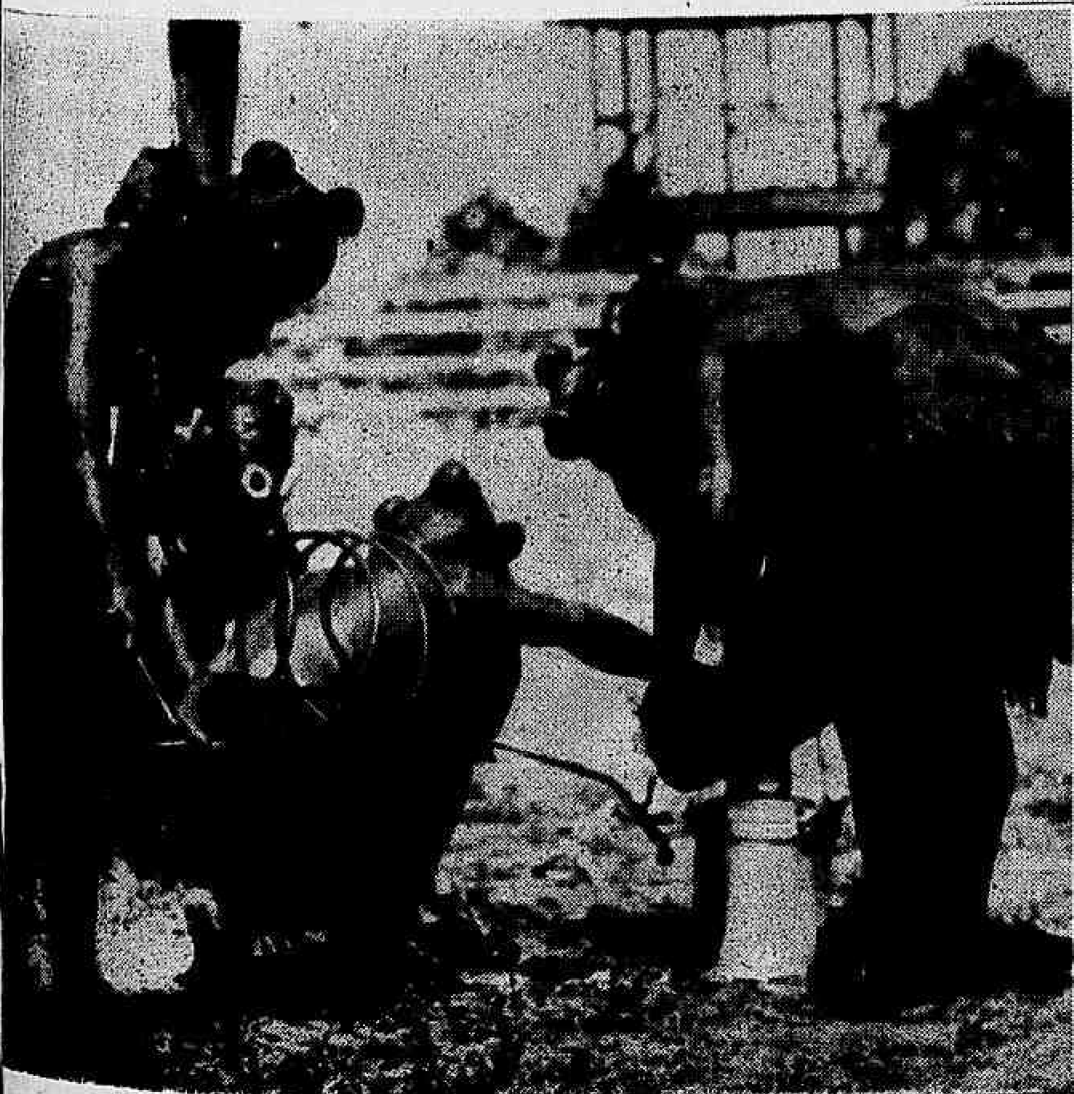
Ponto culminante do ritual na Dança da Cobra entre os Smoki, quando os Sacerdotes, paramentados, dançam e fazem a prece ao Deus da Chuva e da Felicidade.

cutem a cerimônia com a maior fidelidade, a fim de que o Deus invocado ouça os que se dirigem a êle através de seus elementos de ligação: — as cobras. Seria interessante pesquisar as origens dessas superstições, com o que se ligariam princípios esparsos entre os índios americanos e os da parte sul do Continente, uma vez que entre êles há pontos semelhantes no que toca a tais crenças tendo a cobra como elemento mitológico.

A presença da cobra entre a humanidade tem marcado episódios sensacionais. Entre os povos de crença cristã, é a cobra um animal diabólico, a causadora de tôda a desgraça humana. Foi a serpente que, com a sua astúcia, induziu Eva ao pecado. Diz-nos a Bíblia, no Gênesis, o seu primeiro livro, que a cobra seduziu a primeira mulher no paraíso, aconselhando-a para o mal. Indicando-lhe a maçã, como a fonte do Bem e do Mal, e que, quem a comesse ficaria senhor da Sabedoria de Jeová, a pobre Eva foi na conversa e, com Adão, cometeram o êrro original de onde proveio a derrota humana através dos séculos. A cobra, pois, na crença cristã é elemento satânico. Mas entre os nossos índios, nem sempre é o réptil um emissário do diabo. Entre os romanos a Cobra era animal sagrado, e sedviu de símbolo à ciência de Esculápio, uso que chegou até nós através da Medicina. A Cobra de Esculápio era colocada nos templos, como símbolo de fé e respeito aos deuses. E' claro que tais cobras só podem ser consideradas inofensivas quando desprovidas de glândula ofídica. As venenosas não servem para tais demonstrações ritualísticas. Os índios do Arizona, aqui estampados nesta interessante reportagem estão celebrando sua data festiva com serpentes absolutamente inocentes, sem nenhum veneno.

Os "Cabeças de Lama" preparam a bebida e a experimentam antes de levá-la aos sacerdotes. À direita, um dos tamboristas do "Katcina Dance", devidamente mascarado de acôrdo com o ritual, acompanha a evolução dos sacerdotes adoradores das Serpentes.





SEMANA LITERÁRIA

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS...

● As memórias entraram em moda. Depois do diário secreto de Humberto de Campos, já tivemos as memórias literárias de Manuel Bandeira. Também o sr. José Américo está escrevendo suas memórias e o sr. João Alberto anuncia as suas, sem contar o livro já pronto do poeta Olegario Mariano. «Se não me falha a memória»...

★

● As memórias seriam uma tendência de velhice? Parece que os homens, chegados a uma certa idade, não encontram mais interêsse nos outros homens, voltam-se para si mesmos e daí o nascimento das memórias. Há os mais descrentes e que, por não se interessarem nem por si mesmos, não escrevem memórias. Talvez fôssem bem interessantes, porque o que mais prejudica aos memorialistas é a sua transformação em personagens e, portanto, a ficção que adicionam a si mesmos, através das evocações. E' claro que nada disso se aplica a qualquer dos memorialistas citados, todos no pleno uso de uma verde mocidade de espírito. Estamos constatando o fenômeno e as coincidências.

★

● Jorge de Lima vai escrever vidas de santos. A «Revista do Globo» noticiou isso e disse assim: «anuncia-se que o poeta mineiro Jorge de Lima»...

Alagoas vai reclamar. Foi lá que nasceu êste «poeta mineiro».

★

● Graciliano Ramos passou por Lisboa e disse muito mal da literatura brasileira. Falou: «A verdade é que não há novos valores no romance brasileiro depois do surto nordestino de 1932 a 1935».

Depois reduziu Erico Verissimo: «ou um exagerado ou um deformado».

E arrazando tudo: «A literatura brasileira atual é uma literatura falha».

Meus senhores, rumo ao campo!

★

● A Associação Brasileira de Críticos de Arte prestou uma homenagem pública ao poeta Manuel Bandeira.

O crítico Mario Barata e o poeta Murilo Mendes apreciaram a obra de Bandeira relativamente às atividades que tem exercido em prol da arte brasileira. Em seguida, comemorando o 3º aniversário da A. B. C. A., houve uma mesa redonda de críticos e artistas sôbre o tema: «A crítica em face do debate Abstracionismo x Realismo», falando Mario Pedrosa, Quirino Campofiorito, Flavio de Aquino, Marc Berkovitz e outros.

● Teve lugar em dia dêste mês a conferência que o professor almirante Washington Pery de Almeida fêz na 5ª aula do 10º ano letivo do Instituto de Estudos Portuguêses Afrânio Peixoto (fundação José Campos Lopes), do Liceu Literário Português, sôbre o tema «O Tejo».

(Fradique)

RECEBEMOS:

● «Movimento», n. 4, do ano segundo, com um sumário muito interessante em que se destacam: «O substantivo em linguagem de cinema», de Antônio Olinto, «Realismo social x Abstracionismo», de Orlandino Seitas, uma reportagem sôbre «Guignard, Pampulha e outros bichos», além de muitos outros artigos de críticas e alguns excelentes poemas, tôdas as seções muito bem cuidadas.

— «Ler», jornal de letras, Artes e ciências, editado em Lisboa, com ampla matéria de redação e colaboração. Na seção «Poesia Viva», apresenta «Ler» um poeta de grande significação, Saul Dias. Notícia sôbre o «Prêmio Ricardo Malheiros» que coube a Souza Costa e outros registros de igual interêsse.

★

● CURSO DE ROMANCE — Por proposta do Sr. Austregésilo de Atayde, a Academia Brasileira de Letras realiza atualmente um curso de literatura, no tempo dos cursos de extensão universitária, versando o «romance brasileiro». Êste curso compreende a seguinte programação:

«O panorama do romance brasileiro», pelo Sr. Menotti del Picchia, no dia 19 de junho: «O romance de Machado de Assis», pelo Sr. Mucio Leão, no dia 26: «O primeiro romance brasileiro», pelo Sr. Cláudio de Souza, no dia 3 de julho: «Problemas psicológicos do romance», pelo Sr. Peregrino Junior, no dia 10: «A poesia no romance», pelo Sr. Cassiano Ricardo, no dia 17: «O romance picaresco no Brasil», pelo Sr. Oswaldo Orico, no dia 24: «O romance regionalista», pelo Sr. Austregésilo de Atayde, no dia 31. Tôdas as datas coincidem com quinta-feira e as aulas-conferências são às 17 horas.

★

● MARC BLANCPAIN NO RIO — Está no Rio o escritor e jornalista Marc Blancpain, secretário geral da Aliança Francesa, de Paris. O autor de «Le Solitaire» visitará e fará conferências nas principais sedes de Associações de Cultura Farnco-Brasileira. Blancpain realiza dia 6 uma conferência pública no Ministério da Fazenda, sôbre «Stendhal, psychologue de la Amour».

UM AUTOR

JOSÉ GERALDO VIEIRA



O romancista José Geraldo Vieira é um dos nomes mais ilustres do moderno romance brasileiro. Estreando-se logo depois do movimento de 22, quando nossos prosadores ainda se achavam perdidos nas encruzilhadas, êle tomou o rumo certo, dando êsse admirável livro que é "A Mulher que fugiu de Sodoma". Abria assim o novo ciclo do romance brasileiro que nos iria apresentar, depois, alguns valores autênticos como Cornelio Pena, Graciliano Ramos e Otávio de Faria, entre outros. Enquanto no Norte aparecia José Lins do Rêgo, abrindo todo um mundo novo aos olhos dos leitores brasileiros, com a sua saga da cana de assucar, José Geraldo fundava o nosso romance citadino moderno, o drama denso e intenso das almas sacudidas de paixões, levando suas análises a níveis até antes não atingidos. O que o romance atual deve à obra de José Geraldo ainda é cedo para avaliar. Com êle não apenas saímos do pitoresco, acentuado na obra, aliás escassa, dos rapazes de 22, abandonamos o mundanismo superficial, e desprezamos o exótico e o regional — que parecia ser o nosso rumo, depois do êxito, além de outros, de livros como "A Bagaceira". Distanciamo-nos pelo menos um século do romance anterior, trazido até 22 por Coelho Neto, praticado mesmo por Lima Barreto, em cujos livros há muita amargura, muito humor — no seu sentido justo — mas um excesso de caricato e de colorido só atenuado pelo toque de poesia. A seriedade que êle impôs com êsse volume de vida profunda foi um tremendo contraste na época em que nossos romancistas mais lidos eram Benjamim Costallat e Théo-Filho, servindo-nos cosmopolitismo e Rio civiliza-se em livros de grandes tiragens. Quando se leu "A Mulher que fugiu de Sodoma" — alguns leitores se sentiram traidos pelo titulo do livro... Esperavam encontrar um livro de escândalo, à moda do tempo, e foram colocados diante de uma história pungente, profunda e complexa, da qual todo o escândalo, todo anedótico, todo sensacionalismo estavam ausentes. O livro foi recebido com certa desconfiança. Teve uma crítica muito discreta, uma crítica que mal podia se refazer do choque que o romance lhe dera. Não precisamos dizer que uma vaga de silêncio envolveu o livro demasiado sério, demasiado profundo, para os que se haviam acostumado à ficção banal, ao livro de superfície. Êsse mergulho nos abismos psicológicos, evitando o brilho das lantejoulas e, por outro lado, desprezando os desvairismos modernistas, realmente era de tontear. Tonteou. A acomodação com essa espécie de romance novo se fêz lentamente. A José Geraldo coube ter iniciado essa marcha para um romance brasileiro de significação literária e humana. Êle abriu a brecha e foi, assim, um mestre.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

A SEMANA de Arte Moderna, realizada em São Paulo, no Teatro Municipal, em fevereiro de 1922, está aniversariando. Além de conferências e depoimentos dos nossos mais ilustres escritores «modernistas», os jornais e as revistas de todo o país têm dedicado à famosa Semana de Arte Moderna números especiais. Ainda agora, a revista «Rio», atualmente sob a direção de Edmundo Lys, acaba de dedicar todo o número referente a março a êsse assunto, não só de interêsse paulista, mas também de enorme interêsse nacional. Destacamos entre os colaboradores que trataram do modernismo brasileiro os seguintes nomes: Sérgio Milliet, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Carlos Drummond de Andrade, Tasso da Silveira e Reynaldo Bairão. Destacamos, também, a reportagem sôbre Tarsila do Amaral; a reportagem sôbre Minotti del Picchia e pintor; a reportagem sôbre Di Cavalcanti; a «charge» que Darcy Penteado realizou, fazendo o histórico da «semana»; a reprodução do retrato a óleo que Flávio de Carvalho fêz do escritor Mário de Andrade, o «papa» do nosso modernismo.

★

O PIANISTA Arthur Sievers ofereceu uma grande recepção em sua residência, a fim de ser inaugurado um auditório que êle fêz construir anexo à sua casa. A fim de ser inaugurado o referido auditório foi organizado um programa de arte, durante o qual, fôram executadas peças de Béla Bartók, Octávio Pinto, Brahms e Waldemar Henriques; o poeta Oliveira Ribeiro Neto declamou alguns de seus versos; a bailarina Cordula Schloetzer, solou Fragmento Abstrato com música de Joseph Marx. Entre os presentes, anotamos a presença dos seguintes artistas e intelectuais: pintor Flávio de Carvalho, pintor Lasar Segall, escritor Nelson Palma Travassos, cantora Maria Kareska, escritora Jenny Klabin Segall, poetisa Maria Antónia, jornalista Franchini Neto, pintor Darcy Penteado, atriz Madalena Nicol, escritora Helena Silveira, pintor Nelson Nóbrega, pintora Lúcia Suané, pintor Paulo O. Rossi, Helena Rudge Muller, cantor Paulo Wolf, poeta Oliveira Ribeiro Neto, poeta Reynaldo Bairão, pianista Yara Bernette e muitos outros.

★

O MUSEU de arte Moderna está apresentando curiosa exposição de tapeçarias francesas. Os trabalhos que figuram nesta mostra, na sala grande do Museu, fôram executados pelos tradicionais ateliers de Aubusson e Durbach e desenhados por destacados artistas francêses contemporâneos.

GENEROSO PONCE, UM CHEFE

O PRÓXIMO centenário do nascimento de Generoso Ponce, político matogrossense, cuja vida se projetou brilhante dos confins do Império aos dois primeiros decênios da República, será comemorada com o lançamento, a 10 de julho, de sua biografia, que Generoso Ponce Filho escreveu com carinho de filho e imparcialidade de pesquisador, estudioso da nossa história. Pedro Calmon faz um prefácio consagrador à obra e à vida dêsse «condottiere do Oeste», como o denominou o eminente historiador patrício. São dêsse prefácio estas palavras: **«Poucos homens públicos do interior do país juntaram no comportamento político tantas qualidades romanescas, severas e amáveis; e raros dominaram, como êle dominou, as fôrças da «barbárie», em nome dos princípios e das idéias. Disse-se (e com razão se diz) que a sua biografia é a história matogrossense do período dramático em que viveu»**. Voluntário da Pátria aos treze anos, herói aos 15, Generoso Ponce sobe todos os degráus da escala social: deputado provincial, jornalista, chefe do Partido Liberal, vice-presidente da Constituinte de Mato Grosso e do Estado, Senador da República, presidente do Estado, deputado federal, chefia três movimentos armados, que o enchem de louros e o situam no primeiro plano na história de sua terra. As biografias, especialmente as que os filhos escrevem sôbre os pais, são feitas de amor filial, cheias de ternura... e de piedosas inverdades, às vêzes inconscientemente ditas. Ao que nos dizem a obra de Generoso Ponce Filho, substancioso volume de cêrca de 600 páginas que Pongetti editou cuidadosamente com 20 páginas de gravuras — escapa a essa tendência. Êle deixa falar mais os documentos, os fatos, as referências alheias e foge à adjetivação e ao ditirambo. Trata-se de um estudo sério de interessante período de nossa história, onde a política local se entrosa com a nacional e eminentes personalidades aí desfilam, como Pedro II, Cotegipe, Saraiva, Ouro Prêto, Couto de Magalhães, Deodoro, Floriano, Prudente, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha, Marechal Hermes, Rui Barbosa, Pinheiro Machado, Joaquim Murtinho, Antônio Azevedo... uma ressurreição do passado, que se guarda com curiosidade. «Generoso Ponce, um chefe» é o título da obra.

FORA DO PRELO

UM LIVRO

"ACONTECIMENTO DO SONÊTO"

A prime iraedição de "Acontecimento do Sonêto", de Lêdo Ivo, apareceu em 1948. Edição que João Cabral de Melo Neto realizou em Barcelona, na sua prensa manual, destinada aos amigos do poeta, numa tiragem de cem exemplares. Esta edição, acrescida de "Ode à Noite", feita pela Orfeu, vem assim colocar a obra ao alcance dos leitores de poesia que sentiam aquelas restrições editoriais e reclamavam a obra, tanto mais que Lêdo Ivo é considerado hoje um de nossos grandes poetas novos. De justiça. É o que prova êste livro, em suas partes e em qualquer delas. Lêdo Ivo nos dá a certeza de uma alta vocação lírica. Acreditando na forma, reagindo nesse sentido valeriano da poesia pura, êle também sabe que a técnica é indispensável, inseparável da realização do verso. Seu amplo conceito sôbre o acontecimento do sonêto, vale dizer, de tôda poesia, têm sido mal compreendido e mal interpretado. Querem ver nisso um orgulho demasiado, tão orgulhoso como o "poeta nascitur". Entretanto, podemos compreender essa idéia como a significar uma extrema humildade: o poeta não seria mais do que um servo da poesia. Êle não faz nada, deixa que a poesia opere nêle, serve-lhe de instrumento. A poesia acontece. O sonêto acontece. O poeta grafa êsse esclarecimento, conforma-o e, para isso, é tão mais humilde, na sua missão de artezanato. Consegue-o, porque nessa obra humílima está a aceitação de seu destino. E, se não o consegue — é que não é poeta. E o que sentira não era poesia. Naturalmente, essa compreensão superior da poesia impõe um apuramento extremo de forma. Não apenas o verso trabalhado. Tôda a estrofe. Todo o corpo do poema exigem trabalho árduo. Nas suas expressões, nas suas imagens, em cada palavra. Aí é que está o seu mérito, nesse trabalho paciente de encontrar a forma justa para o fenômeno poético que se manifesta nêle. Nem se diga que há aí uma tortura da forma, um anacrônico parnasianismo. Êsse alto conceito do labor poético nos leva imediatamente ao que se chama clássico, que clássico é a conveniência do assunto à sua justa forma. Valery ensinou a grande lição dos modernos: o que pode ser dito em prosa, não pode ser poesia. Lêdo Ivo parece que leva sua exigência a uma outra estaca mais avançada: talvez para êle a própria poesia que pode ser apresentada em outra fórma deixe de ser poesia. E' o que indica seu pensamento sôbre o sonêto que acontece e que não poderia ser outra coisa, ter outra medida, outra estrutura.

Êste livro encerra uma bela lição de ordem e de harmonia. Harmonia interior e externa. Forma e conteúdo aqui se associam de maneira exemplar e cada um dêstes sonêtos é um todo homogêneo, de uma perfeita interdependência na sua estrutura como no seu pensamento e na sua emoção. Sem dúvida, êstes poemas nos colocam em presença de um dos mais altos poetas de nosso tempo.

Edmundo Lys

VAMOS BRINCAR — Na coleção "Brincar e Aprender", em nove pequenos livrinhos de papelão, lindamente coloridos, as Edições Melhoramentos oferecem, às crianças, magnífico material para aprenderem uma porção de coisas enquanto brincam. Letras, côres, figuras, objetos de uso, coisas de casa, profissões, cálculos, leitura, formam as páginas altamente educativas e atraentes de "Brincar e Aprender". Para trabalhos manuais, nas escolas primárias, é duma importância enorme esta realização que mais uma vez demonstra a preocupação de editôra em ajudar os pais e os mestres através de ótimos presentes à infância. **MODELOS PARA BORDADOS** — Prosseguindo em sua série de livros destinados a trabalhos femininos, as Edições Melhoramentos acabam de lançar um volume interessantíssimo, que as meninas, as adolescentes, as moças e as senhoras apreciarão, pela evidente utilidade e sentido artístico.

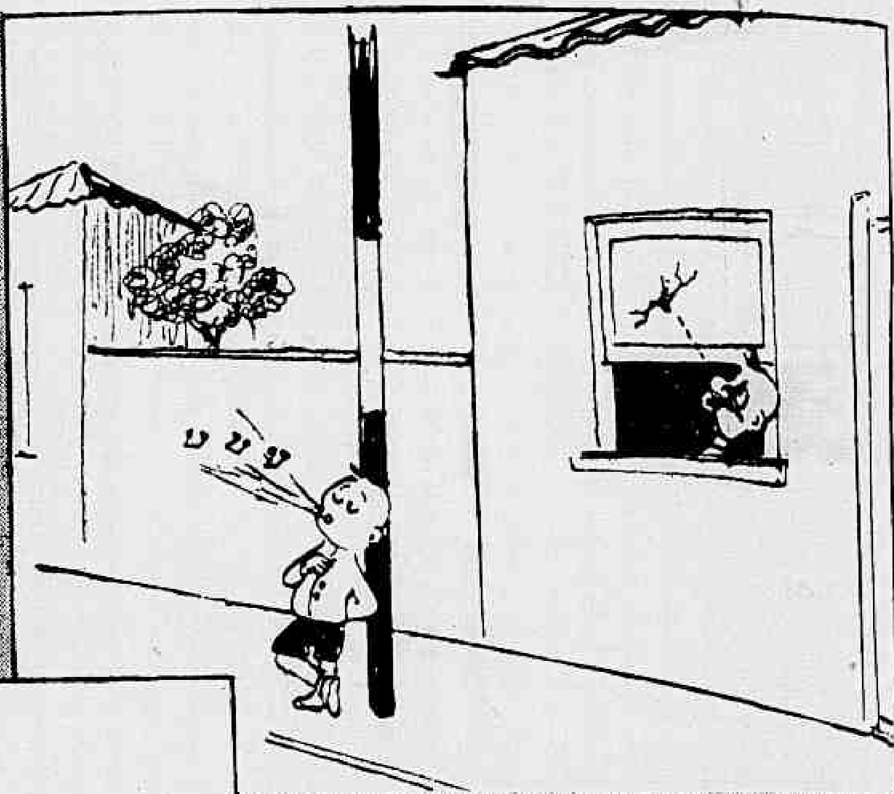
Trata-se dum álbum, "Modelos para bordados", em vagonite, ideais para toalhas de mesa, jogos para almôço ou chá, tapetinhos de carrinhos de lanche, bordaduras para vestidinhos de crianças e aventais — uma infinidade fascinante de tarefas práticas.

ESTE MUNDO E O OUTRO

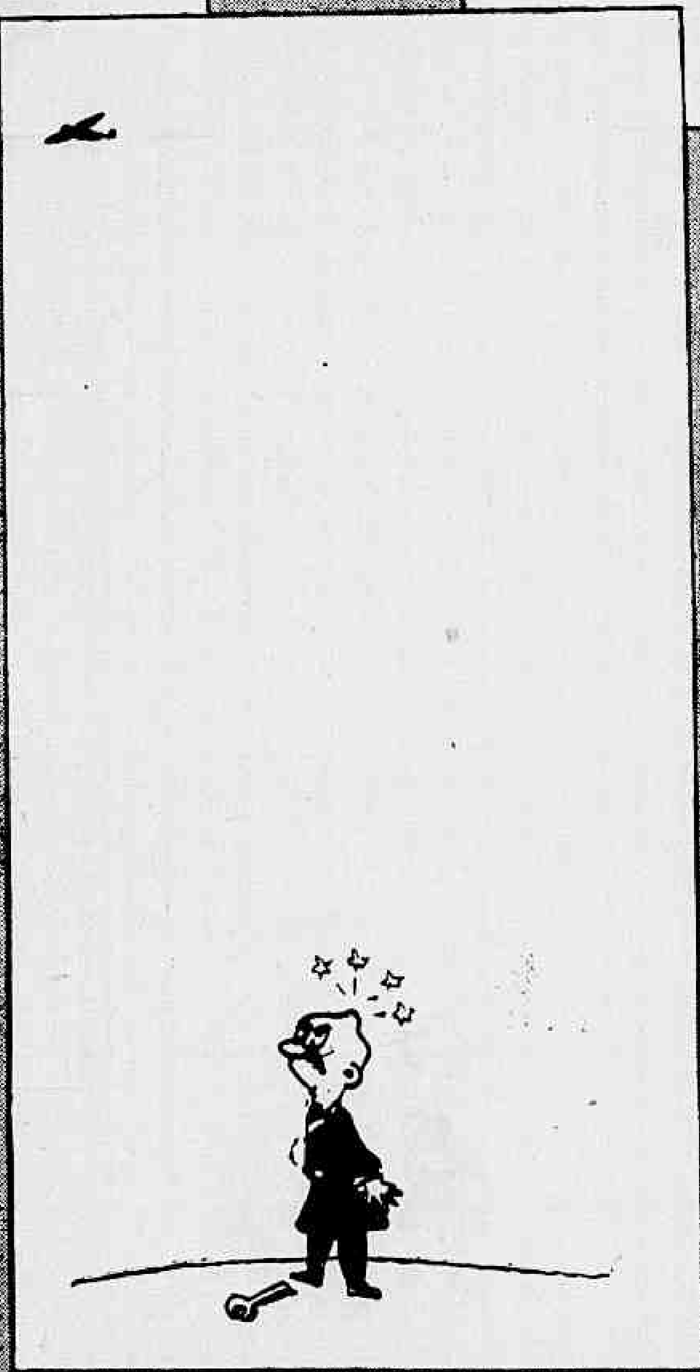
Criação de DARCY

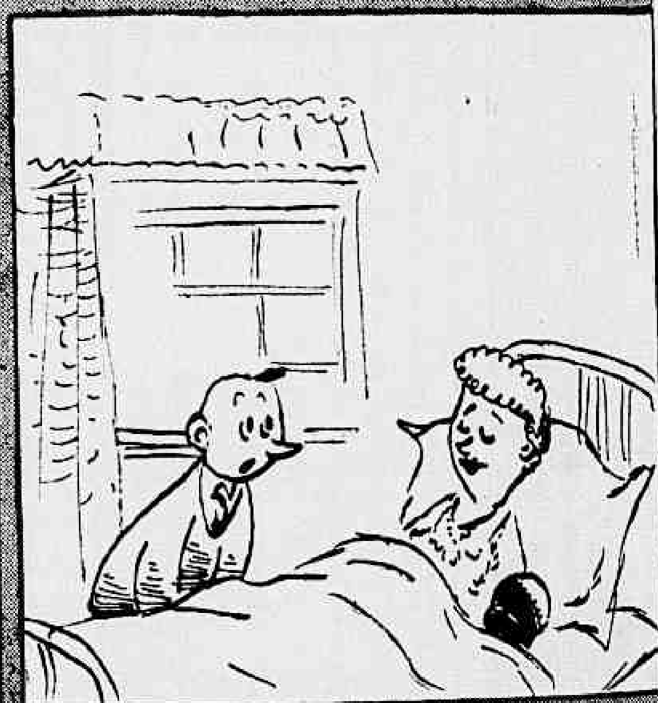
COISAS QUE DEIXAM A GENTE UM TANTO DESCONFIADA



















Num i... gem, ... conver... estrêla ... e o j... cês Ja... belos ... necittà ... trêla B... das at... na ci... llana; ... desemp... péis i... me "Fo...

DENTRO DE "CINECITTÀ"



Num intervalo de filmagem, Danilo Ramires conversa com a formosa estrêla Collette Laurent e o jovem astro francês Jaques Sarnas, nos belos estúdios de "Cinecittà". A jovem estrêla Brunella Buvo, uma das atrações da moderna cinematografia italiana; a linda artista desempenha um dos papéis importantes no filme "Fanciulla del Lusso"



A RONDA DA OPORTUNIDADE: DEZENAS DE EXTRAS POR TÔDA PARTE — MARINA BERTI, CARLOS DUSE, GUIDO PRESEPI E BRUNELLA BOVO TAMBÉM QUEREM VIR AO BRASIL — UM DIA COM ALDO FABRIZI, AVE NINCHI, JACQUES SERNAS E CARLOS L. BRASGALIA

Reportagem de DANILO RAMIRES, especial para a REVISTA DA SEMANA
Roma, maio — Pela Panair do Brasil.

DENTRO DE "CINECITTÀ"



O incomparável Aldo Fabrizi, um dos atores italianos de grandes recursos, ainda não conseguiu esquecer as saudades de São Paulo e do Rio.



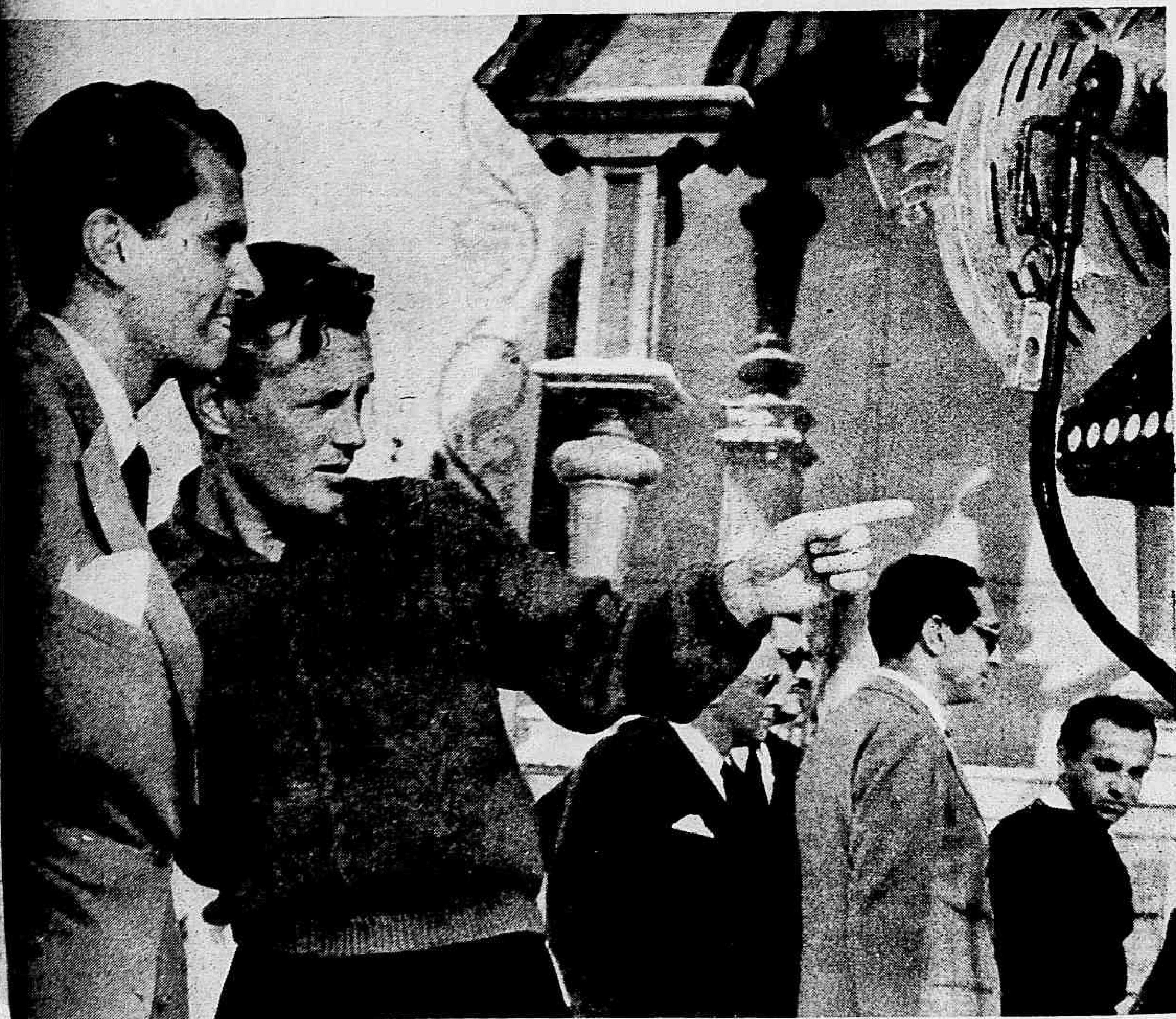
Isa Miranda, a estrêla triunfante do cinema italiano, é um dos cartazes mais apreciáveis pelo seu talento artístico e pela sua rara beleza.



Ave Ninchi é outra estrêla de primeira grandeza da sétima arte italiana. Como Fabrizi, Ninchi guarda imorredouras saudades de Copacabana.

ESTIVEMOS, demoradamente, a percorrer os estúdios de Cinecittà, um dos mais belos do mundo e mais completo em aparelhagem técnica. E quase desaparecia no primeiro ano de após-guerra. Tôda a manhã, e tôda a tarde do dia 27, ficamos a andar pelos dezesseis palcos de filmagem que formam esta autêntica cidade de cinema. Palcos montados em imensos casarões de tijolos e cimento armado com tôdas as facilidades possíveis para um bom resultado artístico. Cinecittà está a pouco mais de vinte quilômetros do centro de Roma, sôbre uma colina verde que se estende além do horizonte. Aí é possível fazer as mais difíceis cenas de massa humana em combate, em lutas, em desfiles intermináveis. Sôbre aquelas montanhas suaves foram montadas as cenas de "Messalina", com Maria Felix; as cenas de "A carroça de ouro", com Anna Magnani — a atriz mais bem paga do mundo.

Podemos informar com segurança que a querida estrêla recebe por cada filme que nêle atua, a quantia de noventa milhões de liras. Isso, em nosso cruzeiro, quer dizer uma soma de mais de dois milhões. Aliás, uma coisa natural, pois Anna Magnani é um cartaz internacional.



O galã de "O lôbo da montanha" explica ao nosso correspondente detalhes curiosos da cidade do cinema italiano. Jacques está filmando "Fanciulla del Lusso".

Considerada uma das mais belas mulheres da Itália, Silvana Pampanini encontrou na tela o clima ideal de sua vida. Talento precoce num escrínio de beleza...



Esta é a aplaudida Silvana Mangano, rival de Silvana Pampanini na arte e na beleza; estrelou vários filmes, dando encanto aos seus papéis de atriz notável.



NA ITÁLIA E NO BRASIL

Convém fazer considerações sôbre os gastos no Rio e São Paulo em matéria de cinema? Parece que não, pois as nossas somas são tão estúpidas, tão descontroladas, tão astronômicas ou mínimas que nem merecem cotejo com àqueles que produzem continuamente, com equilíbrio artístico e financeiro.

Anna Magnani recebe muito dinheiro, mas o seu trabalho garante, só em Roma, 250 cinemas, sem falar nos dois mil de todo o país, e nos milhares que se espalham pelo mundo. No Brasil quantia semelhante... Tudo nós queremos imitar dos estrangeiros sem verificar, porém, a nossa capacidade de trabalho, de realização.

Não estamos contra os "cartazes" que ganham muito. Estamos contra o desperdício sem resultados financeiros e artísticos. Que se pague menos à estrêla, ou ao esperançoso galã, mas que se faça coisa mais produtiva, de melhor compensação para o futuro.

Anna Magnani é um cartaz como Maria Felix. Sua arte é ouro na balança do produtor. E Cinecittà sabe disso melhor que qualquer um de nós.

A RONDA DA ESPERANÇA

Cinecittà conta com mais de três mil pessoas trabalhando dentro de seus muros. Artífices, maquinistas, famílias de extras, moças e moços que ali arranjam trabalho na esperança de um dia ter a oportunidade de aparecer na tela e um diretor achar que seu tipo interessa. Acontece ainda que muita moça e muitos rapazes fazem de Cinecittà um ponto de referência em suas vidas. Nunca deixam

(Cont. na pág. 46)



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

SÓMENTE a Grace, Mary tinha ânimo de manifestar sua indignação.

— Jamais pensara você que eu, um dia, viesse a ser batida, Grace? — Perguntou-lhe uma vez com ar digno de compaixão. Não assim que sucede com tôdas as mulheres? Procuramos ter tanta coisa e terminamos nos contentando com o pouco que nos deixam obter.

Grace medita.

— Os acontecimentos nos amarram as mãos, mas não temos precisão de ficar manietadas, e eu acabo de começar a ouvir uma voz por mim, Mary.

Ela lhe conta a conversa que teve com Roger, e lhe declara o seu ardente desejo de entrar na luta. Mas Grace não repete à amiga as últimas palavras que dissera a Roger naquele fim de palestra. Havia nas mesmas qualquer coisa que a outra não chegaria a compreender bem. Mary se recusava, obstinadamente, a falar de Roger. Mesmo naquele momento ela procurava contornar o assunto.

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. O casamento de sua irmã Constance, deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças» êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava demonstração de estar apaixonada por êle. Roger sentia aumentar suas paixão para com Mary, mas a diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia, e Barry, aproveitando estar a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banhos e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso, Gordon, que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger para tomar chá em sua companhia, mas êles dois, a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry é discutido e Gordon parece não aprovar os amôres do rapaz com Leila, bem como não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. Roger, que se ausentara, escreve uma carta a Mary. Em casa de Mary a situação se inclina para separar Barry de Leila. Gordon propõe levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com a sua viagem para a Europa Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai, chorando nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. Tia Frances e Porter foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes. À carta de Mary, Roger respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e dava informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias. Porter estava ansiando por encontrar um momento que lhe proporcionasse mostrar a Mary o retrato da mulher de Poole, pintado por Colin Quale. Então mandou que Leila a convidasse para darem um passeio de auto pela cidade. Porter deu várias voltas, até que consultou a tôdas se desejavam fazer uma visitinha a Delilah. Tudo ajustado, êle a levou até lá. Mas sua intenção era a de mostrar o tal retrato a Mary. Mas Porter não teve coragem de revelar aquêle segrêdo. A conversa pendeu para férias, enquanto todo mundo tomava refrescos e comia bolinhos. Porter, não podendo suportar mais, confessa a Mary que a levara ao atelier de Colin apenas para mostrar o retrato da mulher de Roger. Mary, porém, não se perturba. Mas diante do que lhe dissera Porter, seu espírito começa a vacilar. Chegou mesmo a pensar que a carreira de funcionária pública não lhe servia. Em fevereiro Roger escreveu uma carta a Mary sabendo se era possível hospedar sua prima Patty na vivenda dos Ballards, tendo Mary aprovado o programa. Patty vinha a Washington a fim de assistir à posse do Presidente, no qual votara. Porter foi com Mary, à estação e a receberam. Nos dias seguintes Patty muito passeou e visitou as famílias das relações de Mary.

— Quanto a mim, não quero entrar na luta, diz Mary, nem que seja por minha própria resolução, e não por conta de outros. Quero repousar durante mil anos, e dormir, em seguida, durante outros mil anos.

Tais palavras na bôca de Mary, a jovial, a Mary vivaz cuja fôrça de energia era mais vigorosa do que a de um rapaz, davam o que pensar.

Aquela grande casa devia ser fechada. Tia Isabelle partiria com Mary. Susan Jenks e Pittiwitz seriam alojados uma ala em que se achava a cozinha, logo que uma amiga de Susan chegasse para fazer-lhe companhia. Mary, errando através das "Chambres de la Tour", na véspera de sua partida, recordou aquela noite quando Roger Poole veio até lá pela primeira vez. E agora, jamais êle voltaria ali.

Mary não era capaz de compreender a brusca partida de Roger. Entretanto êle não lhe dera a mais ligeira demonstração de que iria fazer isso. Tinha sido infinitamente bom, simpático, decidido, amável. Procurava a moça recordar-se de alguma atitude que êle apresentara quando de sua vinda novamente àquela casa, e se esforçava inùtilmente para descobrir um ponto fraco de sua suspeição de que êle estaria contente por ter vindo, e que todo o engano dela teria sido pelo fato de que estava jubilosa por vê-lo, e sua alegria a cegara completamente.

A prima Patty havia chorado sôbre seu ombro, abraçando-a e beijando-a eternamente, desolada por deixá-la naquele instante.

— Mas Roger pensa que assim será melhor, minha querida. Há precisão dêle lá em nosso meio.

Era lógico que houvesse precisão dêle por lá. Entretanto, uma dúvida abrolhara no espírito de Mark e persistia de maneira aflitiva. Por que motivo decidira êle partir assim inopinamente? Ela começava a ser assaltada pela idéia de que sinistra influência os havia separado. Vestida de negro pelo luto do irmão, ela andou por aquêles cômodos sempre seguida de Pittiwitz a miar penosamente no seu encalço. A gatinha, com o instinto de sua raça, compreendia a alteração doméstica a ser feita, e mudança no ambiente da casa. As coberturas, os tapêtes, as almofadas sôbre as quaes ela costumava deitar-se, tinham sido enroladas, embaladas, protegidas pela naftalina. O fogo da lareira havia sido extinto. O ambiente era desolador.

Susan Jenks subira e fôra encontrar Mary sentada a um canto com o animalzinho sôbre os joelhos.

— Oh! Minha queridinha, não chore tanto assim!

— Oh! Susan, Susam, jamais minha vida será a mesma coisa!

E lá no jardim, mais uma vez as rosas se abriam sôbre as touceiras viçosas, enquanto, mais uma vez, a água da pequenina cascata cantava e o pequeno garôto de bronze sorria através do véu de bruma. Mas não se ouviam mais no jardim as vozes felizes, nem sôbre o banco palavras amorosas. Susan Jenks cuidava das aléias e regava as roseiras, enquanto Pittiwitz perseguia as borboletas ou se estirava ao sol, preguiçosamente feliz, esquecendo, pouco a pouco, o que por algum tempo tinha sido o seu universo.

Mas Mary, em pleno mar, não podia esquecer o que ela havia deixado em sua terra. Não era, pròpriamente, Susan Jenks, não era Pittiwitz, nem o jardim, embora todos tivessem um lugarzinho em seu coração e em sua vida, ocupando um recanto em suas saudades. Era a vida de outrora, a vida de sua adolescência e de sua infância, a vida que havia vivido entre seu pai e sua mãe, entre Constance e Barry.

Estendida numa cadeira de espreguiçar no tombadilho, ela não podia entrever no futuro, nada que se pudesse comparar à felicidade do passado. Os dias vividos na velha mansão, não tinham sido de grande prosperidade. Seu pai, na verdade, não tinha gozado vida folgada, sempre estivera cheio de preocupações, com épocas de grandes necessidades, mas houvera entre êles laços de grande afeição, de profunda afeição, de mútua dependência que os unia estreitamente.

Na casa de Gordon havia esplendores que ultrapassavam de muito tudo o que ela houvera conhecido. Havia o supérfluo e o luxo, e tudo isto seria dividido com ela, com absoluta sinceridade e liberalidade. Mas, para uma natureza como a de Mary Ballard, tais coisas pouco valiam. O que mais lhe importava era o amor, era a realidade. Tudo o mais lhe parecia banal e sem interêsse.

E' verdade que havia Constance e seu bebé. Era apenas com o desejo ardente de revê-los que ela vivia. Não obstante ela via Gordon e o bebé interpostos entre ela e a irmã, absorvendo-a, satisfazendo-a de tal modo que o amor de Mary nada significava em face da vida de um casal perfeitamente feliz.

Foi durante um dêsses pensamentos que Mary sentiu vontade de escrever a Roger Poole. O simples fato de poder escrever seus pensamentos num papel, pareceu amenizar-lhe a solidão. Ela diria o que estava sentindo, francamente, livremente. E quando houvesse terminado de escrever, se não sentisse a mesma disposição de espírito, nada a obrigaria a enviar suas palavras, naquela espécie de diário.

Então ela começa a escrever, dia a dia os pensamentos que lhe surgiam nalma, imperiosamente. Porter se queixava de que ela estivesse sempre e sempre a escrever.

— Gosto mais de escrever do que de falar, respondeu-lhe com lassitude. E êle acabou por silenciar e não mais protestar.

Foi assim que ela se dirigiu a Roger Poole:

"Em pleno mar.

Meu caro amigo.

Você me pediu que lhe escrevesse e pensará que teria sido melhor não o fazê-lo, quando receber esta espécie de "diário" de nossa viagem em pleno mar. Mas, pareceu-me, que tudo o que lhe vou narrar possa interessá-lo tudo como se estivesse conosco, em lugar de estar tão distante, em suas colinas arenosas, com os seus pequenos discípulos que já não estão mais tristes, e com os bolos de noivado de tia Patty.

"Nós constituímos uma troupe. Leila e seu pai, os Jelife e Colin haviam feito projetos de embarcar em maio, e então decidimos que faríamos a viagem juntos. De maneira que, com tia Frances e Grace, tia Isabelle, Porter e eu, perfazemos dez, na travessia. Se você e Patty também estivessem aqui, completariam uma dúzia. E eu muito desejaria isso. Como se sentiria contente a prima Patty, com seus entusiasmos adoráveis, com o interêsse que sabe ligar a tudo! Apresente-lhe todo o meu afeto. Escrever-lhe-ei logo que chegar a Londres. Ela viaja conosco em pensamento. Disse-me que iria morar na Inglaterra *por procuração*, neste verão, e eu a ajudarei nisso, enviando-lhe fotografias. Não se esqueça de indicar os livros que ela deve ler.

"E dizer que estou a caminho para essa Londres de seu Dick Whittington! E digo "seu", porque foi você quem me fêz vê-lo, realmente, pela primeira vez.

"Era um órfão, oh! um garôto tão sòzinho!

"E vou ouvir todos os sinos e ver as coisas que eu tanto desejava ver. Entretanto, — e não direi a ninguém mais a não ser a você, Roger Poole, — êste pensamento não me traz a menor parcela de felicidade. Não é Londres, não é a Inglaterra que me atraem, nada disso quero eu ver. Quero meu jardim, a minha velha casa e tôdas as coisas a que estou habituada.

"Mas eis-me a vogar muito ràpida e muito longe de tudo o que eu amava. Uma vida nova vai suceder à minha vida anterior. Até agora temos tido muito bom tempo. E' preferível, em primeiro lugar, falar do tempo que faz, não acha você? Isto nos deixa o esírito livre para ventilar outros assuntos. A viagem não tem sido penosa. Mesmo Leila, que não tem espírito de marujo, vem sendo capaz de manter-se no tombadilho. Todo mundo se interessa por ela. No seu vestido de viúva, parece uma criança. Oh! como foram crianças, o meu Barry e sua pequenina espôsa! Entretanto, era um homem e uma mulher também! Leila me deu a ler algumas de suas cartas. Êle lhe mostrava pontos de seu caráter que jamais m'os revelou; mas não estou enciumada. Sinto feliz, simplesmente, que, para Leila, meu Barry se houvesse tornado um homem.

"Mas eu devo retirar de meus rabiscos tôda a marca de tristeza. Ela se insinuará, de tempos a tempos, e você me perdoará, pois que você reconhecerá que nós que nos amamos nos reunimos lá, e sòmente êle, êle que tanto desejava ver-se em meio de todos os a quem amava, não esteja presente... Oh! Onde está êle, Roger Poole, nesse vasto infinito que se estende por todos os lados, além do mar, além do céu... na eternidade.

Continua a carta de Mary, de bordo do transatlântico: "Durante tôda a viagem me tenho deixado ficar estendida neste meu transatlântico, deixando que o tempo corra. O tempo está claro e fresco, e o mar se nos apresenta como um tapête de esmeralda. O mundo, é, verdadeiramente, um lugar encantador, o grande mundo exterior; mas não é êle que nos torna felizes, mas o que trazemos dentro de nós; e quando o coração sofre..

"Mas devo falar de outras coisas que não de mim mesma. Posso falar de Delilah? Ela atrai muito a atenção, com suas maneiras cheias de encanto e suas tualetes maravilhosas. Todo mundo se interessa por ela. Boatejam coisas a seu respeito. Acham que é inglêsa, e que, no mínimo, é alguma duquesa. Colin se acha feliz como um polichinelo, em virtude do sucesso a que êle a conduz. Está satisfeito com a sua posição e não se cansa de observá-la. Êle a faz contente, a bater os seus longos cílios e a sorrir. Na última noite, Delilah dançou alguma coisa nova, e seu tango é tão majestoso como um minueto. Foi com Porter que ela dançou, e alguns passageiros se detiveram para apreciar. Já murmuram que êles são noivos. Oh! como desejaria eu que isso fôsse verdade! Desejaria imenso que isso fôsse real. Seria excelente para ambos, que teriam encontrado um para a medida do outro. Delilah agiria sempre a seu modo. Ela dominaria e hipnotizaria, como eu estou hipnotizada. Delilah dirige o seu mundo como se fôsse uma rainha. Já possui um grupo de admiradores a bordo; mas deixa que a maioria a adore de longe. Quanto às mulheres, escolheu o que há de melhor. A frieza que parece congelar o coração dos inglêses, desaparece depressa diante de seus encantos pessoais. Assim, já joga bridge com gente fina e toma chá em círculos sociais dos mais apurados. Quando está entre êles, aparenta um ar distante, e, segundo diz Grace, é com êsse sistema que ela sabe conquistar.

"Quando os palradores não associam o nome de Porter ao de Delilah, êles se ocupam com o de Grace. Se você pudesse ver os nossos "pássaros de cabeça vermelha", como lhes chamava o meu pobre Barry! Quando passeiam, Grace leva pequenino chepéu negro que deixa ver sua gloriosa cabeleira, e o casquete de Porter não chega a encobrir a sua coroa radiosa. Inicialmente houve que os julgasse irmãos; mas, depois que se certificaram de que não são parentes, ficaram um tanto intrigados.

"Tudo isto é como uma peça que se movimenta diante de meus olhos. Há inglêses encantadores, e outros que não o são. Oh! Porque foi que começamos a nossa existência de maneira tão simples, não procuramos continuar com aquela simplicidade. Tenho a impressão de que, aqui a bordo, todo mundo procura fazer-se valer. Os ricos esbanjam sua fortuna, e os eruditos, seu cérebro. Haverá, realmente, alguma diferença entre um novo-rico e um diplomata recente? Uns falam de seus automóveis, enquanto os outros, de suas qualidades intelectuais. Tudo isto é muito tedioso. Neste mundo podemos possuir coisas e conhecer outras. Mas, se disto tudo resulta algo de importância de que devamos falar constantemente, muita coisa também há que nada vale.

"Veja Grace. É rica e ocupa uma situação social de relêvo. Culta, sabe pintar, e sempre honrou o seu colégio. Suas opiniões sempre são interessantes. É a única pessoa com quem posso entender-me, não falando na minha querida tia Isabelle. Os outros, quando me vêm falar, se mostram tristes e enérgicos.

"Será que tudo isso significa ser eu muito egoista? Deus meu! Um dia serei contente de os ver a todos.

Mas, neste momento tenho o coração partido, e Leila, com seu pequenino rosto muito pálido, faz-me mal. Mme. Barry Ballard! Poderei habituar-me a ouvir chamar-lhe assim?

"E agora, que faz você? Planta sempre pequenos jardins a falar aos seus pequenos discípulos, a tôda essa gente triste? A prima Patty me falou de sua carta àquele bispo que foi tão amigo durante as suas atribuições, e de sua resposta. Ela me disse de suas esperanças de ter uma igreja nas colinas de areia e pregar, em vez de ensinar.

"De certo será esta a realização de todos os seus sonhos, — de todos os nossos sonhos — pois eu mesma tenho sonhado com isso, e espero que venha a suceder. Muitas vêzes, ao estirar-me aqui, fecho os olhos e parece que o estou vendo nesse cenário de pequenos pinheiros verdes. E me convenço então de que o ouço, que você me diz coisas como sabe dizê-las a tôda essa gente simples. E, de quando em quando eu posso persuadir-me de que você realmente falou, que sua palavra veio até mim através de tantas distâncias. E recebo os seus sermões para mim só, aqui, em pleno mar, com tôda esta imensa distância azul que nos separa. Mas eu o ouço, eu o ouço, como se você estivesse aqui".

Noutra página do "diário", escreveu Marry:

(*Continua no próximo número*)

tradução de
RENATO DE ALENCAR

Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

Uma Aposta Temerária







13 Larry combina com seu comparsa Jojo para destruírem o barco de Rob pelo fogo. À noite, Jojo parte em companhia do outro sicário amigo de Larry, de nome Tobias. Êles levam ordem de atear fogo no "Liberty II". Mas, em virtude de a noite estar muito escura, Jojo se confunde e acosta o seu bote ao lado do iate "Mayflower", de Frank Morris, um dos amigos de Rob, também disputante da prova. Não havia ninguém a bordo do iate. Jojo leva algumas latas de gasolina e espalha o líquido, riscando-lhe um fósforo. Instantes depois o "Mayflower" era uma enorme fogueira sôbre as águas.







14 Frank, o dono e pilôto do iate incendiado, estava a bordo do "Laura". De súbito uma voz gritou: "Fogo!". Todos correram para ver o que se passava. Frank Morris, de longe, olhava, esmagado de pena, o espetáculo doloroso de ver o seu barco ser devorado pelas chamas. Mas, por sua vez, Larry fitava a mesma cena lá de seu "Memphis", e sorria de contentamento, julgando que o barco a arder era o "Liberty II", do rival Cap. Rob. Mas na manhã seguinte êle se desapontava, pois estava verificado o engano de seus cúmplices, que tocaram fogo noutro que não o iate do Capitão Rob.





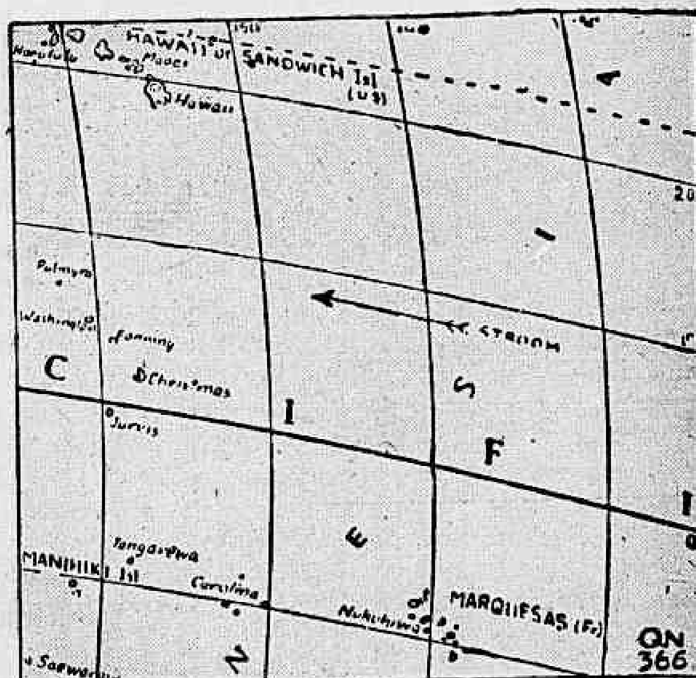


15 Havia um barco ainda por chegar. Era o "Viking", do norueguês Nils Bjorn, bastante atrasado. Frank Morris está inconsolável em virtude da perda de seu iate. Deverá êle prosseguir na travessia a bordo do barco "Laura". Os esportistas vão ser recepcionados pelo Iate Clube de Honolulu. As horas se passam em banhos e passeios, e, à noite, belas e tentadoras havaianas, vestidas a caráter, dançam para os homenageados. A música executada é dolente e convidativa. O Capitão Rob e o milionário John Brookfeller estão preocupados com a demora de Nils Bjorn.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — Depois de regressar de suas aventuras pelos mares orientais em companhia de Marga e Willy, o Cap. Rob inaugura o seu novo iate "Liberty II" e consegue ganhar uma regata disputadíssima. O seu maior rival foi o milionário John Brookfeller, que pilotava o barco "Laura", sempre vitorioso até ali. Com o triunfo sensacional de Rob, o milionário institui um prêmio de 500 mil dólares para quem conseguisse atravessar o Pacífico. São vários os incritos, incluindo o próprio milionário. Dentre os concorrentes há um, cujos processos não se recomendam, de nome Larry, pilôto do "Memphis", barco de maior calado. Willy tira vários filmes da partida. A primeira etapa, entre S. Francisco e Honolulu, é vencida por Rob. Larry está aflito e começa a preparar ciladas contra os rivais. Êle conta com dois comparsas em Honolulu e lhes dá ordens de afastar Rob de entre os concorrentes. Uma surprêsa estava reservada a Rob: — a chegada de Marga e Willy na lancha "Pandora".







16 O navegador norueguês teve complicações a bordo de seu "Viking". Uma vêrga lhe quebrara o braço direito, causando o retardamento à chegada em Honolulu. Êle terá que convidar um outro marujo para continuar a viagem. Como está não lhe é possível dirigir o iate. Estudam os competidores o mapa do espaço a navegar. Rob assume os trabalhos. Terão de prosseguir viagem em direção do arquipélago das "Marquesses-islands". Não é boa rota. Mas, se forem pelo caminho mais curto, entrarão perigosamente na zona das calmarias. Todos concordam. Mas Larry tem outro plano na idéia.



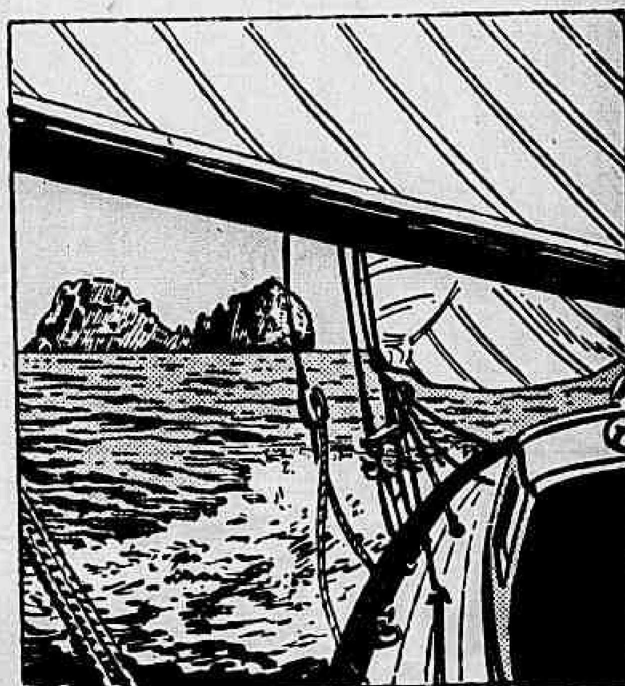




17 Nils Bjorn recebe a bordo de seu iate um visitante. E' um marujo que, sabendo da vaga existente no "Viking", pelo acidente do pilôto, vai oferecer seus serviços. O pretendente não parece estar em forma; porém, como os seus papéis estão todos em ordem, Nils o aceita, ignorando que o marinheiro a quem empregava não era outro senão Bill, que tivera uma briga com Larry, a bordo do "Memphis", antes da chegada a Honolulu. Êle estava disfarçado. Pintara os cabelos de prêto e usava barba e cavanhaque. Bill tinha qualquer coisa em mente. À partida, Tobias, olhava os barcos.







18 O tempo estava muito bom, e Rob navegava a bordo do seu valente "Liberty II" em completa paz em companhia do seu fiel "Skip". Já se adiantara muito e perdera de vista os seus competidores. Não se via uma vela por milhas e milhas de deserto de ondas. Não havia dúvida, que era aquela região uma das mais desertas de todo o vasto Oceano Pacífico. "Skip" não parecia tomar interêsse pelo instrumento com que Rob verificava a rota, de tempos em tempos. E pescava grandes peixes, até que, uma manhã, avistou ilhas. Não havia dúvida. Estava numa das ilhas "Marquesses".

ISAURA AMOU DE MAIS

Conto de ARNALDO B. MARCHETTI

Ilustração de GIPSON DE FREITAS

FALTAVAM, apenas, três meses para o casamento, quando Isaura estranhou: — Que há com você, Jandir?

Surprêsa do noivo:

— Comigo? Nada. Por quê?

Ela disfarçou, assim:

— E' que você, hoje, está tão esquesito, querido!...

Jandir beijou-a na testa; e concluiu:

— Ora! Isto passa, bobinha!

Isaura, agora com mais rigor, observava perspicazmente tôdas as atitudes do noivo, ao estar junto dêle. Os preparativos para as núpcias tornavam-na bastante apreensiva, fazendo-a viver de emoções constantes. Além disso, a preocupação induziu-a sèriamente a descerrar o véu da vida íntima do rapaz, obrigando-o até a contar para ela, ao fim do dia, os mais insignificantes casos que lhe sucederam. E agia de tal forma, com tanto capricho, que se diria estar dominada fortemente por um ciúme singular. A grande verdade, porém, era de que Isaura nunca fôra acometida por êsse micróbio do amor, mesmo porque Jandir não lhe dava motivos para enciumar-se.

Era lógica a sua maneira de proceder. Isaura pintava o amor com vivacidade e fascinação, de modo exclusivamente original, em estilo próprio, adversa a qualquer ausência de sentimentos. Sem dúvida, estava influenciada por idéias futuristas... Por isso, adorava o noivo, vivia a enlevado com afagos divinos, não podia afastar-se dêle um minuto sequer. Uma paixão doida queimava-lhe o coração benévolo, mas inquieto. Enfim, idolatrava-o, como a uma figura santíssima, com alta dose de sinceridade e meiguice. Não é exagero nenhum: seu amor, de invejável humanismo, prestar-se-ia muito para um estudo psicológico!

No entanto, D. Luísa, como mãe dedicada que era, por mais que quisesse, não via com bons olhos a felicidade da filha com aquêle enlace, às portas da realização, embora sempre tivesse Jandir na maior consideração. E o rapaz não carecia de predicados, ao contrário, belo caráter aparentava, era de uma educação esmerada; D. Luísa estimava-o qual um filho amado. A prova disso é que se empenhava com ardor para que o matrimônio se efetuasse em ampla cordialidade.

D. Luísa, viúva, logo que Isaura fixou definitivamente o namôro com Jandir, isto há coisa de dois anos, sentiu uma incerteza torturar-lhe o peito. Demais, possuía convicção de que não se iludia fàcilmente, ante a veracidade dos fatos. Intimamente, a trechos, ela se opunha resistentemente àquela união. Não porque desejasse ver a filha sempre solteira, absolutamente, visto que Isaura era o braço direito da família, com uma colocação rendosa no Ministério da Fazenda. Mas, não obstante haver dado a sua autorização para o noivado, desabafou-se junto à filha. E narrou a angústia que morava consigo:

— Lembre-se das minhas palavras, Isaura! Herdei da vida muita experiência, curvo-me ao pêso dos anos... Você, não, você é bem moça, com vinte primaveras, ainda não viveu sua mocidade, não pode sacrificar-se dêsse jeito!

E a outra, admiradíssima, correndo-lhe as mãos na cabeça branca:

— Que absurdo, mãezinha! Quem lhe disse que irei sacrificar-me?

A senhora suplicou, então:

— Por favor, Isaura! Você merece ser feliz, mas escolha um tipo mais adequado.

De chofre, o semblante de Isaura agravou-se; ela se mostrou ofendida. Retrucou, um pouco áspera:

— Por que outro amor?

D. Luísa titubeou visìvelmente:

— Bem... é que Jandir... você sabe...

— Eu? Não sei de nada. Explique a senhora!

— A diferença é exagerada... Jandir tem o dôbro da sua idade, Isaura! Isto poderá refletir tristemente no seu futuro!

Ela replicou, prontamente:

— Que importa? O amor não vê idade, mamãe!...

Assim, não tendo outra alternativa, D. Luísa afastou-se, resmungando:

— Qual! Você está amando de mais, Isaura!

Realmente, D. Luiza tinha certas razões ao pronunciar estas palavras. Isaura fôra vencida Jandir lhe tomava a mente. A seu lado sentia-se por um sentimento indescritível. Só a imagem de a mais venturosa das mulheres; queria vê-lo sempre que podia. Quando êle se apresentava, um dia só, sem a avisar, acamava-se febril e perturbada; ou então, corria ao telefone, ao menos para ouvir-lhe a voz. Bastava uma troca de prosa; aí, tranqüilizava-se, tornava-se alegre novamente.

— "Oh! querido! Você me assusta tanto!"

— Vem, Isaura, vem dormir... Já é tarde!

— Já vou, mãe... Um instante só. Quero acabar êste bordado ainda hoje!

Era êste o diálogo de noites seguidas, entre mãe e filha. No limiar do namôro, Isaura assegurou a Jandir, e a muita gente também, que iria aprender a costurar, a fim de compôr todo o enxoval. E cumpriu a promessa, pois, num só verão, ela se revelara excelente costureira. Findara o curso e imediatamente pegou do enxoval, num trabalho eficaz que a consumia. Daí veio o cansaço nas vistas; consultou um oculista; êste, por prescrição, aconselhou-a a usar óculos; a paciente sofria de astigmatismo. O prognóstico do médico, no entanto, não a abalou profundamente, nem arrefeceu sua disposição para o afã estabelecido. Afinal, quantas pessoas usam óculos, não é?

Mas Jandir não simpatizou muito com a noivinha, de óculos, e pilheriou:

— Você nem parece a mesma. Isaura!

— Por que, amor?

— Arre! Êstes óculos não lhe caem bem...

Isaura sorriu amargamente, os olhos úmedecidos, a observação do noivo desapontou-a. Deitou-lhe a cabeça no ombro e balbuciou:

— Não seja por isso... Na sua presença não

(Continua na página 47)



Nem as ingentes dificuldades, nem os rigores da canícula conseguem abater o ânimo forte dêsses colonos na sua faina de todos os dias no preparo da terra para o plantio.



Apesar da boa disposição existente entre os bravos camponeses gaúchos, esta mulher parece refletir no semblante as dificuldades que têm que enfrentar nesta luta do trigo.



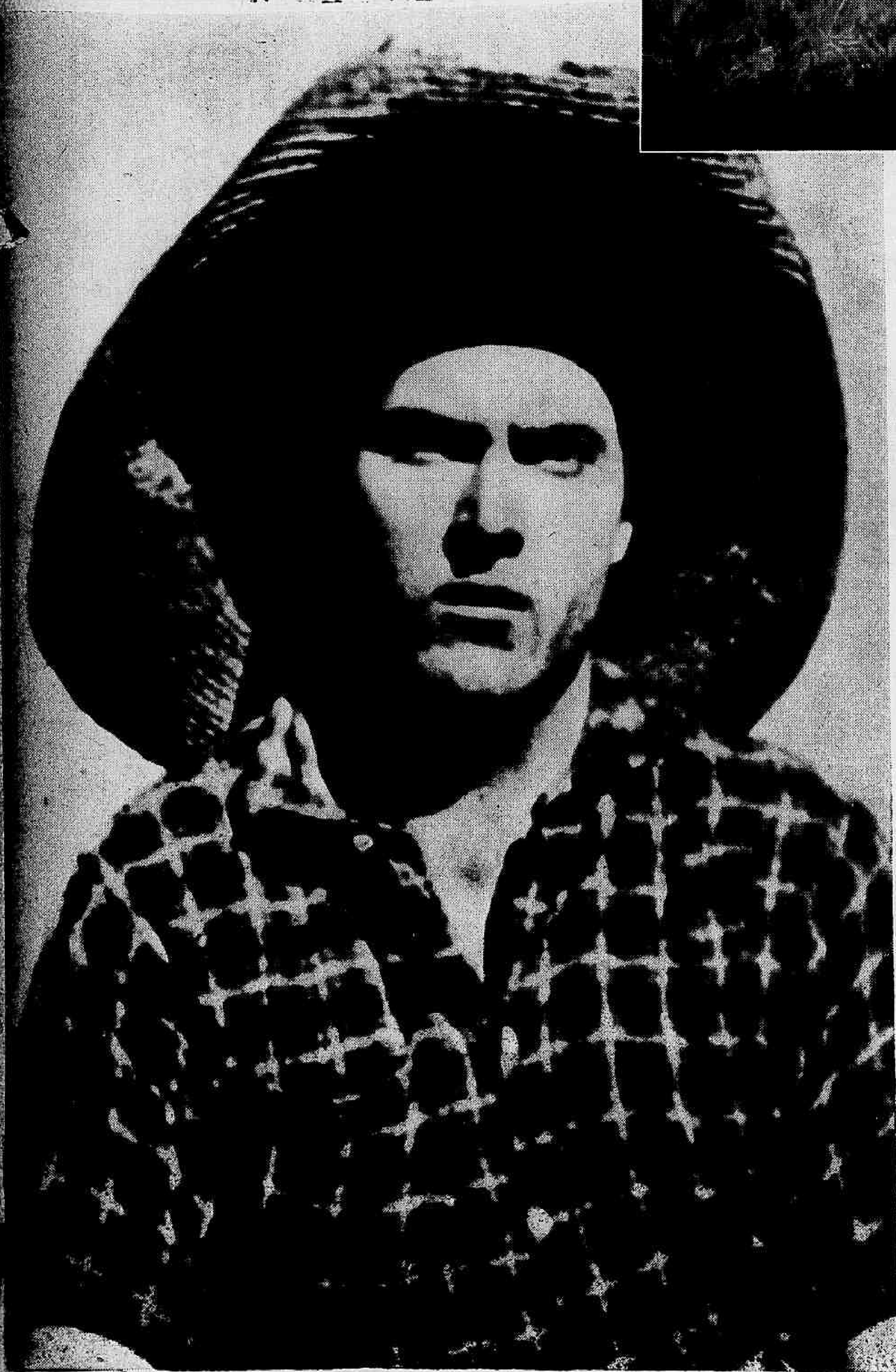
O trigo também tem seu drama

Reportagem de NILO DE OLIVEIRA VELOSO

• As aparências enganam
• O sacrifício do produtor
• Desenganos e esperanças

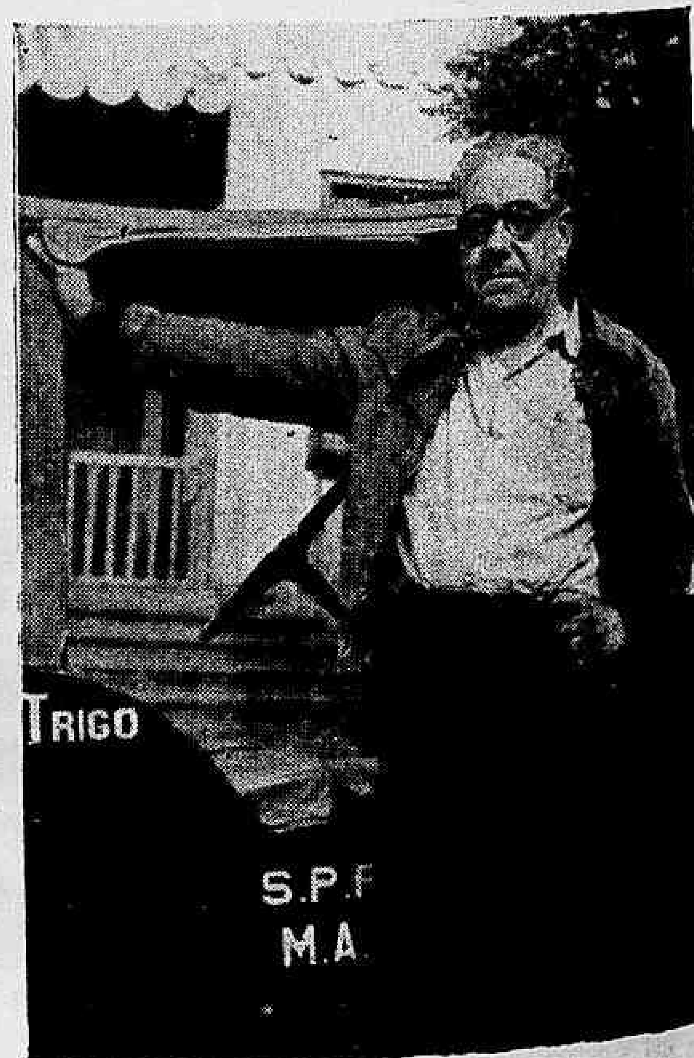


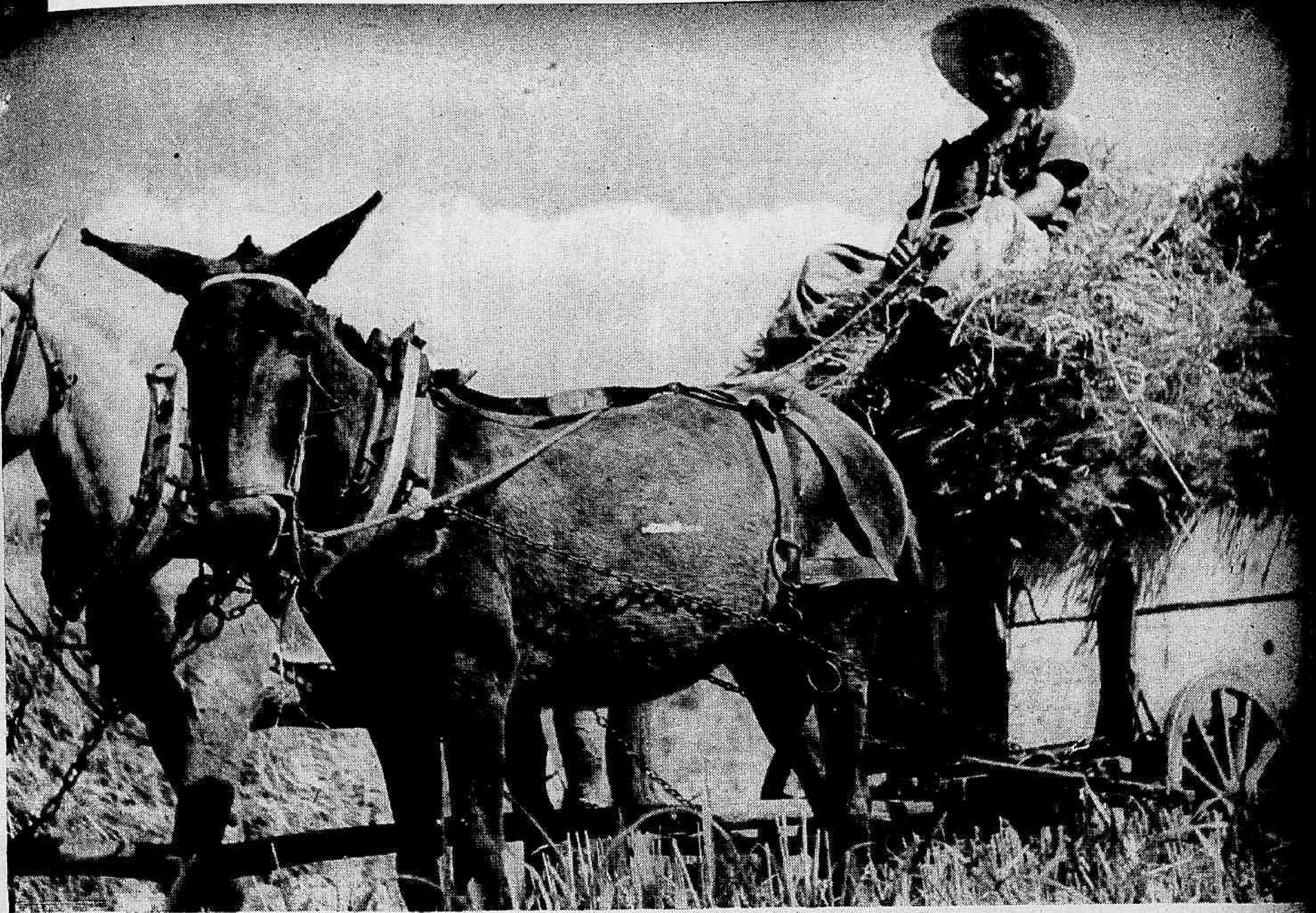
Um aspecto curioso da trilhadeira, máquina especial que serve para separar os grãos da palha, usada na lavoura de cereais, especialmente do trigo.



A gravíssima situação do Brasil que dispende dezoito milhões de dólares, ou sejam trezentos e cinqüenta milhões de cruzeiros em moeda nacional, mensalmente, na compra de trigo, grita por providências enérgicas que venham pôr um paradeiro na ganância dos moageiros e intermediários que vêm entravando o desenvolvimento da triticultura em nosso país e nos obriga a gastar, no exterior, a nossa preciosa reserva de dólares que bem poderia ser destinada à máquinas agrícolas. O Govêrno vem de destinar para o desenvolvimento da triticultura mais de trezentos milhões de cruzeiros. Mas poderão êstes cruzeiros modificar o assalto organizado ao lavrador que se vem realizando cruelmente nas terras do sul? Em novembro de 1951, foram multados por inobservância da lei — compra de trigo nacional por preço inferior ao tabelado — diversos e importantes moinhos cada um em Cr$ 50.000,00, importância máxima em que pode ser multado um infrator de dispositivo legal. Mesmo que o fiscal do serviço do trigo encontre várias notas compro-

Sr. Trajano Silva Coine, fiscal do serviço de expansão do trigo, que nos prestou informações. À esquerda, tipo característico do camponês dos pampas.





Duas cenas peculiares às regiões sul-riograndeses: homens, mulheres e crianças no trabalho da trilhadeira. A carroça serve para transportar feixes de trigo.



O TRIGO TAMBEM TEM O SEU DRAMA







vantes de diversas compras efetuadas ao preço baixo que
terial nada pode fazer pois no auto de infração será ser
adiantará citar mais de uma, uma vez que para multa
tada nem diminuída. Em meio a esta tragédia lavrador
que, nas terras do sul, toma uma feição um [illegible] ente, poi
lono de origem italiana, alemã ou polonesa. Se fôr a
tímido mormente quando trata com alguém a [illegible] le julga
rei da região e que pode atirá-lo à miséria, de[illegible] de adqui
Maio a Agôsto o colono e seus filhos e filha[illegible] am-se
lavrar a terra, semear o trigo e gastar, usando [illegible] para s
crescente do custo da vida. Em Novembro, os [illegible] se cobr
trigo sacodem as suas espigas loiríssimas par[illegible] berem a
região. O drama cruel começa então. O lavrado[illegible] possui tr
colhe e separa os grãos da palha), tendo que [illegible] para ben
mentando o seu débito já pesado. Vencidas tôda[illegible] ficuldade
moinho mais próximo, tendo que ser transportad[illegible] carrocinh
lômetros de distância. À porta do moinho o co[illegible] ebe a
trigo não foi tabelado e portanto o preço é X, [illegible] nos pri

À esquerda, ao alto, uma expressiva atitude de [illegible] do dêsse
energia e boa-vontade de vencer na grande bata[illegible] trigo.
lhe de índios que trabalham na triticultura nacio[illegible] cultur
no Brasil, não é sòmente privilégio dos colonos [illegible], com



ao preço baixo que o da Portaria Minis-
infração rá ser citada uma, pois nada
que para multa esta não seria aumen-
tragédia lavrador, o homem do campo
o um tam ente, pois ali predomina o co-
onesa. Se fôr a origem o colono é um
guém a e julga superior, um pequeno
iséria, de de adquirir o seu produto. De
s e filha gam-se à labuta duríssima de
usando o para suportar o pêso sempre
mbro, os se cobrem de flores e os de
imas par berem a brisa fresca daquela
O lavrado possui trilhadeira (máquina que
do que para beneficiar o seu trigo, au-
cidas tôda ficuldades, o trigo é levado ao
ansportad carrocinhas às vêzes a 60 qui-
nho o co cebe a triste notícia de que o
ço é X, nos primeiros mesez do ano o

titude de do dêsse camponês que denota
rande bata trigo. Em baixo: curioso deta-
ltura naci a cultura do importante cereal,
colonos s, como se crê, erradamente.



A máquina de benefi-
ciar o trigo em plena
ação no próprio cam-
po; é a lavoura brasi-
leira que, pouco a
pouco, vai alcançando
o seu nível elevado
de justo progresso.

Trabalhando para que
não nos falte o pão de
cada dia; ao lado do
carro-de-boi surgem, ago-
ra, as modernas máqui-
nas da nossa incipien-
te lavoura mecanizada.

O TRIGO TAMBEM TEM O SEU DRAMA

Ministério tabela o trigo. E' uma falsidade a alegação e consuma-se o primeiro atentado. O pobre colono tem que escolher: voltar com seu trigo ou vendê-lo a baixo do preço do valor real. Aceita a segunda hipótese e nova modalidade de exploração se apresenta, um calador que retira 300 gramas de cada saca é introduzido sob o protesto da pesagem para a classificação e determinação do "específico". A pesagem é feita dentro do escritório sem nenhuma fiscalização; ao vendedor só resta acreditar na informação trazida — que é sempre — "específico mais baixo", — o que vem a ser menor preço. As 300 gramas retiradas não voltam mais ao saco. Multiplique o leitor por milhões de sacos e verá quantos milhares de quilos de trigo são sonegados à economia popular.

Não está terminada a operação. Empilhado o trigo, segue-se a última informação: — "Venha receber daqui a 90 dias". Depois de seis meses de plantio, dívidas acumuladas e três meses

Esta linda camponesa gaúcha traz no semblante a satisfação de quem trabalha sem os temores do cansaço; é um símbolo exuberante da triticultura nacional.

Brotinhos descendentes de três raças: alemã, italiana e polonesa, genuínas gaúchas, belas e formosas a serviço da grandeza sem par da querida pátria brasileira.



O sorriso das três gauchinhas, depois da esplêndida colheita, traduz o imenso contentamento que sentem pelos seus loiros trigais, esperança alviçareira de um futuro de riqueza para o país.



à espera do pagamento. Está morto o colono e a triticultura não sobreviverá seja qual for a injeção que lhe seja aplicada.

Os senhores moageiros solapam e destróem a triticultura brasileira. E ao lado do miageiro funcionam os intermediários.

Ouçamos o que me diz um fiscal do Serviço de Expansão do Trigo, Sr. Trajano Silva Cirne:

— Certo moinho importante, ao ser autuado por haver comprado trigo por menos Cr$ 7,00, em saca, sob o preço tabelado, o seu gerente bateu em meu ombro e exclamou:

— "Que quer amigo, todos nós gostamos de "gaita".

Estava lavrada não só a multa de Cr$ 50.000,00, o que nada representa se considerarmos o quanto ganharam na transação, mas também estava definida com as palavras do gerente do moinho, a mentalidade que domina aquêles que compram trigo.

(Cont na pág. 50)

Esta filha de co[...] europeus sente-se [...] em nos mostrar os [...] feixes de trigo de [...] cultura; é uma [...] expressão da be[...] feminina dos pa[...]





O ronceiro carro-[...] com sua extraordi[...] carga numa apre[...] ção das formosas [...] ponesas do sul; a[...] gria é o caracte[...] comum dos felizes [...] chos. Belas ama[...] são as gaúchas [...] mias na arte de m[...]

A REVISTA HÁ 50 ANOS

CRÔNICA

REPOUSA finalmente em terra brasileira o cadáver de Augusto Severo, uma das vítimas dêsse martirológio da Ciência,a, cuja simples enumeração daria copiosos in-folio. Devemos chorá-lo, e muito; devemos, ainda mais, venerá-lo. Mas não convém desviar do seu rumo os que fantasia audaz ou imaginação irrequieta arrojarem para o azul do espaço ou para o vermelho sombrio dos fornos e das retortas. Só de idéias vivem os povos, só por êles perduram na história e na lenda; a marcha para o Ideal é uma condição do Progresso e um Minotauro devorador de vítimas sem conta. Mas não é lícito prevenir essa hecatombe. E' necessária... "Bom Deus! bom Deus! para que a terra produza diamantes, e dela rebentem flores, são talvez precisos êstes corpos aa vigorar-lhe as seivas!..."

Felizes dos povos cujo lirismo dá para estas doidas arremetidas em busca da fama sem que a esperança do proveito venha pôr-lhe resaibos de saburro na candura idealista. E' dêstes mortos ilustres, destas puras cerebrações imoladas à ânsia de penetrar e decifrar o ignoto que nasce a vida moral das nações, a fôrça impalpável e incoercível com que os fracos respondem, nas agonias trágicas da sua evolução, às pretensões dos fortes. A beleza da sua língua, os primores da sua literatura, as energias do seu trabalho, a audácia e consciência dos seus cientistas, eis o arsenal incruento mas formidável com que o Direito responde à Prepotência nos povos que, como o nosso, alqueivam ainda as suas primeiras geiras de terra e nãopodemdistrair braços do solo fecundo para atirá-los aos azares da guerra. Perdemos um cidadão eminente neste acordar do engenho brasileiro aos primeiros alvores do novo século; mas quanta fama e proveito nos trouxe êsse sacrifício de uma vida e essa devoção pela Ciência, da qual Santos Dumont foi o Messias! Em poucos meses o Brasil, desprestigiado no exterior pelas loucuras e erros de ofício dos seus homens de govêrno, alvo de tôdas as calúnias e de tôdas as facécias, brilhou na constelação do Pensamento com o fulgor triunfal da Alfa do Cruzeiro. Países para os quais o nome desta terra era um vocábulo sem conteúdo ou acordava graçolas de mau gôsto, ficaram-no conhecendo e aprenderam a respeitá-lo. O que a chancelaria, com todos os seus recursos, com a sua bagagem histórica, com as suas brilhantes tradições não lograra alcançar, conseguiu-o o puro e devotado amor de obscuros cidadãos pela Ciência, sem outras armas, sem outros recursos além da probidade científica. Grande lição! Grande exemplo! Sobretudo nestes tempos que correm e em que o egoísmo feroz, o egoísmo atroz, tudo pretendem levar de vencida. Até a natureza, cujos segredos êle tentara devassar, lhe perdoou a curiosidade, associando-se à homenagem. O tempo, até aí lindo e tépido, volveu-se casmurro e frio e o firmamento cobriu-se de crepes para fazer um dossel de luto à galeota de Augusto Severo.

★

A edição de domingo, 22 de junho de 1902, da Revista da Semana foi dedicada à memória do grande mártir da Ciência, o sábio aeronauta brasileiro Augusto Severo. Uma bela fotografia do malogrado inventor do "PAX" ilustrou a primeira página da revista. Artigo importante é o de João Chagas, sôbre a epígrafe: SEVERO E DUMONT. Chamou-os o articulista de "os Cavaleiros do ideal — da idéia generosa por que se morre; e, na vida, quer se trate de conduzir um balão, com um faéton, através do imponderável azul, quer se trate de conduzir uma religião, como uma vela acesa na ventania das Idades, é uma alma heróica tôda aquela que o empreendeu, e, vencedora ou vencida, uma alma que ficará resplendendo no tempo com um fulgor estranho de imortalidade". A crônica de Jacques Bonhomme é escrita à memória de Augusto Severo.


REVISTA DA SEMANA

IMPRESSÕES E ASPECTOS

A POESIA POPULAR

(Continuação do nmero anterior)

A calamidade desta Musa descalça não é de sêda e ouro, mas de burel rude e d'estamenha, como as capas dos pastores e mendigos. Nada mais negligente e pobre do que a forma que veste suas trovas gaguejantes. Mas através dos seus farrapos, de súbito, rompe da alma, num soluço divino; um dêsses trêmulos gritos arquejantes de coração ferido, que para sempre ficam a vibrar na nossa alma enternecida com o pranto harmonioso do oceano no seio de uma concha atirada à praia. E eis que a êsse verbo de dor tão penetrantemente humano, ou de paixão tão candidamente sentida, ao nosso espírito se rasgam num clarão de estrêlas, abismos de infinito. Êsses são, na verdade, os únicos poetas do povo — porque na letra ingênua das suas cantilenas e baladas vibra aquêle inimitável acento da nossa Raça, aquela expressão de contemplativa saudade, de nostalgia dolorosa e falatalismo trágico que em vão nós outros artistas tentaríamos traduzir em tôda a sua profunda e expontânea intensidade.

Por mais sinceros e arrancados do coração, os nossos livros parecerão tão mesquinhos, ao lado dessa obra imortal e anônima dos poetas da rua, como uma pálida flor de estufa ao lado de uma rosa esplêndida que brotou da terra, regada pelo orvalho do céu e colorida pelo sol de Deus. E por mais febril e ardente que seja o sôpro de talento com que um grande escritor insuflasse alma e vida às criações do seu cérebro, não conseguirá nunca que elas passem o círculo estreito de um limitado público intelectual — porque, ao realizálas, a forma verbal será sempre demasiado literária para tocar e prender a imaginação do povo. Para a multidão, um pobre cego ignorante valerá sempre mais do que Antero ou do que Junqueiro. Porque? Por lhe dizer, simplesmente, na mesma língua que fala, ùnicamente os mesmos sentimentos, as mesmas aspirações que a comovem.

(Cont. no próximo número)

PARA O FORTE FRIO



Amplo "manteau" em lã fantasia, quadriculada, com incrustações do mesmo tecido enviezado. Uma prega acentua a folga das costas. Outras sugestões inspiradas no mesmo tema aparecem ilustradas nos quadros: vide diagrama modêlo na pág. 43





ELEGANTES

Algumas sugestões elegantes de Ramon, para o chá, passeio, cinema ou "cocktail", você encontrará nestes graciosos modelos de linhas sóbrias e sugestivas.



HISTÓRIA DE BAR

Ao transpor-se a porta, deixa-se para traz o mundo comum de todos os dias e entrava-se num ambiente totalmente diverso; havia nêle algo de irreal, talvez fôsse por causa da iluminação indireta, ou então, daqueles murais fabulosos de Carlos Bastos — aquelas figuras, ao lado direito de quem entra, tão impenetráveis e, no entanto, tão profundas — ou da Madonna de Mário Cravo, que se avista logo da entrada. E' difícil explicar, mas a irrealidade estava presente, de uma presença quase palpável, naquele barzinho abafado e pequeno; começava-se a pressentí-la desde o corredor, para então encontrá-la absoluta na salinha mal iluminada e cheia de quadros modernos. As mesas, quase juntas, pareciam tornar impossível a intimidade e a solidão, mas ninguém se incomodava com os outros e, assim, cada qual se sentia em completa liberdade. O rádio tocava baixinho uma canção francesa, não dava para perturbar as conversas; a música era funcional e integrava-se no ambiente. E, extremamente simbólico por ser tão inexplicável, havia aquêle anjo na gaiola, aquêle anjo cujas feições mal se distinguiam na semi-obscuridade adensada pela fumaça dos cigarros. Ainda não era muito tarde, mas as mesas já estavam quase tôdas ocupadas. Junto a uma parede, no canto mais escuro, um casal de namorados esquecia-se do mundo, talvez pensando no que viria quando a bebida chegasse ao fim; bem perto, uma ruiva mal vestida discutia animadamente sôbre escultura moderna com um rapaz de cabelos ondulados. Um senhor idoso, acompanhado de uma pequena perfeitamente cinematográfica, tomava gin com gazoza. Um grupo de cinco turistas, uma senhora e quatro rapazes, depois de escrever os nomes na coluna ao centro da sala, ocupou uma mesa redonda próxima ao balcão. No banco junto ao rádio, um homem alto folheava revistas com um ar ausente, a léguas de distância espiritual de uma mulatinha de cabelos estirados que bebia as palavras do companheiro, um rapaz louro que falava gesticulando muito. Um único garçon, que servia a tôdas as mesas, era como que o traço de união entre aquelas criaturas tão diferentes.

Ela chegou, alta e elegante, trazendo a profissão escrita em cada traço do rosto, em cada detalhe da tualete bem feita. Ainda era bem bonita e tinha um ar um tanto intimidante, que não convidava a atitudes precipitadas. Ocupou uma mesa do fundo, das poucas vazias, e, enquanto esperava o uísque pedido, acendeu um cigarro; seus gestos traíam mais ainda a mulher transviada de alta classe, já passada da primeira mocidade. Evidentemente, esperava alguém, pois o garçon colocou dois copos na mesa.

Uns dez minutos mais tarde, êle chegou; era um rapaz novo, que talvez ainda nem tivesse vinte anos, e bastaria ver o modo pelo qual ela o olhou para compreender o que eram um para o outro.

— Então, como foi?

— Reprovado. Sem esperança alguma.

— Você falou com o secretário?

— Falei. Disse que não tem jeito. Ofereci dinheiro, mas não adiantou.

— Você devia ter deixado que eu fôsse falar com êle. Mulher sempre é outra coisa.

— Era o que faltava! Você não vê logo! Imagine o que iam dizer, todos sabendo que você é minha...

— E que mal há nisso? Eu estaria apenas procurando salvá-lo de uma reprovação. E agora, como vai ser?

— Agora? Eu vou voltar para a fazenda, não há jeito. Meu pai não me deixará ficar aqui, depois dêsse novo fracasso.

— Não. Você não pode ir embora. Eu não quero que você vá.

— Diga isso a papai. Olhe, eu desconfio que êle já sabe a nosso

(Cont. na pág. 46)

Conto de F. MOREIRA

Ilustração de PETRONIO



RECIFE
MACEIÓ
ARACAJÚ
SALVADOR

diretamente ligadas ao Rio



Realize esplêndidas viagens ao Norte, pelos novos aviões DC-3 mistos da NACIONAL. Descontos de 25% Magnífico tratamento à bordo e periodo mínimo de tempo

através da maior rêde aérea do interior

Aracajú
Araxá
Almorês
Alfenas
Almenara
Anápolis
Araçuai
Aragarças
Aroguari
Assunção
Balisa
Barra
Barreiras
Barrctos
Bela Vista
Belo Horizonte
Bocaiuva
Buriti Alegre
Cáceres
Caiapônia
Cambuquira
Campanha
Campinas
Campo Grande
Caratinga
Carinhanha
Caxambú
Conquista
Coromandel
Corumbá
Coxim
Cuiabá
Curvelo
Diamantina
Dcurados
Goiânia
G. Valadares
Guaxupê
Guiratinga
Ilhéus
Ipameri
Iporá
Itabuna
Itajubá
Ituiutaba
Januária
Jataí
Jequitinhonha
Joazeiro
Juiz de Fora
Lapa
Lavras
Maceió
Machado
Manhuassú
Monte Carmelo
Montes Claros
Morrinhos
Passos
Patos
Patrocinio
Pedra Azul
Petrolina
Pirapora
Pires do Rio
Piumhi
Poconê
Ponta Porã
Ponte Nova
Pouso Alegre
Poxoréu
Re f e
Remanso
Rio Verde
S. J. Del Rei
S. Lourenço
Salvador
Teófilo Otoni
Tupaciguara
Ubá
Uberaba
Uberlândia
Vitória
Xique Xique

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

Agência de Passagem — Rua Santa Luzia, 685-B — Tel. 32-6119 e 32-7399
Agência de Carga — Avenida Beira Mar, 514 — Tel. 42-9850 e 32-9455

REINADO DO
ALGODÃO



Versátil modêlo de José Walker, em estampado de motivo persa, próprio para o entardecer e as primeiras horas de uma noite de verão. A bôlsa, também em algodão, é de Colomy. As jóias são fantasia de côro.



Original de Herbert Sond Naim, em tela lustrosa beige. O decote se acentua para os ombros e a saia em panos franzidos lembra um abajur vitoriano. O chapéu é de John Frederics. Os sapatos são de La Valle.





De inspiração siamesa é esta criação de Tina Seser, em cambraia formando xadrez, com medalhões e barra que foi empregada verticalmente. Uma agradável maneira de usar sari sem ter que o enrolar.

A simplicidade e a graça dêste vestidinho conquistam qualquer moça, que por sua vez com êle estará mais seguramente armada para a conquista dos corações masculinos. É um original de Sidney para Janice Milan.

TODOS os anos os Estados Unidos elegem uma rainha do algodão, gentil soberana que tem encargos, como qualquer rainha. A ela incumbe exibir para o mundo modelos em tecido de algodão, criados por figurinistas famosos. A rainha do algodão de 195. é a senhorita Patrícia Mullarkey, vitoriosa no concurso dêste ano em Memphis, Tennesse, organizado pelo "National Cotton Coucil". Depois de haver visitado a Europa, o Canadá e as principais cidades de seu país ela vem fazer uma excursão, transportada por uma das aeronaves da "Braniff International Airways", pelas capitais sul-americanas. Tanto o Rio como São Paulo merecerão a honra de um desfile de dezenas de vestidos em algodão, exibidos pela encantadora rainha.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 6	**Cultura média**	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	**Cultura superior**	**Universitário**
De 12 a 14	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — DE ONDE PROVÉM O NOME VESTAL, REFERINDO-SE A PUREZA:

— Da Deusa Vesta?
— Da vestimenta branca?
— De Vênus?

2 — QUEM FOI RÉIA SÍLVIA:

— Primeira espôsa de Nero?
— Grande escritora grega?
— A mãe dos fundadores de Roma?

3 — DE ONDE SE ORIGINOU A PALAVRA CORREIO:

— Da Córsega?
— De corda?
— Do verbo correr?

4 — QUAL O MAIS VOLUMOSO DOS MICRÓBIOS:

— O da gripe?
— O da sífilis?
— O da tuberculose?

5 — EM QUE ANO FOI DESCOBERTO O BACILO DA GRIPE:

— 1918?
— 1892?
— 1805?

6 — QUEM FOI QUE DESCOBRIU O GERME DA SÍFILIS:

— Schandinn Hoffmann?
— Laveran?
— Oswaldo Cruz?

7 — EM QUE ANO FOI DESCOBERTO O BACILO DA TUBERCULOSE:

— 1882?
— 1780?
— 1900?

8 — DE QUE PAÍS ERA FILHO JENNER, DESCOBRIDOR DA VACINA CONTRA A VARÍOLA:

— França?
— Suiça?
— Inglaterra?

9 — QUAL O PRIMEIRO PAÍS DO MUNDO QUE ADOTOU A VACINAÇÃO OBRIGATÓRIA CONTRA A VARÍOLA:

— Portugal?
— Suiça?
— Brasil?

10 — E QUAL FOI O ÚLTIMO PAÍS A IMPOR A VACINA CONTRA A VARÍOLA:

— A Alemanha?
— A França?
— A Inglaterra?

11 — EM QUE CIDADE APARECEU O PRIMEIRO ÔNIBUS PUXADO A CAVALOS:

— Paris?
— Rio de Janeiro?
— Madri?

12 — AS ONDAS HERTZIANAS TÊM VELOCIDADE:

— Igual à da luz?
— Inferior?
— Superior?

13 — QUAL O IDIOMA MAIS FALADO NO MUNDO:

— O inglês?
— O chinês?
— O português?

14 — DAS LÍNGUAS EUROPÉIAS, QUAL A MAIS FALADA:

— A inglêsa?
— A espanhola?
— A francesa?

15 — QUANTAS LÍNGUAS SE FALAM NO MUNDO, ENTRE LÍNGUAS VIVAS E DIALETOS:

— Mais de dez mil?
— Oito mil e trezentas?
— Cêrca de seis mil?

(Respostas na página 50)

CONVERSA DE MULHER

SALVE-SE QUEM PUDER



"O país perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarnecida. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Já se não crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos vão abandonados a uma rotina dormente. O desprêzo pelas idéias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. Perfeita, absoluta indiferença, de cima abaixo! Todo o viver espiritual, intelectual, parado. O tédio invadiu as almas. A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. A ruína econômica cresce, cresce, cresce... O comércio definha. A indústria enfraquece. O salário diminui. A renda diminui. O Estado é considerado na sua ação fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo. Neste **salve-se quem puder** a burguesia proprietária de casas explora o aluguel. A agiotagem explora o juro. De resto a ignorância pesa sôbre o povo como um nevoeiro. O número das escolas só por si é dramático. O professor tornou-se um empregado de eleições. A população dos campos, arruinada, sustentando-se de sardinhas e de ervas, trabalnando só para o impôsto por meio de uma agricultura decadente, leva vida de misérias, entrecortada de penhoras. A intriga política alastra-se por sôbre a sonolência enfastiada do país. Apenas a devoção perturba o silêncio da opinião com **padre-nossos** maquinais.

"Não é uma existência, é uma expiação.

"E a certeza dêste rebaixamento invadiu tôdas as consciências. Diz-se por tôda a parte: O país está perdido!"

O trecho acima não é citado de nenhum jornal de oposição de ontem. E' uma das **Farpas** da parceria Ramalho Ortigão — Eça de Queiroz, a primeira das escritas por êste último, reunida com as demais de sua autoria numa edição sob o título de **Uma Campanha Alegre**. Traz a data de junho de 1871. Retrata a verdade fiel dos nossos dias, com alguns melhoramentos: a nossa população dos campos, por exemplo, se sentiria muito bem alimentada com "sardinhas e ervas" em troca de feijão com farinha e não tem organização para pagar impôsto. Fazendo as contas, é impressionante êsse flagrante da vida portuguêsa de então em comparação com a situação em nossa terra: oitenta e um anos são passados! Entretanto, nesse instantâneo de quase um século que se confundiria em seu conjunto com um atual, certos detalhes não aparecem fixados. E se meditarmos nêles veremos que houve melhoria e que pode haver esperança de um aperfeiçoamento menos lento das condições gerais.



Um dos fatôres diversos é a mulher de hoje. Mais emancipada, mais instruída numa relação geral, cabe a ela importante papel no melhoramento da sociedade, na formação do caráter das crianças e na assistência aos filhos nas fases difíceis de seu desenvolvimento moral. Mas é necessário que não se esqueça de ser sobretudo maternal — **ISOLETTE**.

ROTINA DE BELEZA

DIA DE NÃO FAZER NADA



O repouso é a melhor receita de beleza — a ginástica moderna é sempre intercalada de exercícios que relaxam os músculos e intensificam a respiração, para limpar o sangue dos excessos das toxinas resultantes do trabalho físico. E' velha a frase que diz que a fadiga intoxica. E a beleza é a flor do bem-estar. Portanto, para atingir o apogeu da beleza pessoal cada mulher deve cuidar ao máximo da saúde, do sono, do descanso.

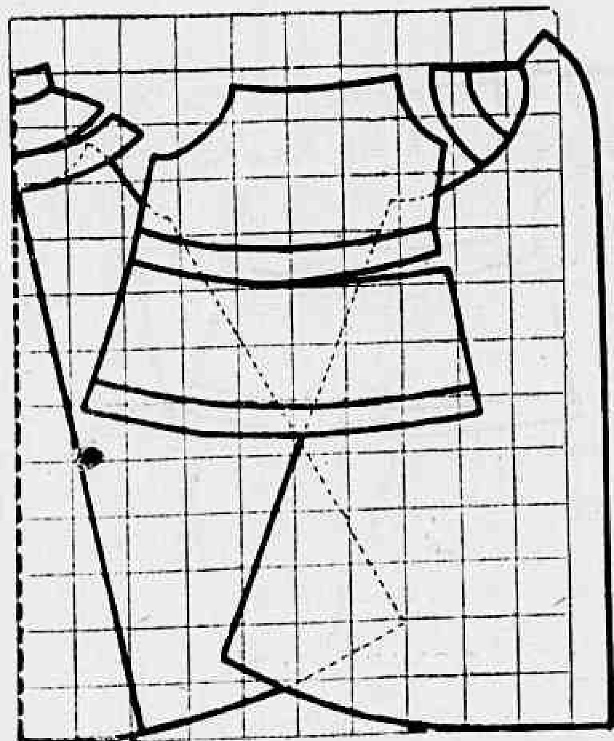
Hoje oferecemos às nossas leitoras uma grande rotina de beleza: um dia sem fazer nada. Um dia sem que você, leitora, faça coisa nenhuma, mas que aproveite para se fazer tratar. Você faz massagens? Queremos dizer, você se submete a massagens? E' uma prática excelente, que nem tôdas seguem ou podem seguir. Em todo caso, se tiver massagista escolha um dia de massagem para a rotina que indicamos.

Pela manhã, um bom copo de água natural: é o primeiro banho do organismo. Depois, as abluções iniciais do dia, e uma fruta, laranja ou tangerina, de preferência na presente estação. A seguir, a massagem. Ao terminar a massagem, alguns movimentos de ginástica, o banho com luva e escôva e uma refeição leve. E então, o início do repouso numa espreguiçadeira, ao ar-livre, com a leitura dos jornais da manhã para a boa circulação do espírito.

● Êsse dia de descanso pode ser ocupado pelo pedicuro, pela manicura e pelo cabeleireiro — sempre que possível profissionais, mas se não você mesma. As refeições do dia de não fazer nada devem ser ligeiras e bem escolhidas, incluindo legumes crus e frutas frescas. Nos intervalos, tome sucos de frutas e vitaminas.

● A tarde pode ser passada com leituras suaves e cochilos brandos. À noite, reúna um pequeno grupo de amigos dos mais íntimos para conversar até cedo. Durma muito antes da meia-noite, sem esquecer da limpeza cuidadosa da pele e de beber um bom copo d'água com sumo de limão e sem açúcar.

Para o forte do frio



Aqui está o diagrama do modêlo que publicamos na página trinta e nove, dêste número.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.° 8

De OTANER

A	Descrição obscura de uma coisa para se decifrada →	7	72	61	51	69	14	
B	Veado →	19	76	26	95	53		
C	Encaracolado →	2	45	11	97	52	32	38
D	Estabelecer-se; instalar-se no campo →	9	81	30	23	1	94	87
E	Logo de manhã; muito cedo →	15	75	46	82	62	102	25
F	Caminhando →	20	89	55	28			
G	Querem, almejam →	83	80	77	17	70	4	41
H	Espirito →	5	105	8	47			
I	Dois pontos na víspora →	85	40	78	44	22		
J	Guarda dos harêns orientais →	35	71	54	92	24	91	
K	Dar aviso de alguma coisa em voz alta →	50	27	66	3			
L	Intumescido de vaidade →	21	101	37	63	86		
M	Boa promessa de frutos: colheita →	10	42	43	13	103		
N	Deseja ardentemente; dá suspiros →	18	88	57	48	96	107	74
O	Parar de repente →	68	31	73	98	34	59	49
P	Indelicadeza; o mesmo que rudeza →	16	79	90	56	99		
Q	Respiram ruidosamente, dormindo →	12	33	60	104	84	93	
R	Realçam, dão viveza →	108	29	100	65	106	39	
S	A côr negra dos brasões →	36	64	67	6	58		

D 1	C 2	K 3	G 4	■	H 5	S 6	A 7	H 8	■	D 9	■
M 10	C 11	Q 12	M 13	A 14	■	E 15	P 16	G 17	N 18	B 19	F 20
L 21	■	I 22	D 23	■	J 24	E 25	B 26	K 27	F 28	R 29	D 30
Q 31	■	C 32	Q 33	O 34	J 35	S 36	■	L 37	C 38	R 39	■
I 40	G 41	M 42	■	M 43	I 44	C 45	E 46	H 47	■	N 48	O 49
K 50	A 51	C 52	■	B 53	J 54	F 55	P 56	■	N 57	S 58	■
O 59	Q 60	A 61	E 62	L 63	S 64	R 65	K 66	■	S 67	O 68	A 69
■	G 70	J 71	A 72	O 73	N 74	■	E 75	■	B 76	G 77	I 78
P 79	G 80	D 81	E 82	G 83	Q 84	■	I 85	L 86	■	D 87	N 88
F 89	P 90	J 91	■	J 92	Q 93	D 94	■	B 95	N 96	C 97	O 98
P 99	R 100	L 101	E 102	M 103	■	Q 104	H 105	R 106	N 107	R 108	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra á frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 7 — COUTO DE MAGALHÃES, O SELVAGEM — "Nenhuma língua primitiva do mundo, nem mesmo o sânscrito, ocupou tão grande extensão geográfica como o tupí e os seus dialetos".

Uma cousa ...



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

SUGESTÕES DIVERSAS



- Um sanduiche de queijo é sempre um sanduiche de queijo. Mas para torná-lo um pouco diferente você poderá bater um pouco de manteiga, acrescentar pimentão e cebola relados, misturar com queijo e levar ao forno para tostar.

- *Uma torta: massa comum, recheio de purée de maçãs. Enfeite: morangos mergulhados em glace com gosto suave de limão e creme batido.*

- Outra idéia para torta, ou melhor, para tortinhas: bata duas claras, misture com purée de maçãs ou damascos, junte cala e manteiga de amendoim a gôsto e leve ao forno dentro das cascas de massa crua. Sirva como creme.

- *Ovos diferentes: abra os ovos com cuidado dentro de um caldo forte e sem gordura de galinha. Retire-os com cuidado, salpique-os ligeiramente com sal, pingue limão e enfeite com um ramo de agrião.*

- Para os apreciadores de saladas cruas: combine o que quizer numa bonita salada, tempere e enfeite com rodelas de tomates fartamente em queijo ralado.

- *Frite salsichas, retire as peles, corte-as ao meio, ao comprido, coloque-as num prato de vidro, cubra-as com ovos "pochés", rale muito queijo por cima e leve ao forno só para derreter o queijo. Sirva com molho de tomates.*



- Não esqueça que podem ser feitos sanduiches de pão preto com queijo suiço e môlho de salada russa.

- ***Prepare para gelar o liquido de um sorvete comum de laranja e misture uma xicara de pedacinhos de abacaxi e morangos esmagados antes de levar para a geladeira. Não esqueça de mexer com um garfo pelo menos duas vêzes antes de gelar completamente.***

- Canapés de pumpernickel: rodelas finas cortadas com a bôca de um copo pequeno, uma fatia de ôvo cozido com uma pelota de manteiga de anchôva, enfeite de agrião.

- *Quase tôdas as sopas de crême podem ser servidas com tiras de queijo jogadas na panela um minuto antes de servir para que não derretam completamente.*

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

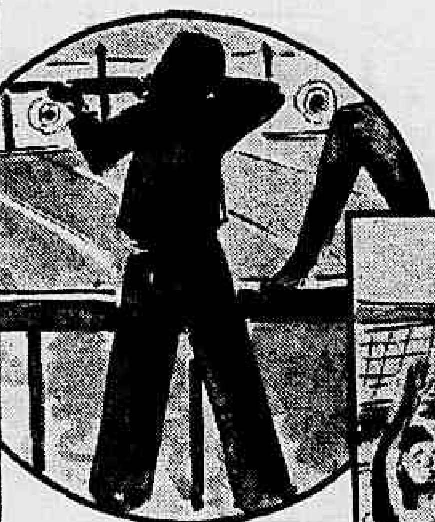
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

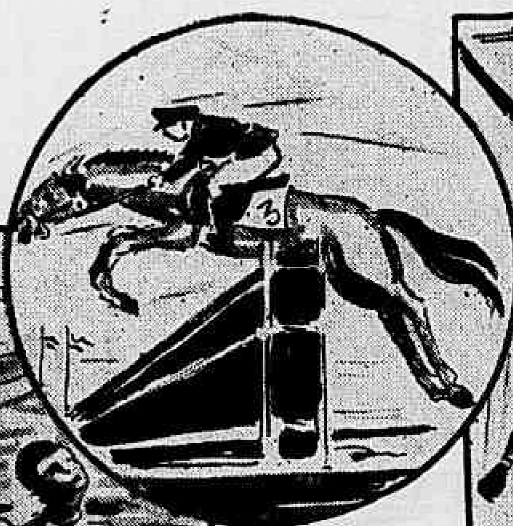


Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

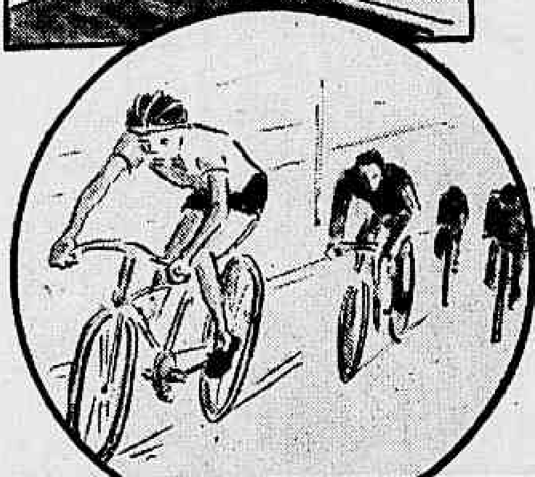
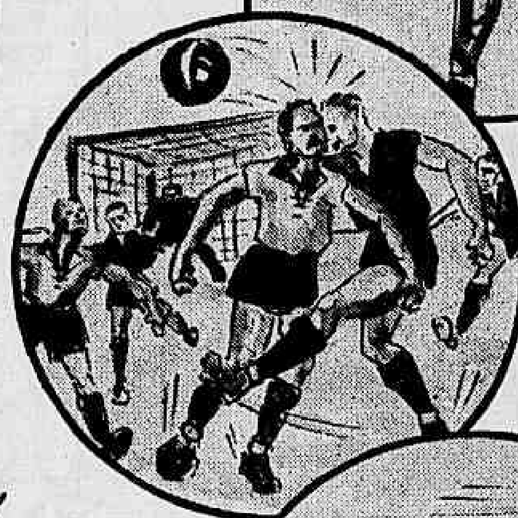
Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

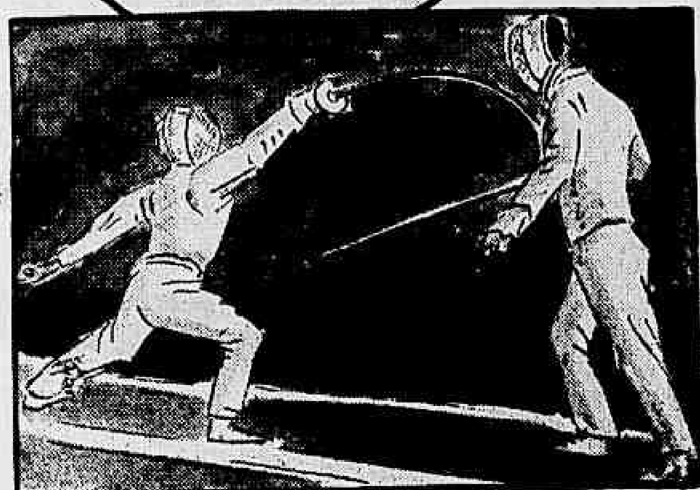






SEJA QUAL FÔR
O SEU

esporte
favorito

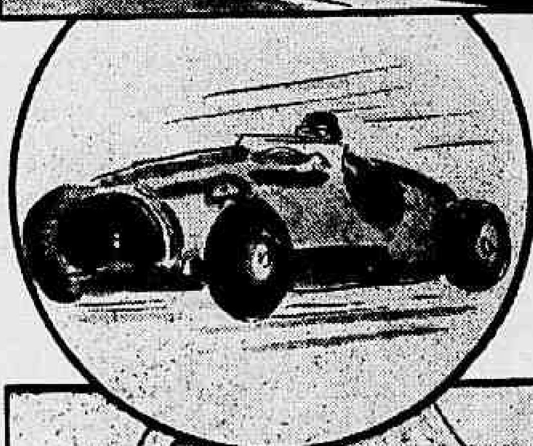
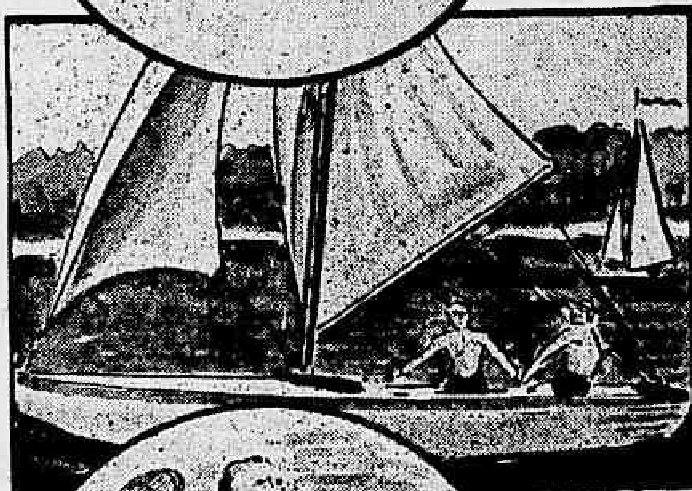
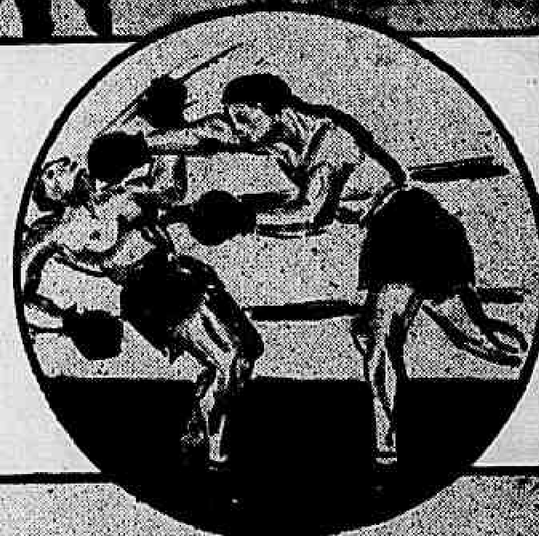
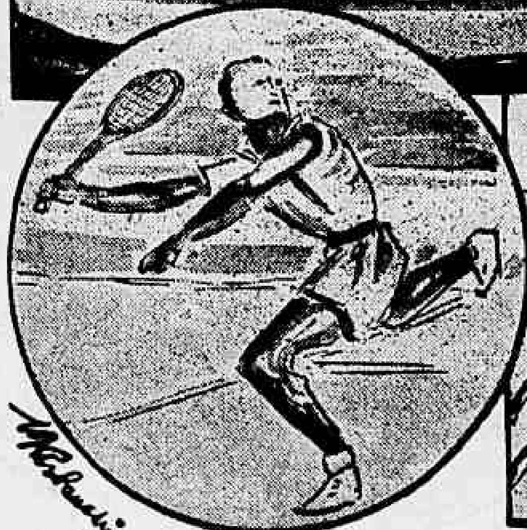


OS CAMPEÕES
ESTATÍSTICAS
FOTOGRAFIAS

TUDO
ENFIM!
NO

ANUÁRIO
ESPORTE
Ilustrado

BREVEMENTE
EM TODAS AS
BANCAS






QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

HISTÓRIA DE BAR

(Cont. da pág. 38)

respeito e nem quero pensar no que vai ser quando êle chegar. Vai logo dizer que eu não estúdei por sua causa, que vivi metido em farras, que sou irresponsável, etc. Eu conheço meu pai, é a criatura mais reacionária que pode haver.

A mulher fumava continuamente: quando seu cigarro terminou, em vez de acender outro, tomou o do rapaz. Via-se que estava bastante nervosa e se continha com dificuldade:

— O que mais me doi é ver a indiferença com que você se afasta de mim. Até parece que já se esqueceu do que fomos um para o outro, de todo o carinho que eu lhe dispensei, durante todo êsse tempo que passamos juntos!

— E' bem próprio de você, vir alegar isso, agora que estamos nos separando. Mas você sabe muito bem que, se eu não fui mais generoso, é porque a mesada que papai me manda não é lá grande coisa.

— Por favor, eu não estou falando nisso. O que eu fiz por você, fiz por gôsto e não estou arrependida. Mas acho que você devia demonstrar alguma pena de se separar de mim, depois de tanto tempo de felicidade. Ou você não foi feliz comigo?

— Ora, você está dramatizando — e havia agastamento em sua voz, ao dizer isto — vivemos juntos, divertimo-nos, agora acabou e não adianta chorar por causa do leite derramado.

Era o que ela não podia deixar de fazer. Poucos conseguem aceitar completamente o fim de uma situação que lhes seja cara. Porisso continuou, na sua voz um pouco rouca:

— Você se esquece que eu o amo.

— Depois de tantos...

— Sua frase foi cruel; e, infelizmente, ainda pode atingir-me. Foi maldade sua, ter dito isso.

O rapaz calou-se: as palavras dela tinham-lhe causado uma certa impressão. Remorso, talvez. A cena era desagradável, já estava chamando a atenção, mas aparentemente nenhum dos dois tinha coragem de acabá-la. Depois de alguns minutos, êle quebrou o silêncio, chamando o garçon:

— Mais um uísque, por favor.

— Dois, disse ela. Enquanto não chegava a bebida, continuaram sem falar; ela olhava-o fixamente, mas êle permanecia de cabeça baixa. Por fim, ela falou de novo:

— Então? Você vai mesmo embora?

— Você teima em não compreender a situação. Fala como se eu fôsse partir por minha vontade.

— Se você quisesse, ficaria aqui. Só depende de jeito.

— Você não conhece o velho. Vou embora porque tenho que ir, e não há nada a fazer. Quantas vêzes já repeti? Só parece que você não compreende as coisas.

— Ao contrário, compreendi bem demais. Você não precisa repetir mais nada. E por favor, vá agora, sim?

O rapaz olhou-a muito sério, como se fôsse dizer alguma coisa; depois levantou-se e saiu sem se despedir. Notei que não pagou a conta.

Ela ainda continuou sentada durante algum tempo. Parecia ter acumulado em si o cansaço do mundo inteiro; dava a impressão de que nunca conseguiria levantar-se e ir embora. Com os olhos parados e brilhantes, fitava a gaiola do anjo como se não a visse há muito tempo. Aquêle ar sobranceiro tinha desaparecido de seu rosto: era apenas uma mulher fatigada e solitária, que dava pena de ver.

O senhor idoso e a pequena cinematográfica sairam de braços dados: pouco depois, o casal de namorados os imitou. Outros frequentadores chegaram e os substituiram. Ao fim de algum tempo, ela tirou uma cédula da bolsa e prendeu-a sob o copo vazio. Acendeu outro cigarro e saiu; seus passos cansados ecoaram alguns instantes, depois desapareceram no corredor sombrio. Cinco minutos mais tarde, provàvelmente já ninguém se lembraria dela. O rádio continuava tocando baixinho: mas a música era outra.

QUARESMA DO MEU...

(Cont. do número anterior)

Teodoro piorava. Certa vez, correu o boato de que êle falecera. Zequinha, filho do "Bastião Cruisyy, chegou em casa tremendo! Estava branco, branco! "E' o isprito dêle, pai! Eu vi o vurto na portera!... Quando desembestei na potranca êle ficô gritano: "Pras arma!..." Pura imaginação medrosa do rapazinho. Teodoro estava arribando de corpo e alma. Pediu que lhe trouxessem a filha e o Tonico, e, implorando perdão, declarou: "Eu vivi cego!... Fui ruim, a vida intêra, a mais num o sitio pra vanceis. Só quero vivê podê... Mais agora... óia, vô passá lá, num cantinho, trabaiando, inté que Nosso Sinhô se alembre dêste miseráve..."

Certa noite, um ano depois, a casa de Teodoro iluminou-se. Que milagre!... Parece que todo o ódio se esgotara, lá no sitio, durante os dias de imprecações e loucura. E uma balaiada de biscoitos de polvilho e broinhas de fubá, acompanhada de grande bule de café com leite, foram franqueados aos caboclos da "recomendação das almas". Depois, engrossando a turma de devotos, também partiram: Tonico e... Teodoro.

★

Sob o sol abrasador, na roça. "Neco Vais" e o Sabino, os mesmos que há tempos maldiziam o Teodoro, fazem pequena pausa, esbaforidos, limpando o suor, que lhes inunda os rostos queimados:

— "Nhô sabino, de benzedô tamo bem servido! Num ai de vê que, cum a benzedura de longe, o home curô a vaca da minha muié?! Tá cas ubra disimpedrada e cum leite sorto otra veis. Eta cristão bençuado!"

— E'... Pra mecê vê... O Teodoro!... Quem havera de dizê?!...

E, todos os anos, na casa do Teodoro a turma de devotos é bem recebida. Depois, como sempre, também saem, êle e Tonico, ouxiliando, assim, a que se perpetue no Brasil uma das mais belas tradições de nossa gente.

DENTRO DE . . .

(Cont. da pág. 21)

aquelas alamedas floridas. Nunca dali se afastam mais do que o tempo de mudar de roupa ou comer alguma coisa. Vimos ao descermos do carro, a frente do restaurante de Cinecittà um grupo que nos olhava com curiosidade. Uma atenção forçada de quem quer ser gentil para se fazer notar. Sentimos, que aquêles olhos, que nos espiavam, eram olhos de quem queria alguma coisa. E mesmo pretendendo pedir... Somos jovens... Somos artistas... Esperamos! A ronda da glória!

UM CONHECIDO

O guri de nariz grande e torto que tanto gostamos dêle aí no Rio, no filme de Anna Maria Fier Angeli «Amanhã será tarde demais» estêve a tarde tôda perto de nós a brincar com uns amigos aos murros e correrias pelos gramados dos estúdios.

MAQUINARIA

Cinecittà não parece ter fim. Seus estúdios se seguem uns aos outros por todos os grandes terrenos. Nas casas das máquinas elétricas encontramos turbinas gigantescas. Na casa de miniatura (a mais perfeita do mundo) as casas de montagens e de cenários, e de escultura, contam-se indefinidamente.

ESCULTURAS

As turbinas elétricas são as do Vitorio Veneto. Duas potentes máquinas com capacidade de milhares de cavalos fôrça e fáceis de serem controladas mesmo por uma criança.

Nas salas de esculturas, vimos como o cinema da Itália respeita o estilo, a época, o local. Ali naquelas salas imensas, tôdas cobertas de milhares de grandes e pequenas esculturas, deparamos com cópias de tôdas as figuras da história romana. Desde as mais remotas épocas até nossos dias.

Há de tudo naquelas salas de escultura. Desde a garrafa que se quebra fragorosamente sôbre a cabeça na hora das lutas, em frente da câmara, até a cabeça de Mesalina, em Pedra. Uma cópia da cabeça de Maria Felix em grande tamanho.

Centenas de estátuas e mil pormenores de estilos estão pendurados pe-

las paredes entupido. Há estilos para cópias desde a pré-história, até os dias de hoje. Um filme para ser rodado, deve ser estudado dentro daquelas salas de estilos e estatuárias.

MINIATURAS

Na sala de miniaturas encontramos um velho amigo do Brasil: Guido Presepi. Guido estêve para fixar residência no Brasil em 1948, mas aconteceu que do Brasil nada resolveram, e nós perdemos êle. Presepi ficou com Cinecittà, que é uma obra prima de organização. Melhor para êle. Para nós também pouco adiantaria. Êle ficaria sòzinho a rodar pelos estúdios do Brasil sem compreensão para o seu trabalho, sua parte formidável. Presepi é o maior miniaturista que o mundo já teve até hoje. Seus trabalhos mereceram da Metro Goldmayer cartas de elogios, e aplausos incondicionais. Presepi, porém, como não teve o Brasil, ficou com a sua Itália.

Foi êle quem fêz as miniaturas para o velhíssimo «Ben Hur», com Ramon Navarro. Lembram-se? Isso em 1924, há muito tempo. Cinema mudo. Depois, Presepi fez mil montagens para a Cinecittà antes da guerra e, agora, recentemente, num passo mágico incrível, êle montou em alguns metros quadrados, todo o «forum» romano para Robert Taylor desfilar em «Quo Vadis».

Sua arte ficará como das maiores que um homem pode fazer em «una giornada».

Somos testemunhas do que havia dentro do seu laboratório de mágico. Todos os fundos de «Coroa de Ferro», tôdas as cenas de «Carroça de Ouro», e mil pequenos detalhes para os filmes de cada dia, de cada hora.

TRABALHO

Cinecittà trabalha oito horas por dia: de duas da tarde até dez da noite. Seus artistas seguem, religiosamente, o horário estabelecido. Não há excessões, nem para astros, nem para estrêlas. Todos trabalham como qualquer figurante.

3.500 LIRAS

O astro ganha, geralmente, muito. A média é de dez milhões de liras por filme, o que quer dizer, cêrca de trezentos mil cruzeiros. Mas os «extras», aqueles que esperam a oportunidade de aparecer, (oportunidade que vale mais que receber, por dia, os 3.500 liras) ganham pouco em comparação com os nossos «extras» que recebem trezentos, quatrocentos, e até quinhentos cruzeiros por dia de trabalho. Em Cinecittà, 10 minutos, ou oito horas, o mesmo 3.500 por dia.

Três mil e quinhentas liras não chegam a somar um total de cento e dez cruzeiros.

ALDO FABRIZI

Nos palcos rodavam vários filmes. Era, entretanto, um dia de muito pouco trabalho. Acabava a filmagem da fita de Anna Magnani, e tudo retornava a calma.

Aldo Fabrizi, bonancheirão conversou dez minutos sôbre o Rio e perguntou se ainda se comia bem nos restaurantes italianos de Copacabana. E com saudades, falou no «Spadoni», de São Paulo.

— Como aqui na Itália. Comi muito bem. Uma das coisas boas do Brasil é comer nos restaurantes italianos. Mas a falta d'água é que o estrangeiro não pode compreender. Breve voltarei ao Rio. Não sei quando. Mas voltarei para rever os amigos, e «matar as saudades»... Não é assim que se diz?

ABRAÇOS

Aldo Fabrizi rodava com a sua troupe um filme ainda sem nome. No alto dos terraços do palco número cinco, o maior do mundo, com os seus milhares de metros quadrados sôbre uma estrutura capaz de suportar um arranha-céu de quarenta andares. Fabrizi ensaiava uma cena no alto duma escada.

Quando nos aproximamos, e sem cerimônia e respeito pelo trabalho alheio, interrompemos alegando falta de tempo para esperar, ou voltar outro dia. Êle entendeu, uma gostosa gargalhada, e, abrindo os braços...

— Para o Brasil, uma fotografia abraçando um carioca!

BRAGAGLIA FILMA

Carlo L. Bragaglia filmava no rês do estúdio cinco cenas de «Missão sem glória» e «Fio de espada». Um técnico esgrimista ensinava ao ator como devia segurar a espada e dar golpes másculos e decisivos.

Carlo Bragaglia ouvia, e parecia aprender. Tudo era silêncio a volta de Bragaglia. Sòmente o tilintar das lâminas do professor que ensinava ao galã como ser valente, e audaz com uma espada na mão. Ninguém falava. Ninguém. E quando os nossos sapatos bateram sôbre uma táboa mal equilibrada, a voz do assistente de direção soltou um grunhido acrescentado dum pedido de «silenzio, per favore». Ficamos parados. E dez minutos depois, fugimos como havíamos entrado. Na ponta dos pés. Sem fazer barulho. E sem fazer fotos.

OUTROS ATORES

Ao ar livre, o diretor inglês Bernard Vorhaus, filmava «Fanciulle di Lusso» com Jaques Sernas, Ana Maria Ferrero, Collette Laurent, Rossana Podestá, Bruivella Bovo e Suzam Stephen, que fêz o 1º papel. Era um velho portão coberto de neve. Um carro próprio para correr, sôbre o gêlo, estava parado a entrada do portão. A neve, porém, era uma neve feita de massa dura. De massa muito conhecida nossa. A modestíssima pasta de gêsso que espalharam por todos os lados. Tudo era branco. E o sol de duas horas da tarde, em Roma, na tarde de 27 de maio era lindo e forte. Tôda gente sentia calor, mas Jaques Sernas, Collette, Rossana e Brunella Bovo usavam peles pesadas...

Todos vestiam grossas camisas de lã. A lindíssima Brussela também veiu conhecer um repórter do Brasil pelos estúdios de Cinecittà.

UM PRIVILÉGIO

Enzo d'Angeli, da «Unitalia Filme», pôsto, gentilmente, a nossa disposição pela fidalguia sem par de Pierpaolo Pineschi, o príncipe que comanda «Unitalia Filme», explicou que nós estávamos tendo um raro previlégio.

— Como previlegio ?

— Um jornalista comum não entra aqui sem mais nem menos. Da Itália, muito difícil alguem conseguir penetrar e ver as filmagens. E de outros países, não negamos, mas fazemos ver que estamos trabalhando. Que é muito difícil, que os artistas não gostam, que tudo está parado, que aquilo, etc., etc...

Alguem, naquele momento, lembrou que os soldados brasileiros que morreram durante a guerra, aqui, na Itália, não estão muito sós. Isso aqui, é como se fôsse um pedaço do Brasil. Um pouco do Brasil do lado de cá do Atlântico.

AVE NINCHI

Ave Ninchi filmava com Carlos Duse «Culpa de Mãe». Gordota e risonha, ela nos recebeu de braços abertos. «Viva, o Brasil!».

— Como vai o meu Rio de Janeiro ? Duas vêzes estive lá, e duas vêzes quase fiquei. Da primeira, foi com Maria Melato, em 1938, no Teatro Copacabana. Eu era bem magrinha. Devia ter pelo menos uns vinte quilos menos do que hoje. Pelo menos uns sessenta é que eu devo dizer.

Ave Ninchi sorria na hora da fotografia. E fêz questão de mandar fotos especiais com dedicatórias para os amigos do Brasil. A ultima vez que foi a América do Sul, foi filmar na Argentina.

Uma das perguntas que ela nos fêz foi sôbre Adolfo Celli, que, em São Paulo, trabalha na «Vera Cruz». Ave Ninchi soube do insucesso de «Tico Tico no fubá», em Cannes, e perguntou qual a razão. Foi a nossa vez de informar alguma coisa. Mas muito por alto. E dizer do belo esfôrço que Celli faz pelo cinema brasileiro.

OS EXAGEROS

Aqui, na Itália, ninguém acredita que se possa fazer uma fita (salvo «Sansão e Dalila», salvo «Quovadis», salvo as produções de Cecil B. Demille) gastando como se gasta no Brasil. A soma de dez milhões de cruzeiros para uma produção é uma

(Cont. na pág. 50)

A S A Ú D E D O B E B Ê

NOÇÕES MÍNIMAS NA CRIAÇÃO DO LACTENTE

DR. SABÓIA RIBEIRO

UM mínimo de princípios deve ser do conhecimento de tôda mãe na criação do bebê (e é intuitivo que isso lhe é mais necessário ainda, quando se trata do primeiro filho). Aqui vão, respondendo uma solicitação de F.N. (Bangu), a qual se acha precisamente nesta última hipótese, aqui vão, repetimos, êsse mínimo de princípios que a poderá orientar na criação de seu primeiro filho.

Ei-los:

1º — Na criança de tenra idade, e sem dúvida alguma, principalmente nos 3 primeiros meses, é, foi e será sempre o leite materno. Nenhuma mãe deve suspender a criação do bebê ao seio senão ouvido o médico, e como tantas vêzes temos ensinado, um dos meios de manter abundante o leite é alimentar-se bem e com variedade, sem esquecer frutas, legumes e verduras, ainda conservar um horário de aleitamento da criancinha, com inteira pontualidade (em geral de 3 em 3 horas, nos primeiros meses). O peito dado sem horário depressa seca. Melhor, em cada horário, dar um só seio (em geral 15 minutos).

2º — Se o leite da criança é de vaca ou pó, nunca deverá ser-lhe dado puro, até que esta complete 6 meses, mas sempre misturado a farinhas prèviamente cozinhadas a fogo brando. (1 a 2 colherinhas de farinha para cada mamadeira). Com o leite em pó as quantidades são: Até 3 meses... 3 colheres de chá bem cheias. Até 6 meses, 4 e meia. Acima, 6 colheres. (adoçar no fim, com açúcar comum, mesmas quantidades de farinhas. Qualquer que seja a idade da criança, a mamadeira não passará de 180 gramas.

3º — As vitminas e o ferro devem ser dados à criança a partir do 6º mês. A criança nasce com bons depósitos dêsses elementos, mas aos 6 meses êsses elementos já se acham exgotados no seu organismo, daí a necessidade de garantí-los com a administração das "sopinhas" de legumes, frutas amassadas, sucos, etc., àquela idade.

4º — O cálcio alimentar ou dado mediante certos preparados não é utilizado pela criança se esta é privada de sol e luz. Precisa, pois, a criança de banhos de sol e de luz, conforme a boa técnica (sól até 9 horas da manhã, protegida a cabeça, despida ou quase).

5º — Na escolha do leite em pó não indiferente êsse ou aquêle. Os leites em pó devem ser escolhidos tendo em consideração o estado de saúde ou doença da criança, pois muitos dêsses leites são leites modificados e sua utilização varia de caso para caso. Só o pediatra sabe decidir sôbre essa escolha, máxime quando a criança se apresentam com um dos seguintes estados:

1 — com o pêso parado e fezes duras e branquicentas.
2 — com o pêso diminuido e fezes diarréicas.
3 — com o pêso parado e prisão de ventre.
4 — portadora de eczemas e fezes esverdinhadas e com grumos.

6º — Adoecendo a criança com febre e diarréia, nos primeiros meses, a primeira medida é fazer uma pausa alimentar, passando a dar-se-lhe umas 6 a 12 horas água fervida, adoçada com sacarina, às colherinhas, à mamadeira. Todavia, sendo o leite o materno a criança voltará ao seio dentro das primeiras 6 horas, e na hipótese de o leite ser o de vaca ou em pó, a alimentação não deverá ser retomada sem ouvir o médico, pois muitas vêzes haverá necessidade de uma mudança do regime ou sua modificação.

7º — E' um atentado o uso de purgante no menino de peito. Se para corrigir uma prisão de ventre da criança nada mais errado, pois esta não se corrige por tais meios, porém pelo regime ou administração de um preparado a base de vitaminas B. Como um recurso caseiro, é todavia aconselhável umas colheradas de água bem açucaradas logo após as mamadeiras ou o aumento do açúcar no preparo das mamadeiras e ao mesmo tempo o uso de uma farinha laxativa como a de aveia (cozimento rápido).

8º — Os sucos de frutas podem ser dados à criança ja aos 3 meses (2 a 3 colheres grandes, à mamadeira). Eis uma boa mistura para êsse fim: Caldo de laranja, 20 gramas — Polpa de tomate e suco de cenoura, 10 gramas de cada — Caldo de limão e água, 5 gramas de cada (adoçar e passar em peneira fina e esterilizada, às colherinhas, nos intervalos das refeições).

ANO DE 1939: A GUERRA! OS CARROS BLINDADOS E OS STUKAS DESBARATAM A HERÓICA RESISTÊNCIA DAS DIVISÕES POLONESAS E AVANÇAM PELA ESTRADA, NA DIREÇÃO DE VARSÓVIA.

FILHO, MEU FILHO

Texto e cenário de GUIDO MA...

PERSONAGENS:

JEAN .... RENATO SCANZINI
MARIO .... FRANCO FABBRIZZI
ZAIRA .... LUIZA ALLIAN...
SOLANGE .... LIC...
DUPUIS ....TAVILLA
JOANA .... NE... ...OCCHI

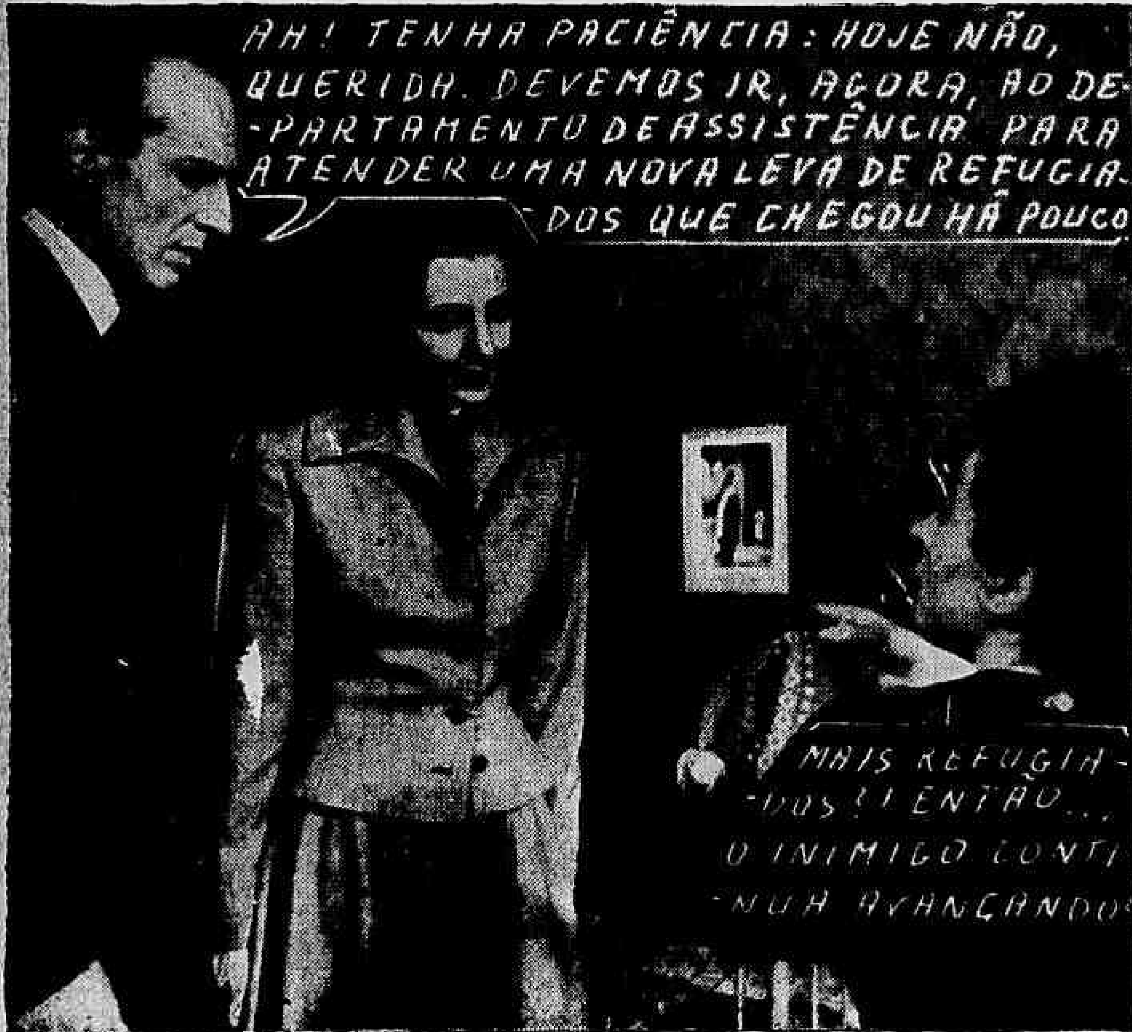
Fotografia de ENNIO D'APICE - Diretor de produção ENZO TABACCHI
Maquillagem de EMO GUIDI
Realização de DANTE GUA... MAGNA
Uma produção ...

Traduzido do italiano por LEONEL C. PEREIRA

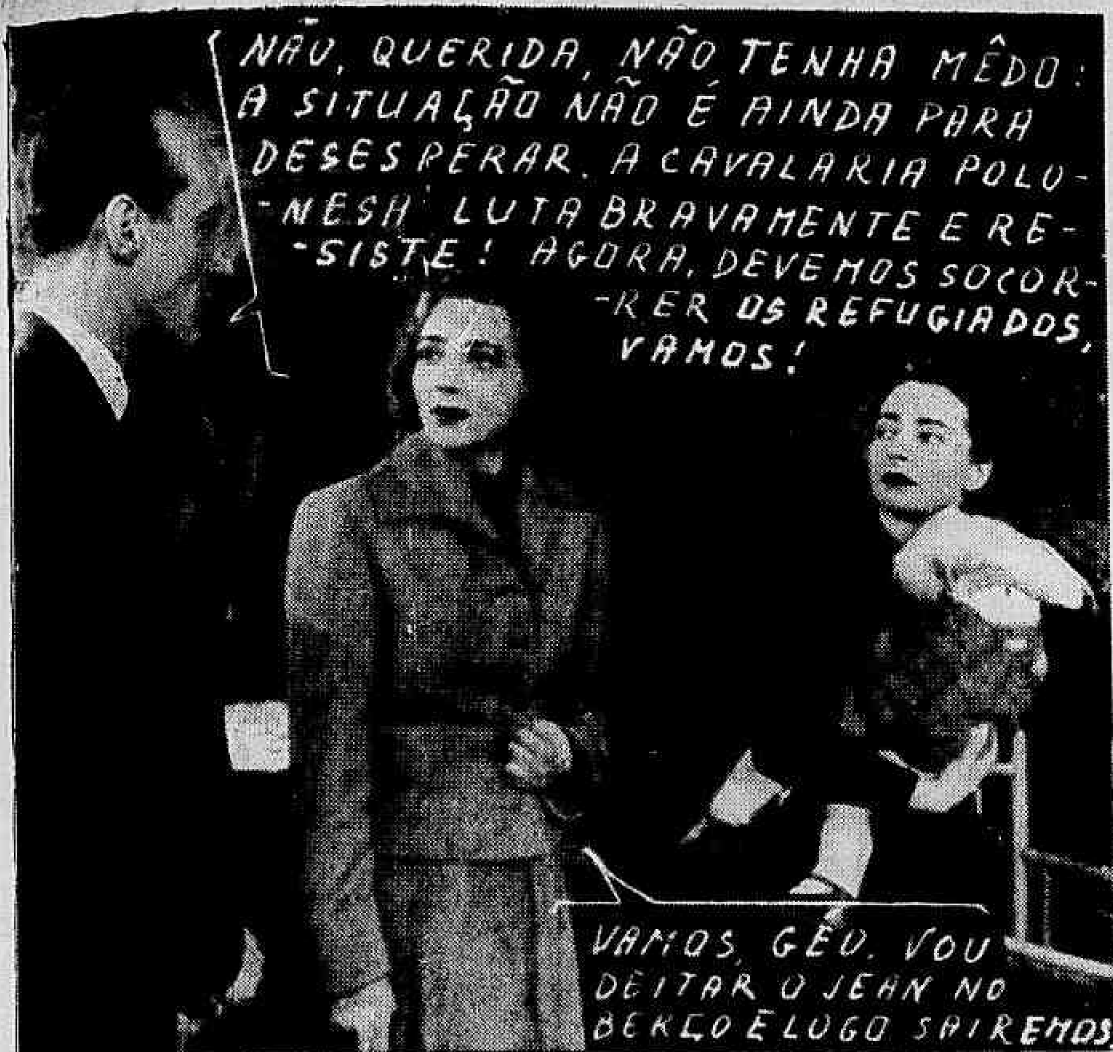
LÁ... ENTRE OS NUMEROSOS ESTRANGEIROS QUE NÃO PODERAM VOLTAR À PÁTRIA POR CAUSA DA PRECIPITAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS, VIVE O SÚDITO FRANCÊS GEO DUPUIS, COM SUA MULHER E UM FILHINHO, JEAN.





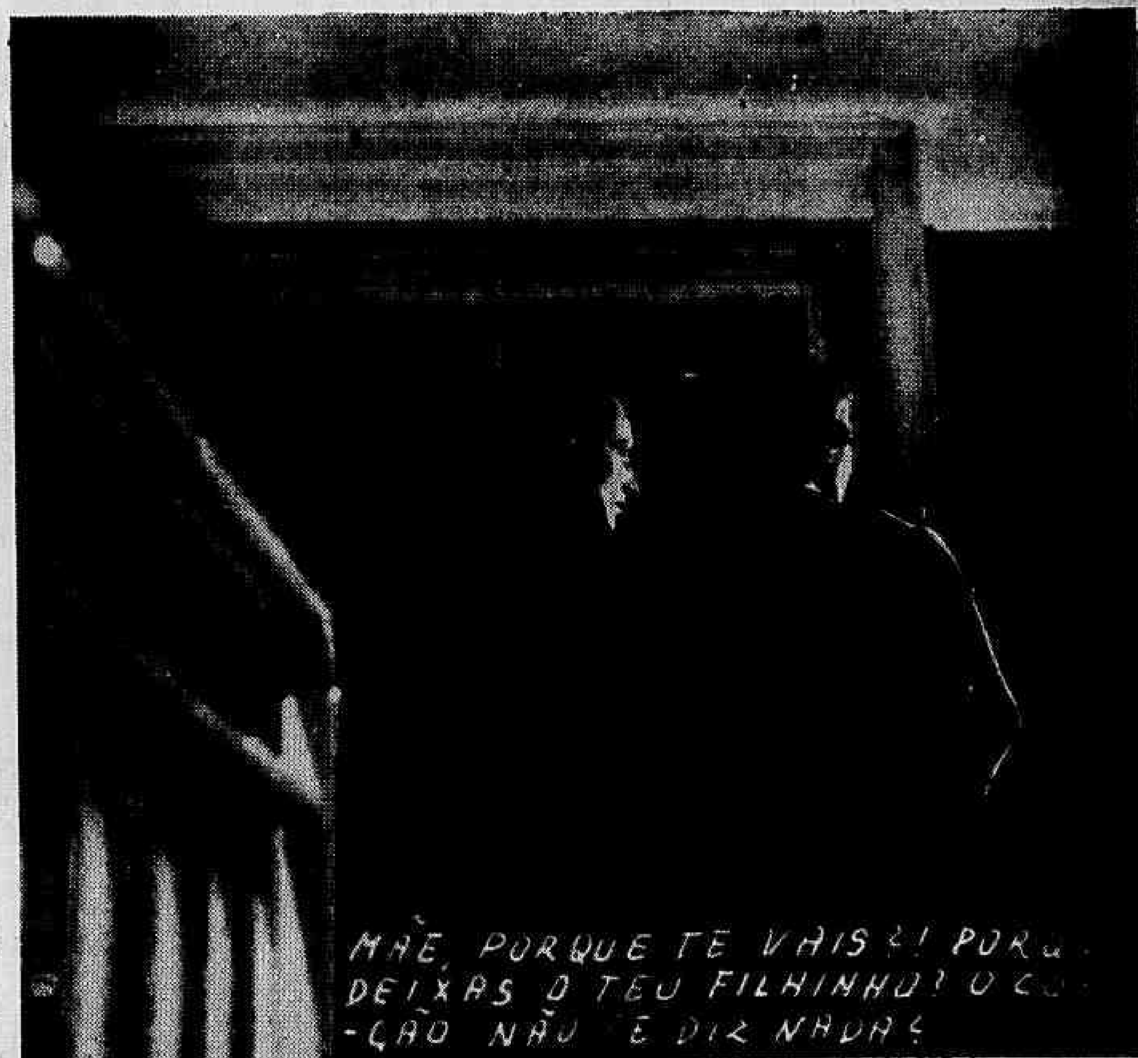












FICANDO SÓ COM A CRIANÇA, A EMPREGADA MARIA PÔS-SE A ACALENTÁ-LO AO BERÇO... JEAN, ADORMEU. NO ENTANTO OS MINUTOS PASSAVAM. E, POUCO DEPOIS...





CONTINÚA

CORREIO DA REVISTA

G. de C. F. (*Rio*) Não foi possível. O português está mau.

G. M. de A. (*Natal*) Seu conto "A custa de recordações" não conseguiu aprovação. Ma linguagem e pior estilo. Paciência.

Eugênio Morato (*B. Horizonte*) Parabéns pelo conto premiado. Deixamos de publicá-lo porque só o fazemos com os inéditos nas páginas destinadas aos novos.

J. K. — Votorantim (*R. G. do Sul*) "O sacrifício do amor" não pôde ser aproveitado. Muito fraquinho.

S.O.L. — Livramento — (*R.G. do Sul*) Seu conto não foi aproveitado« Muito fraco.

J.A. Presidente Bernardes (*São Paulo*) "Primavera da Alma" não conseguiu uma brechinha. E quando escrever para a imprensa só use uma face do papel. A outra fica em branco.

C.C. (*Juiz de Fora*) Vamos verificar o que se passa com o seu conto "Lídia me ocultou um segrêdo". Aguarde.

Waldemar Iglésias Fernandes (*Piracicaba*) A deliberação a respeito do assunto de sua carta depende do autor, ao qual transmitimos sua sugestão.

MARCO TÚLIO — Rio de Janeiro — Recebemos sua carta e estamos de acôrdo com muitos dos seus pontos de vista. Também estamos com você quando diz que o "Lidergrama" é mais interessante que palavras cruzadas. Agradecemos suas diversas sugestões. E vai ver que muitas serão aproveitadas.

UM PRÍNCIPE EM MINHA VIDA

E' o romance "Um Príncipe em minha vida" que se seguirá a "Insatisfeita", prestes a terminar. "Um Príncipe em minha vida" é uma história encantadora, um dos melhores romances da moderna literatura francesa, da lavra de Michel Davet.

"Um Príncipe em minha vida" reflete os sonhos de uma jovem amorosa, que desejou ser feliz e fazer feliz aquêle a quem se unisse. Aguardem o novo romance de amor, de renúncia e de paixão, na "Revista da Semana", dentro de poucas semanas.

TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

Tratar:

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15

Rio — Telefone: 22-8647

DENTRO DE . . .

(Cont. da pág. 47)

anedota. Comumente nós ficavamos, ao conversar, mais ou menos desacreditados. E não podiamos continuar a dar os preços de gastos de nossos filmes. As proporções nossas são tão desorientadas, que, nesse andar, nunca teremos crédito para fazer com honestidade, uma série de produções italo-brasileiras. E isso é coisa que aqui os italianos pensam com muito carinho. Mas, para isso, seria preciso por em execução uma série de estudos complicados.

ITALIA-BRASIL

De início, uma base de economia sem exageros, máximo rigor na redução de despesas. Segundo, estudar uma série de histórias e argumentos que devam agradar na Itália e no Brasil. Acertar quais os artistas brasileiros que, realmente, sabem atuar perante a camera com capacidade de intérprete e naturais atrativos físicos e de educação. Da soma dêsses estudos, teríamos que tirar conclusões sôbre meios e métodos de realizar uma série de filmes de interêsse financeiro tanto para a Itália como para o Brasil.

A produção ítalo-franco é um fato. Resulta financeira e artisticamente para os dois países.

Mas não é somente em Cinecittà que se trabalha. Por tôda a Itália, os estúdios se multiplicam, e dia e noite rodam filmes. Em Cinecittà, porém, temos a maioria dêles. Uma média anual de 48 deixa seus laboratórios a caminho das telas do mundo inteiro. No Brasil, seus artistas, seus diretores, sua gente são muito queridas por todos nós.

Breve, veremos os filmes que alí vimos estar em preparo. E que êsse dia não esteja muito longe. Que os novos filmes da Itália, da imensa Cinecittà venham para o Brasil e aqui êles continuem ocupando o pôsto que o povo brasileiro costuma dar àqueles que bem trabalham, bem lutam, e sabem amar a arte.

O TRIGO

(Cont. da pág. 31)

Continua o Sr. Trajano Cirne:

— "Não possuímos legislação compatível com a nossa função de fiscal; somos magnânimos em demasia com o cancro escabroso, denominado "intermediário". Vejamos o que se passou com determinada firma do Município de Passo Fundo. O trigo em depósito foi atacado por insetos, na-

(Cont. na pág. seguinte)

Respostas ao teste

(Cont. da pág. 42)

1—Da deusa Vesta
2—A mãe dos fundadores de Roma (Rômulo e Remo)
3—Do verbo correr
4—O da sífilis
5—1892 (Ricardo Pfeifer)
6—Shandinn Hoffmann (1905)
7—1882 (Robert Kock)
8—Inglaterra (Escócia)
9—Suíça (1806)
10—Inglaterra (1867)
11—Paris (1826)
12—Igual à da luz
13—O chinês
14—A inglêsa
15—Cêrca de seis mil.

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso continuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

PARA O OBSEDADO NÃO HÁ LÓGICA

O Redentor só toma a sério aquêles que tratarem de princípios e não de suas pessoas.

Conhecendo a psicologia humana, em virtude do estudo diário dentro e fora do Centro Espirita Redentor, chegamos à conclusão, à certeza absoluta de que a normalidade dos sêres é mui rara e que a lógica nada consegue dos anormais, criaturas obsedadas.

Luiz de Mattos e Luiz Alves Thomaz tendo fundado dois hospitais que existiram até 1916, um, em Santos, à Av. Ana Costa, 67 e outro no Rio, à Rua Jorge Rudge, 121, para a normalização de loucos, também puderam convencer-se de que para a cura da obsessão não havia lógica, sem o método e a disciplina, hoje constantes do livro «RACIONALISMO CRISTÃO».

E já um médico, velho amigo de Luiz de Mattos, dizia-lhe: «Para anormais não há lógica e só uma disciplina constante e obrigatória, é que faz com que o anormal acorde, e se ponha a raciocinar para compreender o que se lhe diz, e assim se vá normalizando pouco a pouco».

Ora, em virtude dêsse estado d'alma de maioria dos sêres humanos, e dêsses princípios, tornados terapêutica para muitas e variadas fobias, fartamente observadas por Luiz de Mattos, tomou êle, e nós também, a resolução inabalável de não ligar importância a opinião de quem quer que seja, para nos censurar, para nos julgar bons ou maus, certos ou errados, isto porque é bem claro que as louvaminhas ou censuras não nos atingem, porque nós não tratamos nem discutimos sêres nem pessoas, mas sim ùnicamente princípios, porque para nós só tem valor real, só nos pode merecer considerações e respeito, quem nos provar, com fatos, possuir moral verdadeira e exata noção do seu dever e cumprimento do mesmo.

Os princípios pregados por Cristo e fartamente divulgados pelo Redentor ensinam-nos que só se deve tomar a sério aquêle que quer estudar e aprender; se aos viciados, em tese, apontarmos os vícios e sua misérias, é para cauticá-los com o conhecimento da verdade, obrigando-os pelo esclarecimento proporcional, a raciocinarem com acêrto.

A Doutrina fundada por Cristo é firmada e pregada por Luiz de Mattos, nada quer materialmente para si, porém, seus princípios, querem que todos raciocinem, para se tornarem esclarecidos, e assim úteis a si mesmo, à pátria e à humanidade.

Assim sendo, caros leitores, não percais tempo em nos julgar; porque o vosso julgamento e a vossa opinião, qualquer que seja ela, não nos fazem mossa, não preocuparão o nosso mental que está sempre pronto e apto a auxiliar os que precisarem, e muito deseja o vosso progresso moral, normalização de todos, com o que sente imenso prazer a nossa alma; mas não tomará ela a sério qualquer coisa partida dêste ou daquele que não tenha uma finalidade elevada e despersonalizada.

As paixões, quaisquer que elas sejam, toldam o raciocínio, pertubam a razão. Portanto, só tomaremos a sério aqueles que saibam pôr de lado as pessoas para tratarem valorosamente da humanidade, enfêrma da alma e do corpo, como o soube fazer Jesus, o Cristo.

Sentimo-nos, pois, bem no trabalho contínuo de difundir e praticar a verdade, o Espiritismo Racional e Científico Cristão, elucidando os de boa vontade sôbre as coisas sérias da vida, aqui e no além, grandioso e belo, coisas estas que nós reputamos muito sérias, sem que nada pleiteemos dos sêres, nem agradecimento. Contentamo-nos até à alegria, quando sabemos que concorremos para o bem estar físico e moral dalguém, sentimo-nos satisfeitos quando dalgum modo socorremos um necessitado, mas preferimos que nunca se nos toque no benefício prestado, porque se alguém lucra, sem dúvida, é aquêle que socorre com a consciência do dever cumprido.

E' pois, para os sêres de boa vontade que o RACIONALISMO CRISTÃO existe, que o Astral Superior desce à Terra; para os indiferentes, pretenciosos e criminosos, êle não convém, porque êsses são cegos propositais, só aceitam com bom o que agrada ao seu paladar depravado, à sua vaidade, aos seus vícios, às suas misérias morais.

A quem não agradar esta rude franqueza, que tenha paciência, mas que a grave no seu mental para não se deixar, em tempo algum, iludir com aqueles que ciente e conscientes tenham de falar em nome do Redentor e dos seus inesquecíveis fundadores Luiz de Mattos e Luiz Thomaz.

Os rêres que representarem o Redentor têm por dever ser trabalhadores, livres e independentes, embora pobres de pecúnia.

Êles não vivem da Doutrina nem da credulidade do povo. Trabalham. E por isso, só se sentem satisfeitos sabendo que o mau se tornou bom, que o desonesto se tornou honesto, honrado, que a adúltera se regenerou, que todos se tornaram úteis a si e à coletividade.

LUIZ DE MATTOS

turalmente os ratos também tomaram parte no banquete. Apelou para a Secretaria da Agricultura do Estado que enviou até ali um técnico, a fim de fazer emprêgo de gases e outros meios de desinfecção.

Ora, segundo a Revista FAC. editada pela Unesco, "Un ejemplo típico del daño causado por las ratas lo ofrecen los Estados Unidos de América, en donde estos roedores destruyen granos a razon de 200 millones de bushels por año (abredor de 40.000 quitales).

Esta cantidad excede de una tercera parte de la que Estados Unidos proyeta exportar para aliviar el hombre en la Europa Ocidental durante el inverno".

Contudo nesta firma do Município de Passo Fundo as coisas se passaram de forma diversa: nem insetos nem ratos destruiram seu estoque de trigo. Vejamos êste mapa do movimento dêste milagroso comprador de trigo!

Numa filial da firma:

Trigo comprado	159.811 Kg
Trigo vendido	213.210 "

O trigo devorado pelos ratos e pelos insentos "aumentaram-lhe" portanto o pêso em 53.399 quilos.

Compraram	Cr$ 327.079,20
	P. Médio 122,82
Venderam	Cr$ 456.897,20
	P. Médio 128,50

O milagre aí está: só nos resta dizer plagiando o programa do rádio:

"Acredite se quiser, e explique se puder!"

Esta modalidade de assalto ao pobre homem do campo, está alicerçada nas balanças viciadas e na ignorância do colono que, em sua simplicidade, se deixa fàcilmente ludibriar".

Por outro lado, a falta de educação dos colonos auxilia enormemente a continuação dêsse estado de coisas. As próprias vítimas procuram esconder o que se passa, temendo se verem perseguidas a ponto de não mais poderem vender os produtos de suas colheitas. A falta de um meio de crédito fácil é, porém, o principal motivo destas anormalidades.

Tudo é feito individualmente e sem rumo certo. O comerciante local é o fornecedor e o financiador, com a condição de que o trigo produzido seja levado para êle no ajuste de contas. Desta forma é difícil uma fiscalização em ordem. E o colono, escravo de seus débitos, se deixa enganar em prejuízo da triticultura.

O Sr. Trajano Cirne conclui:

— "Tenho recebido inúmeras denúncias verbais, que me inibem de agir, todos têm mêdo de assinar, ora por se tratar de moinhos considerados grandes potências, ora por fazerem parte da sociedade de tais moinhos, nomes ligados às altas esferas. Em todo o caso o que se comenta na região é que, além da tabela não ser respeitada, é cobrado do plantador de trigo 3% para que seja sua mercadoria "paga a vista", além dos descontos permitidos por lei. Só me resta esperar o momento de fazer um flagrante das irregularidades."

E' preciso que os Fiscais do S.E.T. tenham autoridade para examinar as balanças de pêso específico, impondo penalidades para os que usarem-nas viciadas. Existem especialistas que colocam chumbo derretido nas balanças, o pêso com 3 ou mais pontos a menos. E' preciso que a autoridade do fiscal seja equiparada a dos Inspetores de Imigração; que os seus autos de infração sirvam como peça de processo de crime contra a Economia Popular, podendo levar os infratores às barras de um tribunal, assim termina o Sr. Trajano Cirne.

Achamos que se um tribunal no Rio pode se reunir para julgar um "feirante" que alterou o "preço da maçã", por que não julgar os que lezam o lavrador e solapam o esfôrço nacional?

Sòmente chegaremos a nos libertar da importação do trigo no dia em que o govêrno interferir diretamente no assunto e acabar com os intermediários. No dia em que caminhões federais percorrerem as zonas plantadoras, não só levando técnicos para auxiliar os lavradores como também E, depois, percorrendo a região na época da colheita e compra da produção.

Sòmente neste dia poderá o Brasil se libertar da importação do estrangeiro.

CASPA — QUEDA DOS CABELOS — CALVICIE

JUVENTUDE ALEXANDRE

Faz cessar a queda dos cabelos — Evita os cabelos brancos — Evita a prematura calvicie

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

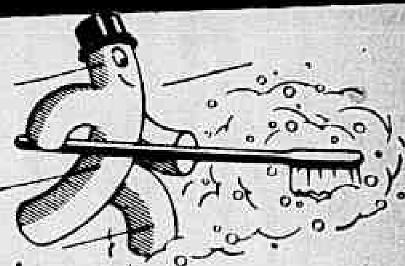
Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

KOLYNOS satisfaz as exigências de todos!

Quero um creme dental que renda muito mais.



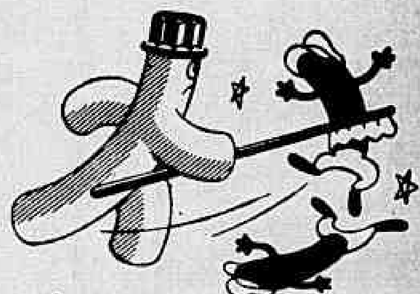


Kolynos rende muito mais!

Kolynos é o creme dental favorito da família, porque rende muito mais. Basta apenas um centímetro na escôva sêca para se obter espuma abundante, eficaz e refrescante.

Quero um creme dental que combata as cáries.



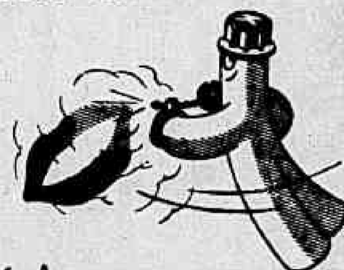


Kolynos combate as cáries!

Experiências científicas demonstram que Kolynos destrói cêrca de 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das dolorosas cáries.

Quero um creme dental que perfume o hálito.





Kolynos perfuma o hálito!

A espuma refrescante de Kolynos perfuma o hálito e deixa na bôca uma duradoura e incomparável sensação de saúde e bem-estar.



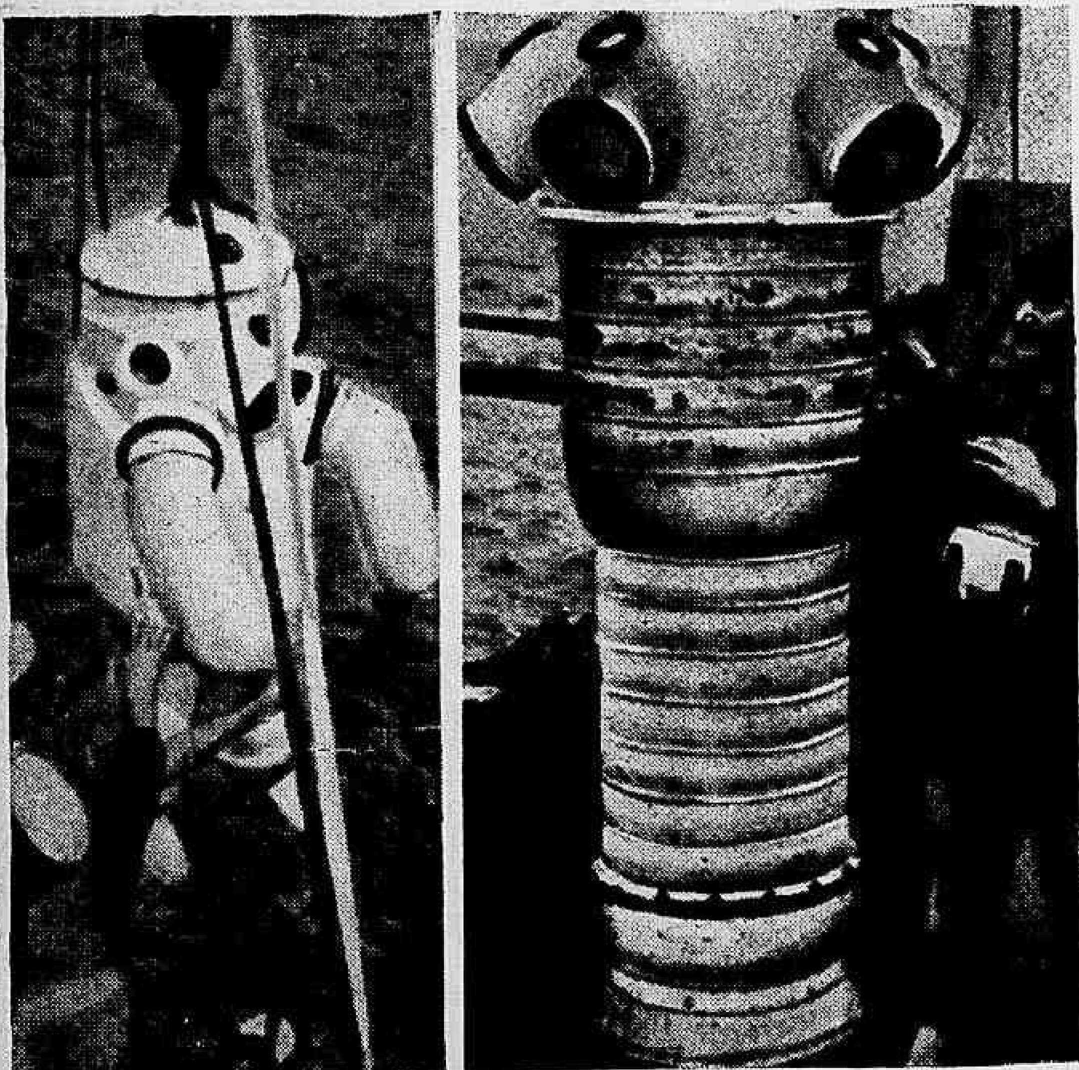


Cante com "SEU" KOLYNOS

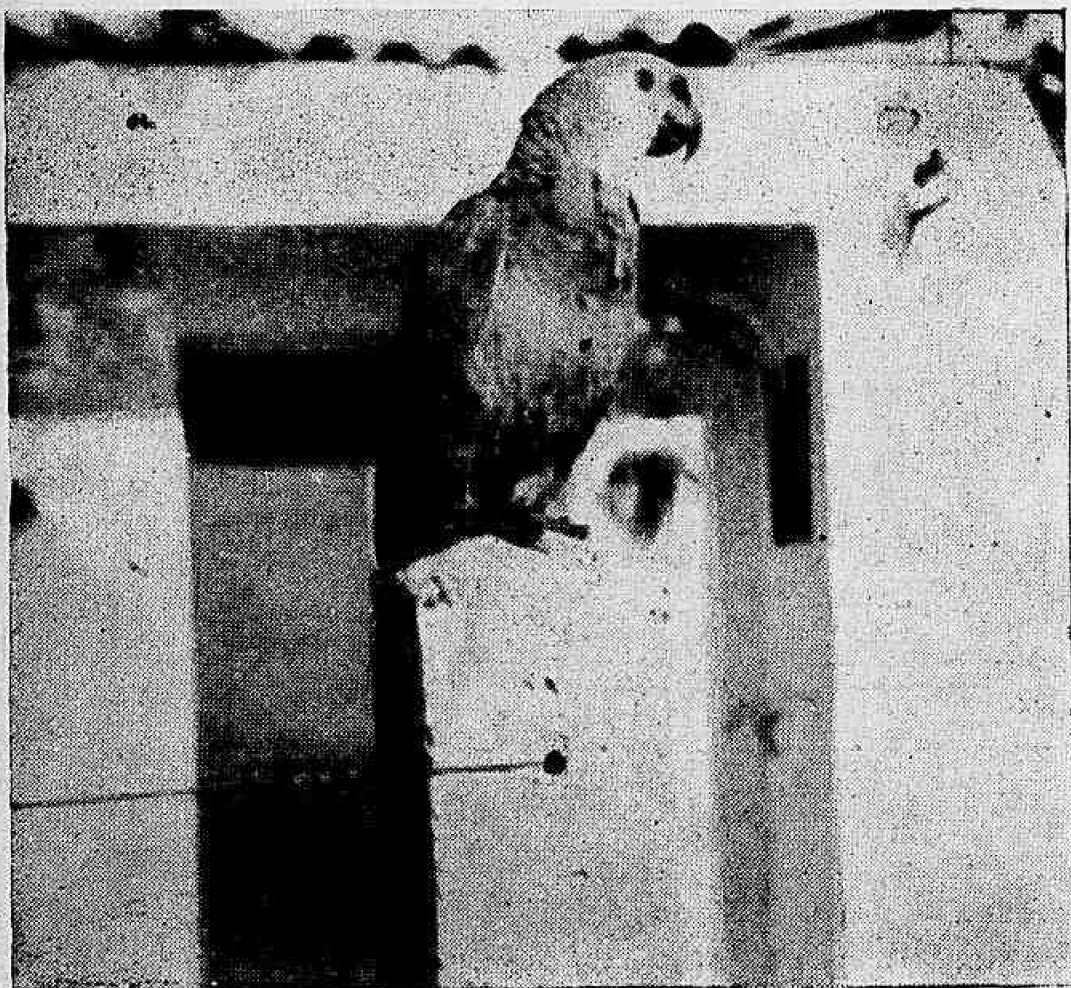
2 vêzes ao ano visite o dentista

3 vêzes ao dia seja Kolynos-ista

K 628-R



O escafandrista dos abismos com sua monstruosa cobertura de aço já conseguiu descer 125 metros de profundidade. Alberto Gianni, mostra-nos a sua luneta de observação, por êle inventada. O heróico aventureiro do abismo marinho, conseguiu a bordo do Artiglio I atingir os 200 metros, com a ajuda de sua importante invenção engenhosa. O escafandro metálico é construido de aço especial. A parte principal é uma espécie de tôrre cilíndrica onde se aloja o escafandrista. A respiração é feita através de uma máscara e o ar passa antes por uma caixa de soda cáustica.



A chuva de granizo que últimamente caiu sôbre o Distrito Federal destruiu muitas habitações na faixa suburbana do Rio. Desabou um vendaval e a tempestade de gêlo caiu inesperadamente. Aqui vemos as ruinas de uma casa completamente danificada. Além dos casos tristes a catástrofe provocou êsse caso pitoresco. Prêso à coluna o papagaio presenciou, espantado, tôda aquela calamidade. Passado o temporal, o louro que teve a boa sorte de não ser alvejado com um petardo de gêlo, olhando as ruinas, parece que nos diz na sua filosofia de papagaio: Mas que brincadeira de mau gôsto!

Tudo isto

Está multado!



BIRIGIR veículo no Distrito Federal é muito difícil e perigoso, e essa dificuldade como todo o seu cortejo de perigos aumenta sempre que há consertos no leito das ruas. O que está sucedendo agora entre as estações do Rocha e Riachuelo, é de pasmar. Estão fazendo ali grandes obras, removendo-se calçamentos, trilhos da "Light", etc., o que forçou a unificação da "mão" para veículos que vão da cidade para a zona Norte, estando impedido o trânsito de carros que vêm do subúrbio para a cidade. Até aí, tudo certo. Mas acontece o seguinte: os motoristas que desconhecem a situação, vindo atrás de bondes, não podem ver a placa, especialmente à noite, e vão entrando na zona proibida. Depois de percorridos uns quinhentos metros, eis que surge o guarda do trânsito e lhe anota o número do carro. Está multado! E' inútil protestar. Não vale a pena procurar esclarecer que a infração só se deu em virtude da ausência de um guarda lá no começo do trecho em obras, e não no final. O caso se parece muito com o "jiqui", aparêlho de taquara e bambu fabricados pelos nordestinos para apanhar peixe em rios encachoeirados. O "jiqui" tem uma embocadura que é um amor. Mas, no final da "esparrela" há um cone sem saída. No fim aparece o pescador e segura o peixe. Assim está fazendo o Serviço de Veículos naquele trecho. Deixa o "rabo de peixe" passar. Tudo azul. Mas no finzinho...

Aconteceu no Pará

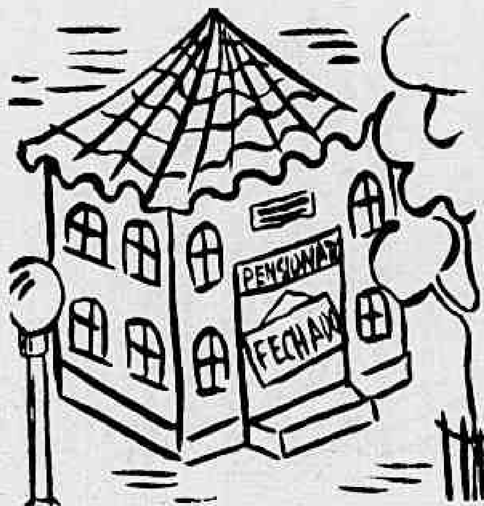
Belém, a linda e poética cidade à beira do Guamá, com o seu "Ver o Pêso", seus misteriosos arredores ensombrados de mataria agreste, seus açaís saborosos, foi teatro de um episódio tragi-cômico no dia primeiro de junho. Estava o "Itapé" na iminência de deixar o cais em demanda mar alto, quando, rompendo a massa de gente que estava aglomerada no cais, e que ali fôra levar suas despedidas a pessoas que iam viajar, sôbre as escadas do navio e procura aflitivamente alguém que deveria estar em seu camarote. E se dá o encontro. Êle, um cidadão de certa idade, muito gordo e suando em bicas, ao deparar a mulher a quem procurava, censura-a acerbadamente, reprovando-lhe o procedimento e ameaçando desembarcá-la. Mas sucede que havia outro homem ali no beliche. Era o "rival" do senhor gordo e angustiado. O comandante interveio. E tudo se esclareceu. Ela, aborrecida de viver com o seu legítimo espôso abençoado no altar e permitido pelas leis civis, decidira deixá-lo e viajar para o sul com o "outro", o vice-espôso, a quem amava loucamente. Declarou isso com a maior serenidade. Como não houvesse nenhum crime, e sim, um procedimento de fôro íntimo, de consciência, o comandante nada pôde fazer. "Entre marido e mulher não metas tua colher", diz o provérbio. E o espôso legítimo, não tendo obtido nada com ameaças, serenou, fêz cara de chôro e desceu as escadas a enxugar as lágrimas. E ela, a ingrata, seguiu para o sul, enquanto êle ficava "desnorteado"...



Aconteceu

Fecharam o Pensionato

FAZIA três anos que a Sra. Nini Miranda, presidente da "Associação das Donas de Casa em Defesa do Lar", fundara o Pensionato para Moças, uma instituição eminentemente social e de amparo a jovens do sexo feminino, necessitadas de apoio moral e material. Como sempre sucede, tais instituições, quando mantidas por pessoas abnegadas, capazes de sofrer diante do infortúnio alheio, raramente podem manter-se com os seus próprios recursos, pelo esfôrço de fundadores e associados. Se o poder público não vier em socorro, com alguma subvenção suficiente para cobrir "deficits", tudo ruirá irremediàvelmente. Nem sempre a fé remove montanhas. Isso era no tempo em que havia um Cristo para multiplicar os pães, ou um Moisés para fazer jorrar água de penedos ressequidos. E a Diretoria do Pensionato de Moças ia-se arranjando como Deus era servido. Mas as coisas estão encarecendo a cada hora que passa. Um Pensionato é sempre uma casa de solidariedade humana. Não tem outro recurso que não o da contribuição particular; não pode manter-se senão pelo desvêlo de seus fundadores, que muito trabalham e nada ganham. Caridade cristã. E dona Nini Miranda chegou à conclusão de que o Pensionato não podia mais manter-se. Convocou a Diretoria, expôs a situação e ficou decidido fechá-lo. Se o custo das coisas baixar, é possível que se reabra o Pensionato. se não...



Recorde de im osto



SEGUNDO informações da Divisão do Imposto de Renda, o recorde até agora existente era o de um cidadão (ou firma) lá de São Paulo, que havia pago nada mais, nada menos de oitenta milhões de cruzeiros ao Tesouro Nacional para ficar quite com o erário. Oitenta mil contos de réis de imposto de renda! Importância maior do que a receita arrecadada de vários Estados da Federação. E' muita coisa. Pois já aconteceu que o recorde de oitenta milhões foi batido e assumiu a liderança um outro magnata com apenas 106 milhões de cruzeiros. Isto é, mais de 106 milhões, conforme nos diz a repartição arrecadadora lá de São Paulo. E' curioso, porém, que não se tenha divulgado o nome do "santo". Sòmente o milagre veio a lume como se o contribuinte estivesse cauteloso, temendo o assédio dos agentes de seguros de vida. Até muito pouco tempo, quando um segurador descobria que determinado indivíduo estava pagando grandes somas ao Tesouro Nacional em forma de imposto de renda, nada mais fácil de que convencê-lo da bobagem que ia fazer. O mais seguro era autorizar uma operação genialmente descoberta por agentes de seguros de vida, com "empréstimos" e "seguros totais" a prazo curtíssimo, mediante o que o contribuinte ficaria segurado por determinado tempo, por importâncias vultosíssimas, "de graça"! Houve agentes que fizeram, num só ano, mais de cem milhões de cruzeiros de seguros. Mas a Fazenda destruiu a manobra.



ESTA foto representa uma pobre mãe entregue à sua dôr, quando descobriu entre os cadáveres da trágica explosão, o cadáver de seu malogrado filho José Maglocco, pereceu juntamente com seus desventurados companheiros nas galerias subterrâneas que ligam Volturno a Garigliano. 39 mineiros que travalhavam no interior das minas, foram soterrados vivos, sem que houvesse possibilidade de salvamento. A explosão causou o desabamento de tôdas as galerias. Cena como esta constituiu a sequência que seguiu o sinistro.

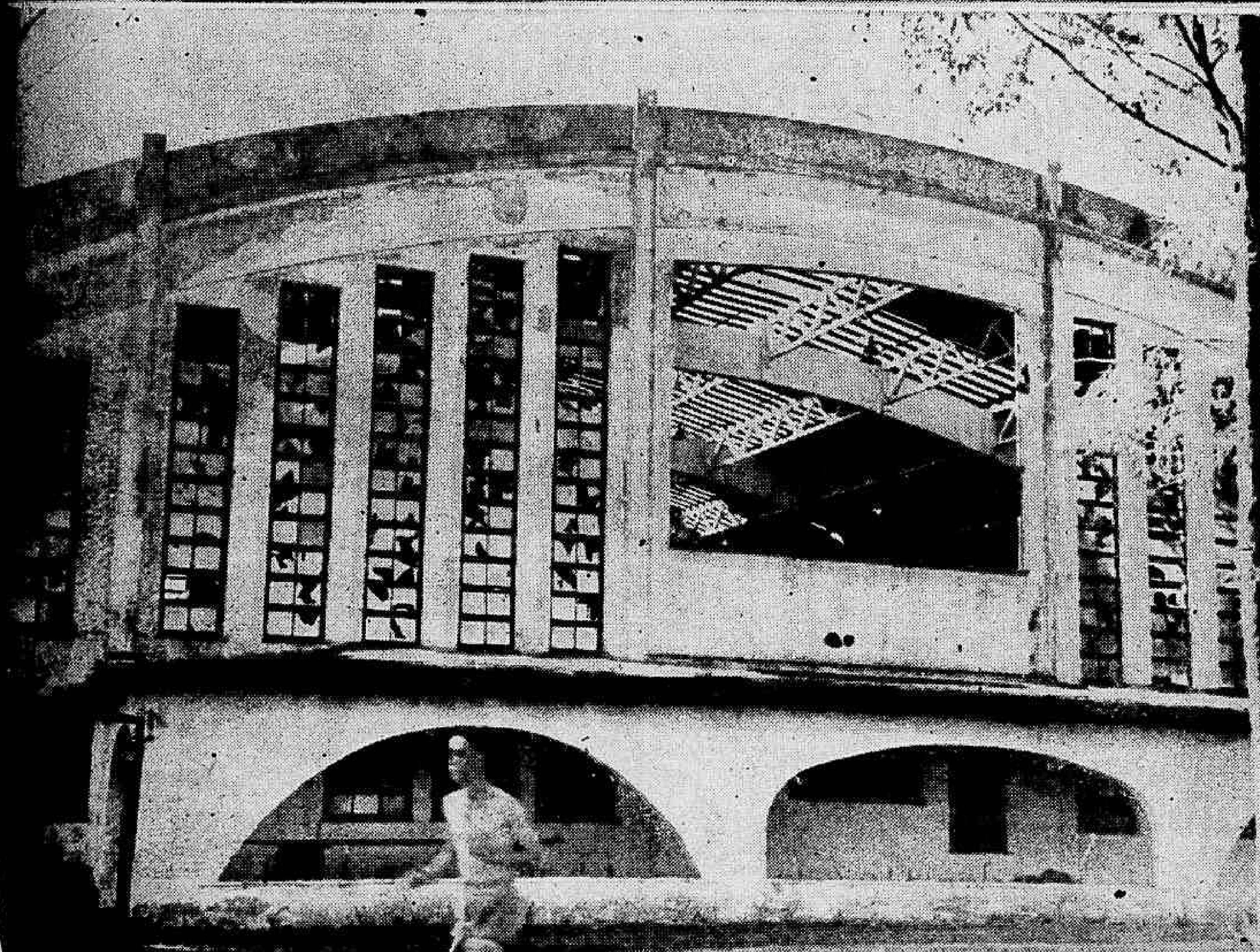




Saraivada sôbre o Rio

(Continuação)

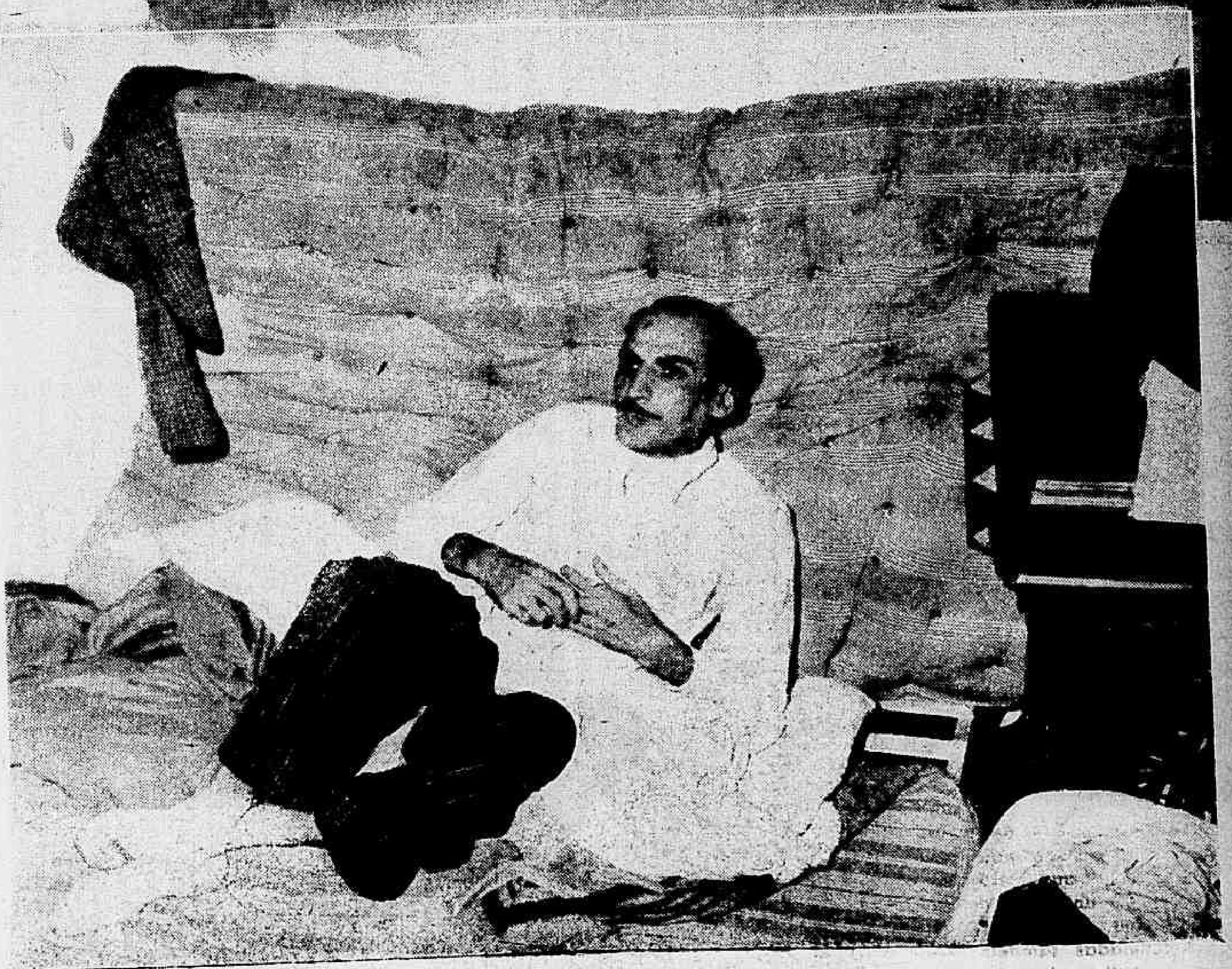




AQUI vemos um aspecto final da tempestade que desabou sôbre a faixa suburbana do Rio, na manhã do dia seis. Ruas inteiras ficaram completamente inundadas pela en xurrada, paralisando o trânsito por várias horas seguidas. Cenas de desespêro se verificaram nas residências invadidas pela água. Os conjuntos residenciais do I. A. P. C. e da Fundação da Casa Popular, foram bastante atingidos. Em outras partes a fúria do temporal fôra maior. Destelhou casas causando danos irre-



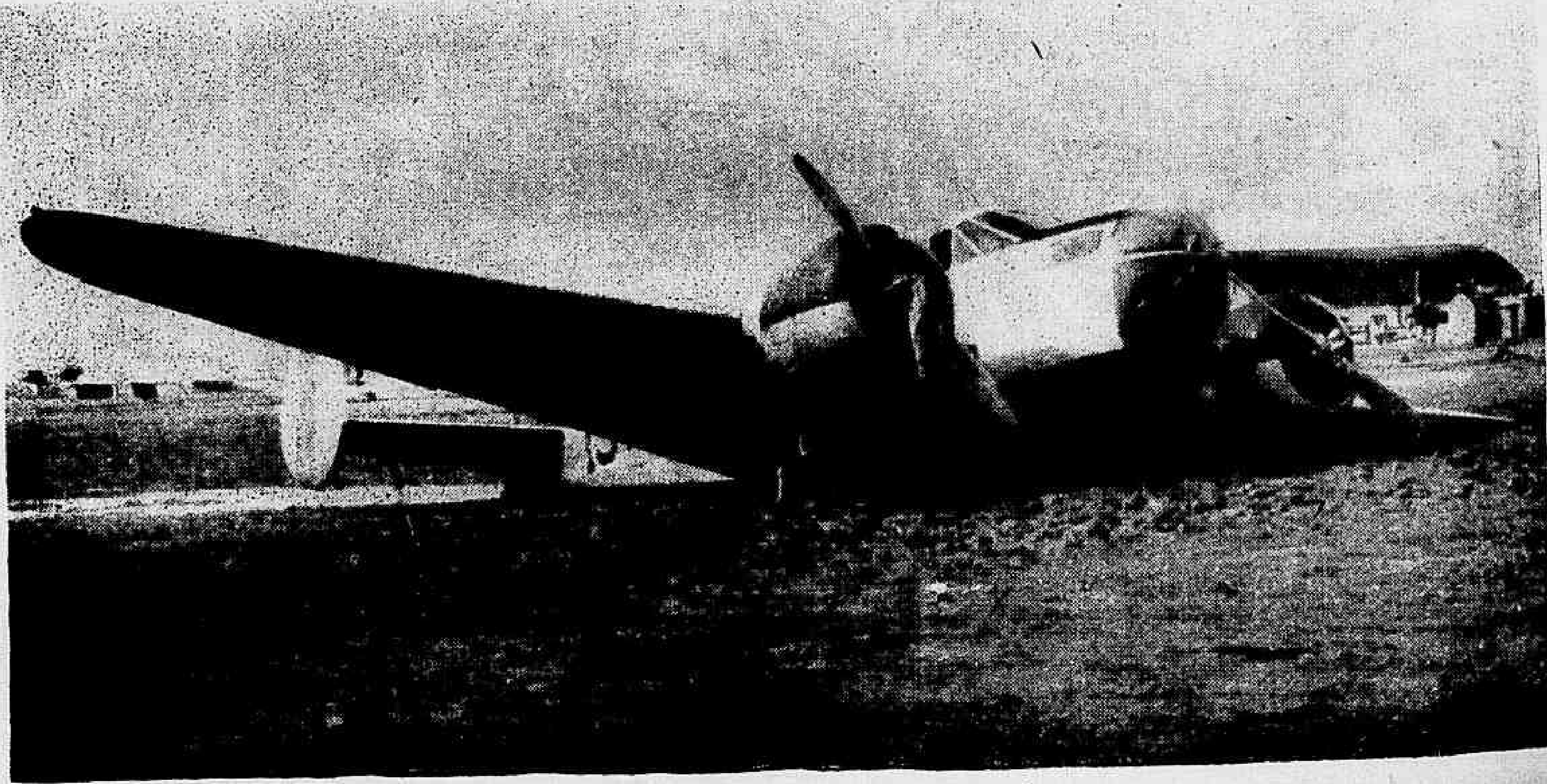
paráveis aos seus desolados proprietários. As habitações menos seguras, como as favelas dos morros foram totalmente arrazadas, deixando famílias inteiras desabrigadas. Este cidadão, ao lado, parece absorto em muda reflexão diante do infortúnio que duramente lhe destruiu a casa. Famílias inteiras ficaram na mesma situação. Inúmeros feridos e alguns mortos temos que lamentar nessa catástrofe de gêlo que, de improviso, nos assaltou.



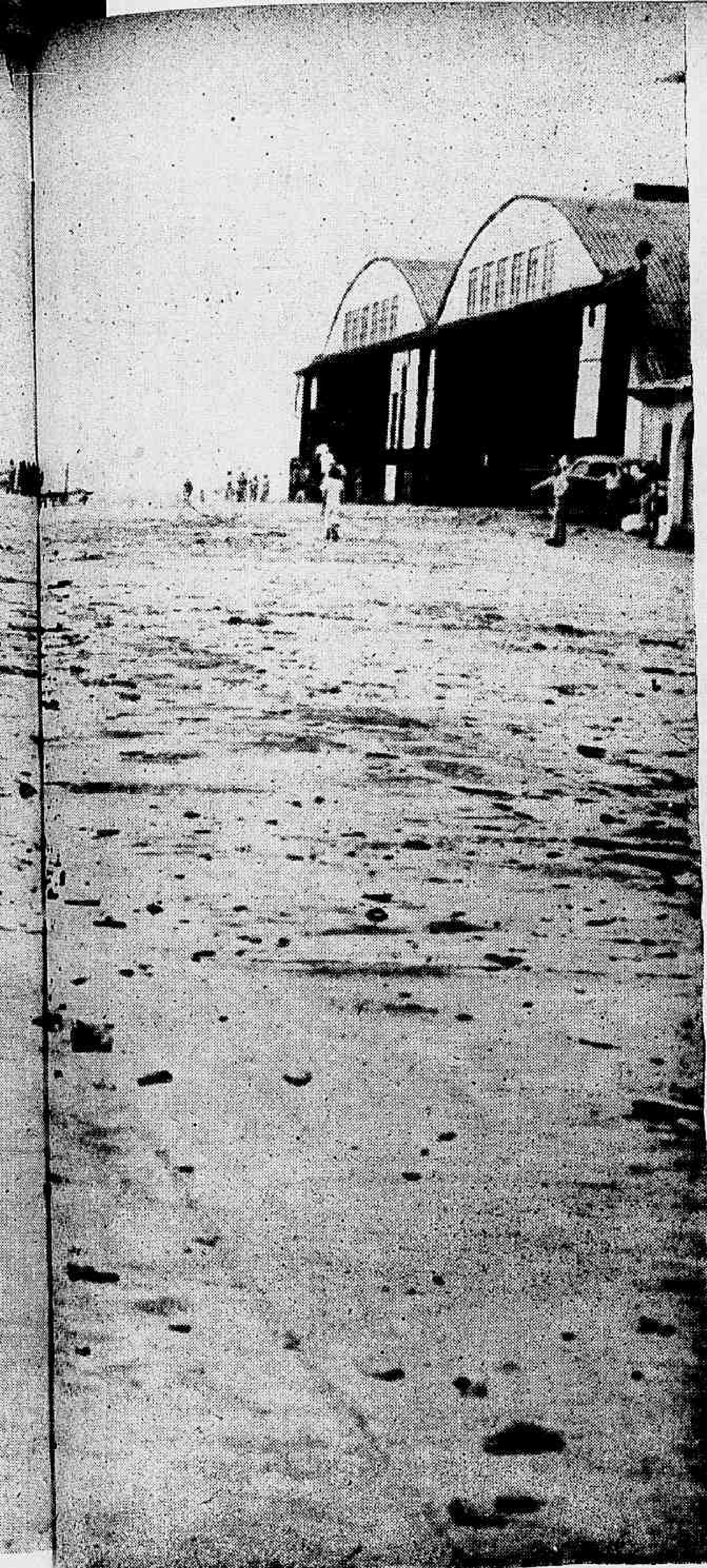
Saraivada sôbre o Rio



Vista geral do Parque de Aeronáutica do Campo dos Afonsos completamente inundado pelo turbilhão da enxurrada que caiu na maior chuva de pedras até então registrada.



Um dos aviões de treinamento avariado pelo forte temporal que danificou mais 18 unidades de treinamento. Um "Lodstar" de 2 toneladas também ficou muito estragado.



O PARQUE da Aeronáutica do Campo dos Afonsos, foi outro lugar que ficou completamente inundado. Os danos e prejuízos causados pelas águas foram enormes. Os blocos de gêlo danificaram inúmeros aviões de treinamento, inclusive um "Lodstar". A ventania que era fortíssima atingiu nas imediações do Campo dos Afonsos a espantosa velocidade de 180 quilômetros horários. No galpão grande da garage foram avariados 15 carros. Calcula-se em milhões de cruzeiros a soma de prejuízos. Além disso, houve casos de morte durante o temporal, no Campo dos Afonsos.



Uma parte do galpão da garage destruida pela tempestade de gêlo. A ventania no Campo dos Afonsos alcançou a velocidade de 180 quilômetros horários. O teto ruiu todo.



Outro trecho do Parque de Aeronáutica do Campo dos Afonsos que ficou destruido. Soldados da Aeronáutica começam o trabalho de remoção dos estragos e dos destroços



FOI um minuto decisivo para os cariocas no campeonato brasileiro de futebol. Bastava apenas um "goal" para que os metropolitanos desempatassem a partida e pudessem ter direito a mais 30 minutos para conquistar o penta-campeonato nacional. Ademir, num último esfôrço, chutou com noventa por cento de probabilidades de acertar, mas quando todos já gritavam "goal", eis que o goleiro paulista, Muca, num mergulho sensacional, consegue abraçar o balão. Ademir salta por cima do goleiro para não machucá-lo, e exprime em pleno salto a sua desilusão.

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto e execução da CASA NUNES para
Mme. Paixão — R. Senador Vergueiro 154 — Rio

TAPETES FEITOS À MÃO

TAPETES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

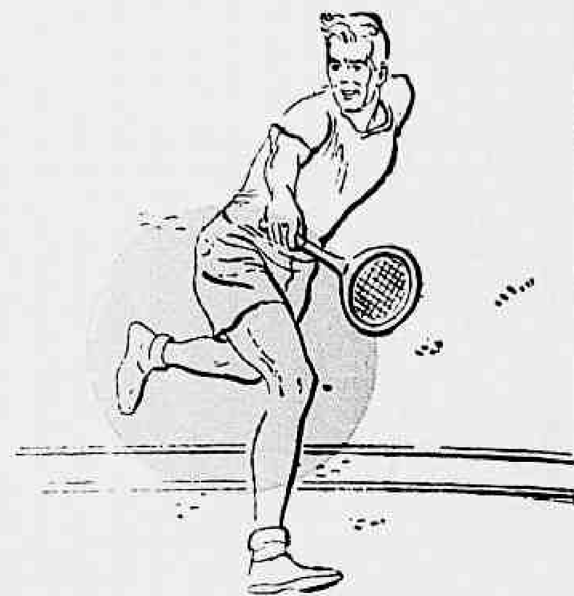
GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

sua recompensa... e nosso orgulho!





Tenis... amigos que se reunem em amável competição esportiva... elegante pretexto para apreciar as coisas boas da vida, como Hollywood - o cigarro tradicional da sociedade brasileira...

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



88.144

UM PRODUTO SOUZA CRUZ